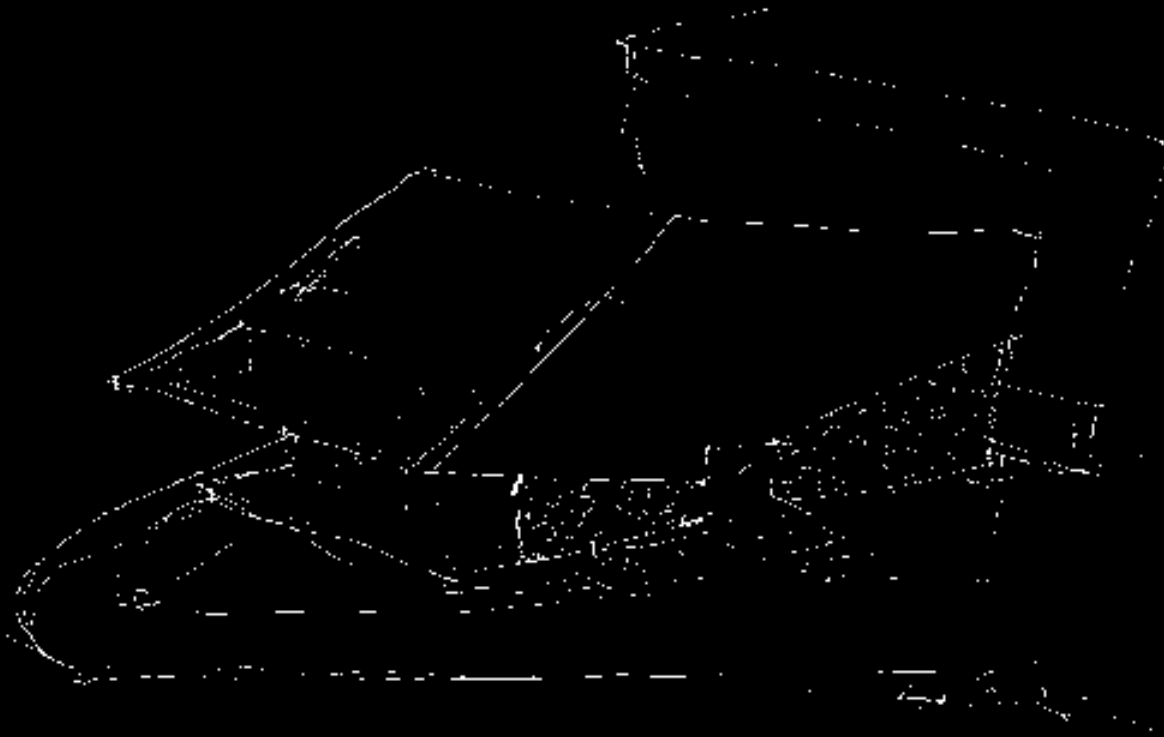


# INTERVENÇÃO ARQUITETÔNICA



**DIEGO  
C. SOUSA  
DINIZ**

**“O teatro tem que ser  
um monumento à arte,  
a todas as artes.”**

Geraldino Duda

|Croqui do Teatro Municipal  
Severino Cabral,  
esboçado por Geraldino  
Duda no dia 25.11.2019

Fonte: Autor, 2019.

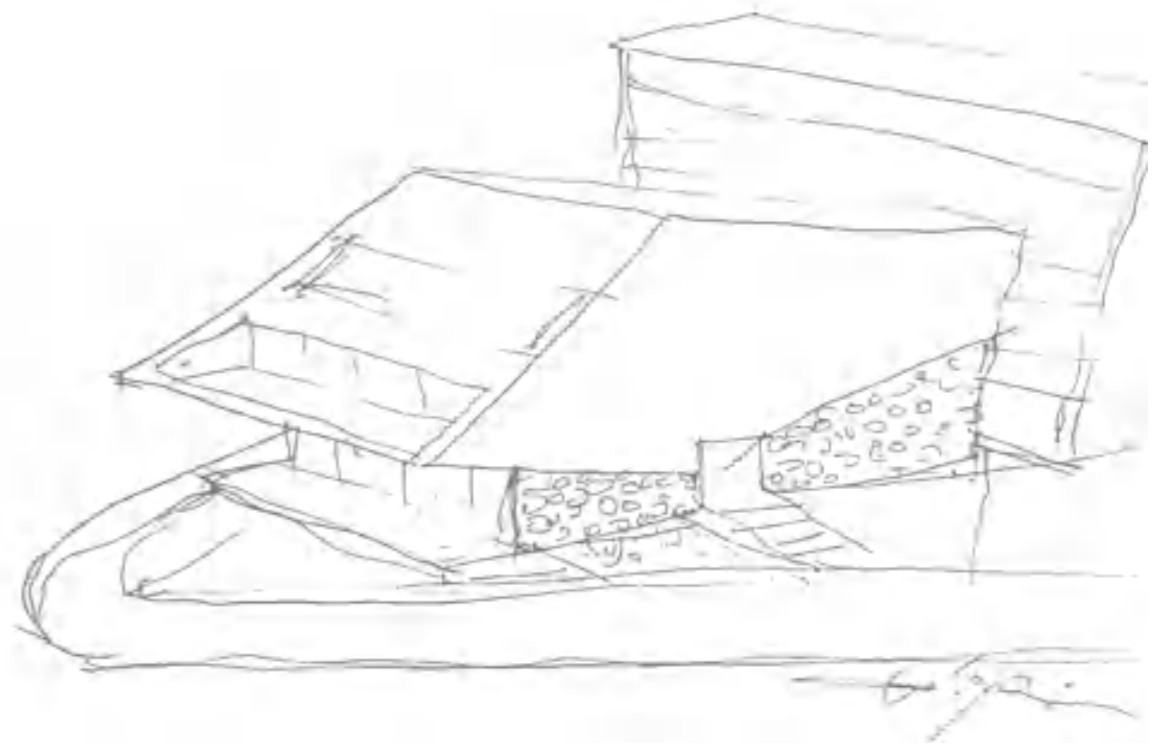




Foto: Diego Diniz, dez. 2018

Universidade Federal de Campina Grande  
Centro de Tecnologia e Recursos Naturais  
Unidade Acadêmica de Engenharia Civil  
Curso de Arquitetura e Urbanismo

**INTERVENÇÃO**  
**ARQUITECTÔNICA**

**Estudo preliminar de restauro**  
do Teatro Municipal Severino Cabral  
em Campina Grande-PB

Campina Grande, 2020



Diêgo Claudino de Sousa Diniz

**INTERVENÇÃO ARQUI(TECTÔNICA):** ESTUDO PRELIMINAR DE RESTAURO  
DO TEATRO MUNICIPAL SEVERINO CABRAL EM CAMPINA GRANDE-PB

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientação: Professora Dra. Alcília Afonso de Albuquerque e Melo

Campina Grande, 2020

D585i

Diniz, Diêgo Claudino de Sousa.

Intervenção arqui(tectônica): estudo preliminar de restauro do Teatro Municipal Severino Cabral em Campina Grande-PB / Diêgo Claudino de Sousa Diniz. - Campina Grande, 2020.

217f. : il. Color.

Monografia (Bacharel em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Tecnologia e Recursos Naturais, 2020.

"Orientação: Profa. Dra. Alcília Afonso de Albuquerque e Melo".

Referências.

1. Restauração. 2. Tectônica. 3. Conservação. 4. Intervenção. I. Melo, Alcília Afonso de Albuquerque e. II. Título.

CDU 7.025.4(043)

Dedico aos meus pais, Anália Regina e João Jurandi Diniz, pelo amor, dedicação, cuidado e apoio. Dedico porque, nos momentos mais difíceis, me trouxeram palavras de perseverança.

Trabalho de Conclusão de Curso “INTERVENÇÃO ARQUI(TECTÔNICA): ESTUDO PRELIMINAR DE RESTAURO DO TEATRO MUNICIPAL SEVERINO CABRAL EM CAMPINA GRANDE-PB”, foi apresentado por DIEGO CLAUDINO DE SOUSA DINIZ, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo outorgado pela Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Tecnologia e Recursos Naturais, Unidade Acadêmica de Engenharia Civil, Curso de Arquitetura e Urbanismo.

APROVADO EM: 04 de AGOSTO de 2020

BANCA EXAMINADORA:



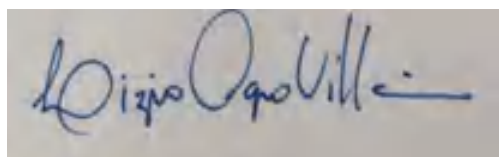
---

Prof.<sup>a</sup> Dr(a). ALCÍLIA AFONSO DE ALBUQUERQUE E MELO  
Orientadora - Presidente



---

Prof.<sup>a</sup> Dr(a) KAINARA LIRA DOS ANJOS  
Examinadora Interna



---

Prof.<sup>a</sup> Me. LÍZIA AGRA VILARIM  
Examinadora Externa

## AGRADECIMENTO

*“Todos recebemos da sua plenitude,  
graça sobre graça.”*

*(Jo 1.16)*

Àquele pelo qual recebemos plenitude e graça. O dom da vida. O ar que respiramos. O artífice e arquiteto do universo. Ao meu Deus, Senhor e Salvador Jesus Cristo, agradeço.

Agradeço aos meus pais, que sempre me ensinaram sobre simplicidade e essencialidade. À Mariana, Mailson e Márcia, meus irmãos, que sempre me apoiaram. Aos meus sobrinhos, que tanto me alegam e me ensinam sobre ser criança, Joel Neto e Anna Maria, essa vitória é nossa.

Aos meus avós maternos, Regina Pedrina e Claudino Tibertino (*in memoriam*), e avós paternos, Izabel de Jesus e João Diniz (*in memoriam*), que me ensinam sobre a brevidade do tempo. Agradeço também aos meus tios e primos. Agradeço especialmente minha madrinha Rilvete, que tanto contribuiu para realização desse sonho.

Aos meu amigos, de longe ou de perto, que de alguma forma contribuíram para a conclusão de mais uma etapa. Em especial, Déborah Duarte, Ingrid Oliveira, Julia Leite, Roberta Rodrigues e Sabrynna Salles, que compartilharam não só os desafios e aprendizados da graduação, mas, um pouco das suas vidas. Assim como tantos outros que Campina me presenteou.

Aos meus amigos e irmãos na fé, que compartilham das suas vidas todas as semanas - a conexão transplante: Artur Andrade, Lucas Bernardino, Lucas Daniel, Felipe Cleuton, Victor Palhares, Isac Montenegro e João Gabriel. Vocês são um presente de Deus.

Agradeço também a Igreja Cidade Viva e todos os amigos que lá encontrei, que me acolheram de forma tão especial. Em particular: Huggo Barros, Renata Agra, Aurizabel Cordeiro, Bruno Farias, Adriana Siqueira, Andrei Torres, Diva Palhares e Ricardo Guimarães.

Agradeço aos meus amigos do IFPB - o INTED, pelos quais, esse sonho brotou. Em especial, a professora Wilma Fernandes, que me fez sonhar com arquitetura.

Agradeço à UFCG e todos os professores que contribuíram na construção do conhecimento adquirido. Também sou grato a todos os meus colegas da turma 2015.2, pelos momentos de sofrimento compartilhados, mas também pelos bons momentos, aventuras e viagens.

Por fim, agradeço ao Grupo de Pesquisa Arquitetura e Lugar - GRUPAL, pelas oportunidades de pesquisa e extensão, em especial, minha professora e mentora Alcília Afonso, que acreditou em mim, e me ajudou no percurso até aqui.



*“Não nos cabe já saber  
das cores do porvir  
mas é de imaginar à vontade  
que tudo há de ser bem mais  
do que se pode ver aqui e agora*

*Todo o bem da vida já sabemos de onde vem  
é dádiva de quem nos leva  
e tem muito mais além”*

*(Crombie)*

**RESUMO E  
ABSTRACT**

## RESUMO

Projetado em 1962 por Geraldino Duda, o Teatro Municipal Severino Cabral (TMSC), objeto de estudo deste trabalho, localiza-se em Campina Grande, agreste Paraibano. Implantado no centro da cidade e às margens da Avenida Floriano Peixoto, o Teatro Municipal nasceu como símbolo campinense de modernidade, progresso e cultura. Propõe-se como objetivo geral, desenvolver um estudo preliminar de restauro do Teatro Municipal Severino Cabral, visando sua preservação e adequação às normas atuais de acessibilidade, assim como propor atualizações funcionais. Os edifícios possuem uma determinada vida útil, “nascem” e “envelhecem”, e ao longo desse processo que compreende desde sua concepção arquitetônica e estrutural, escolha de materiais construtivos, execução da obra e uso, podendo sofrer diversos danos consequentes da falha de uma (ou mais) dessas etapas (LICHTENSTEIN, 1985). Podemos perceber essa situação no TMSC, que após 50 (cinquenta) anos de sua construção, o mesmo apresenta uma somatória de danos decorrentes desses fatores. O referencial teórico consiste nas discussões relacionadas à conservação da arquitetura moderna publicadas por ZANCHETI (2004), MOREIRA (2010) e DINIZ (2019); os estudos da tectônica expostos por AMARAL (2009); e os conceitos de intervenção

e restauro no patrimônio edificado tratado por BRANDI (2013), KUHL (2018, 2015) e RIBEIRO (2016). O aporte metodológico segue a análise das Dimensões da Arquitetônica propostas por AFONSO (2019), os métodos de projeto da Forma Moderna propostas por PIÑÓN (2006) e a Forma Pertinente proposta por MAHFUZ (2004), para análise dos estudos de casos.

Palavras-chave: Tectônica; Conservação; Intervenção; Restauração;

## ABSTRACT

Designed in 1962 by the draftsman (later a civil engineer by training) Geraldino Duda, the Teatro Municipal Severino Cabral, object of study of this work, is located in Campina Grande, in the rough of Paraiba. Implanted in the city center and on the banks of Avenida Floriano Peixoto, the Municipal Theater was born as a symbol from Campinas of modernity, progress and culture. It is proposed as a general objective, to develop a preliminary study of restoration of the Municipal Theater Severino Cabral Ribeiro, aiming at its preservation and adaptation to the current accessibility norms, as well as its functional updating. Buildings have a certain useful life, “are born” and “age”, and throughout this process, which includes, since their architectural and structural conception, choice of construction materials, execution of the work and use, buildings can suffer several damages resulting from failure one (or more) of these steps LICHTENSTEIN (1985). We can see this situation at Teatro Municipal S. C., 50 (fifty) years after its construction, which presents a sum of damages resulting from these factors. The theoretical framework consists of the discussions related to the conservation of modern architecture published by ZANCHETI (2004), MOREIRA (2010), DINIZ and AFONSO (2019), the tectonic studies carried out by AMARAL (2009); and the concepts of in-

tervention and restoration in the built heritage treated by BRANDI (2013), KUHL (2018, 2015) and RIBEIRO (2016). The methodological contribution follows the analysis of the Architectural Dimensions proposed by AFONSO (2019), the Modern Form design methods proposed by PIÑÓN (2006) and the Relevant Form proposed by MAHFUZ (2004) for the analysis of the case studies.

Keywords: Tectonics; Conservation; Intervention; Restoration;

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Registro da construção do Teatro Municipal Severino Cabral	35	Figura 28	Revestimentos e texturas	144
Figura 02	Inauguração parcial do Teatro Municipal Severino Cabral	36	Figura 29	Composição formal do TMSC	148
Figura 03	Relação urbana entre o TMSC e seu entorno	39	Figura 30	Detalhe patologia - perda de material	150
Figura 04	Esquema metodológico	65	Figura 31	Detalhe da perda de material e crosta negra	152
Figura 05	Fluxograma para análise de problemas patológicos	69	Figura 32	Diagrama conceitual	164
Figura 06	Princípios de intervenção	76	Figura 33	Articulação do edifício com a cidade	168
Figura 07	Ópera de Oslo	85	Figura 34	Circulação	172
Figura 08	Proposta de intervenção no Teatro Cultura Artística	89	Figura 35	Coberta metálica	177
Figura 09	Proposta intervenção Teatro Castro Alves	93	Figura 36	Mapa de análise ambiental: caracterização geral, vegetação e relevo	182
Figura 10	Mapa de entorno do TMSC	102	Figura 37	Mapa de análise ambiental	183
Figura 11	Notificação de cadastramento do TMSC pelo IPHAEP	104	Figura 38	Mapa de análise ambiental	185
Figura 12	Mapa de localização de Campina Grande-PB	106	Figura 39	Organograma	190-191
Figura 13	Geraldino Duda em Dez. 2019	109	Figura 40	Situação e coberta	194
Figura 14	Cursos de desenho por correspondência do Instituto do Monitor	111	Figura 41	Subsolo e Térreo	195
Figura 15	Linha do tempo TMSC	114-115	Figura 42	1º e 2º pav.	196
Figura 16	Fases do TMSC (1963-1988)	116-117	Figura 43	3 e 4º pav.	197
Figura 17	Mapa da dimensão espacial externa	118	Figura 44	Corte AA e BB	198
Figura 18	Esquema da dimensão espacial externa	121	Figura 45	Fachada sul e leste	199
Figura 19	Esquema da dimensão espacial interna	123	Figura 46	Perspectiva geral	200
Figura 20	Esquema de setorização	124-125	Figura 47	Perspectiva geral do estacionamento	201
Figura 21	Planta baixa 1º e 2º pavimento	126	Figura 48	Perspectiva da saída de emergência	202
Figura 22	Planta baixa 3º 3 4º pavimento	128	Figura 49	Fluxo de saída da rampa de emergência	203
Figura 23	Planta baixa 5º e 6º/7º pavimento	130	Figura 50	Detalhe da estrutura atirantada	204
Figura 24	Estrutura de suporte TMSC	137	Figura 51	Detalhe da estrutura da coberta e dos acessos ao elevador e PNE	205
Figura 25	Esquadrias de vidro e brises metálicos	138	Figura 52	Acesso pela Av. Dom Pedro II	206
Figura 26	Coberta	140	Figura 53	Acesso pela Av. Floriano Peixoto	208
Figura 27	Detalhes	142			

# LISTA DE QUADROS

Quadro 01	Resumo das sete dimensões	72
Quadro 02	Resumo do quaterno contemporâneo	79
Quadro 03	Estudo de caso internacional	86-87
Quadro 04	Estudo de caso nacional	90-91
Quadro 05	Estudo de caso regional	94-95
Quadro 06	Pontos de interesse dos estudos de caso	96-97
Quadro 07	Reformas que ocorreram no TMSC	133-134
Quadro 08	Resumo dos danos	154-155
Quadro 09	Tabela do estado de conservação	157
Quadro 10	Pontos importantes da legislação referência	186
Quadro 11	Programa original, atual e proposto	188-189
Quadro 12	Diretrizes e ações	192-193



## **SUMÁRIO**

# 01

**aporte teórico**

1.1 Tectônica	46
1.2 Conservação	48
1.3 Intervenção	53
1.4 Restauro	57

# 02

**metodologia**

2.1 Análise das dimensões	64
2.2 Método de projeto “A Forma Moderna”	73
2.3 Metodologia da Forma Pertinente	77
2.4 Análise dos estudos de caso	83

# 03

**análise arquitetônica**

3.1 Dimensão normativa	103
3.2 Dimensão histórica	106
3.2.1 Geraldino Duda	109
3.2.2 Teatro M. S. Cabral	112
3.3 Dimensão espacial	117
3.4 Dimensão tectônica	137
3.5 Dimensão funcional	147
3.6 Dimensão formal	151
3.7 Dimensão da conservação	153

# 04

**proposta**

4.1 Memorial justificativo	163
4.1.1 Articulação do edifício com a cidade	166
4.1.2 Articulação entre os pavimentos, acessibilidade	171
4.1.3 Articulação programática e diversidade de usos	173
4.1.4 Articulação entre o novo e o existente	178
4.2 Análise ambiental	179
4.2.1 Caracterização Geral	179
4.2.2 Relevo, Vegetação e Hidrografia	180
4.2.3 Uso e Ocup. do Solo, Carac. Urbana e Transportes	181
4.2.4 Caracterização ambiental	184
4.2.5 Legislação	186
4.3 Dados Projetuais	187
4.4 Proposta	192
CONCLUSÃO	211
REFERÊNCIAS	214
APÊNDICE	



# INTRODUÇÃO



*O poder público, representado pelo prefeito Severino Bezerra Cabral - que mais tarde daria nome ao Teatro, sensibiliza-se com a causa dos artistas. Vitória. Nasce o Teatro Municipal de Campina Grande, no dia 30 de novembro de 1963 (...) Considerado um teatro moderno para os padrões da época, o edifício era condizente com a imagem de progresso que a cidade ostentava, respondia ao clima de autoafirmação e de otimismo progressista da Campina Grande da década de 60. O Teatro Municipal se materializava como um templo da arte, com sua arquitetura e frequência dos espetáculos, numa prova que o progresso econômico observado na cidade merecia uma resposta cultural a altura. (TEATRO SEVERINO CABRAL, 2005, s/p)<sup>1</sup>*

<sup>1</sup> [Site institucional]. Disponível em: <[https://web.archive.org/web/20050406150756/http://www.teatroseverinocabral.com.br/base\\_artigo.php?id=38](https://web.archive.org/web/20050406150756/http://www.teatroseverinocabral.com.br/base_artigo.php?id=38)>. Acesso em: Maio de 2020.

É no cenário de industrialização, progresso, irradiação econômica e modernidade, que o objeto de estudo deste trabalho - o Teatro Municipal Severino Cabral (TMSC) - se insere como uma das obras mais significativas e de vasta repercussão para os padrões da época, segundo QUEIROZ e ROCHA (2007). Na Figura 1 observa-se um registro de sua construção no início da década de 1960.

Neste trabalho, tem-se como objetivo geral, desenvolver um estudo preliminar de restauro do TMSC, visando sua preservação e adequação às normas atuais de acessibilidade, assim como, propor atualizações funcionais.

Para esse fim, terá como subsídio estudos desenvolvidos anteriormente por DINIZ (2019), autor deste trabalho, na pesquisa científica intitulada: 'Tectônica da Modernidade: Desafios para a Preservação da Arquitetura Moderna em Campina Grande.'

Os objetivos específicos estão compreendidos em três pontos: a) promover discussão relacionada as necessidades de conservação dos edifícios modernos em Campina Grande-PB, destacando as dificuldades de gestão do patrimônio edificado; b) propor medidas de conservação, referentes aos danos resultantes dos processos de descaracterização e de patologias construtivas; e, c) refletir

Figura 1 | Registro da construção do Teatro Municipal Severino Cabral

Fonte: Blog Retalhos Históricos de Campina Grande<sup>1</sup>. Editado pelo autor, 2020.

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://cgrethalhos.blogspot.com/2012/11/teatro-municipal-severino-cabral.html#.XuUPpKzQgml>>. Acesso em: Jan. 2020.





Figura 2 | Inauguração parcial do Teatro Municipal Severino Cabral

Fonte: Blog Retalhos Históricos de Campina Grande<sup>2</sup>

sobre processos de intervenção no patrimônio edificado, a partir da compreensão do objeto arquitetônico em suas mais diversas dimensões (geográfica, normativa, histórica, funcional, formal, espacial, tectônica e da conservação).

Nesse sentido, enfatiza-se a dimensão tectônica, enquanto meio analítico da expressão construtiva, “a arte da construção”, segundo FRAMPTON (1995). Essa noção possibilita aprofundar o entendimento da “arqui(tectônicas)” do objeto de estudo, juntamente com as outras dimensões analíticas.

Este trabalho justifica-se por ter como objeto de estudo um edifício importante da cidade de Campina Grande-PB, que faz parte da paisagem da cidade e do cenário cultural (Figura 2), de tal maneira que, foi reconhecido pelo IPHAEP<sup>3</sup>, em 2004, como bem de valor cultural.

Justifica-se também pelo ineditismo, nessa Instituição Pública Federal<sup>4</sup>, ao qual é apresentado este trabalho, ao propor soluções projetuais de restauro, decorrentes da compreensão dos processos de descaracterizações e degradações do objeto.

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://cgretalhos.blogspot.com/2012/11/teatro-municipal-severino-cabral.html#.XuUPpKzQgml>>. Acesso em: Jan. 2020.

<sup>3</sup> Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba.

<sup>4</sup> Universidade Federal de Campina Grande, Campus Campina Grande.

Cabe compreender que os edifícios possuem uma determinada vida útil, “nascem” e “envelhecem”, e ao longo desse processo que compreende desde sua concepção arquitetônica e estrutural, escolha de materiais construtivos, execução da obra e uso, os edifícios podem sofrer diversos danos consequentes da falha de uma - ou mais - dessas etapas (LICHTENSTEIN, 1985). Podemos perceber essa situação no TMSC, que apresenta uma somatória de danos decorrentes desses fatores.

Por se tratar de um equipamento público, e como tal, possuir como fim cumprir sua função social na cidade, ao garantir a plena apropriação de seus habitantes, vê-se a intervenção arquitetônica como meio de potencializar os usos e acessos ao TMSC.

As relações urbanas do edifício com seu entorno também precisam ser observadas. As construções posteriores comprometem a visibilidade do edifício (Figura 3), e sua implantação entre a via Floriano Peixoto (via estruturante) e a Rua Dom Pedro II (via arterial principal)<sup>5</sup>, dificultam o fluxo e acesso dos pedestres.

Justifica-se ainda pela urgência em contribuir com as discussões relacionadas aos desafios de preservar

<sup>5</sup> Classificação segundo o Plano de Mobilidade Urbana de Campina Grande de 2015, pelo mapa de Eixos de Hierarquização viária.



Figura 3 | Relação urbana entre o TMSC e seu entorno

Fonte: Leonardo Soares e Diego Diniz, dez. 2019.

e intervir no patrimônio edificado. Haja vista a necessidade de abranger não somente os grandes centros urbanos, mas também as cidades de pequeno porte que possuem valioso patrimônio edificado.

Busca-se também questionar o pensamento corporativista, de que é melhor conceber novas construções, ao invés de promover manutenção, conservação e restauração do patrimônio existente. Assim como, a prática de execução de reformas, que ocorrem sem critérios conceituais e projetuais que valorizem o patrimônio.

Ademais, existe o interesse pessoal em fortalecer a proteção e difusão da arquitetura moderna de Campina Grande, propondo à academia e a sociedade um estudo teórico e apresentando soluções práticas referentes à conservação do TMSC.

O referencial teórico consiste nas discussões relacionadas à conservação da arquitetura moderna, publicadas por ZANCHETI (2004), MOREIRA (2010), DINIZ (2019), os estudos da tectônica expostos por AMARAL (2009); e os conceitos e princípios de intervenção e restauro no patrimônio edificado tratados por BRANDI (2013), KUHL (2018, 2015) e RIBEIRO (2016).

Como aporte metodológico, segue a análise das dimensões da arquitetura propostas por AFONSO (2019), os métodos de projeto da forma moderna propostas por PIÑÓN (2006) e a forma pertinente, proposta por MAHFUZ (2004), para análise dos estudos de casos.

Este trabalho divide-se em três partes: a) parte 01: teórica - onde inicialmente serão tratados os aspectos teóricos/conceituais, metodológicos e de análise de estudos de caso; b) análise arquitetônica do objeto; e, c) parte prática/projetual, no qual será proposto o desenvolvimento do estudo preliminar de restauro do TMSC.

Seguindo essa sequência, tem-se o capítulo 1, a seguir, onde será exposto os aspectos teóricos/conceituais que fundamentam o desenvolvimento desta monografia.



Foto: Diego Diniz, dez. 2018

# 1. APORTE TEÓRICO

*(...) todo problema de intervenção é sempre um problema de interpretação de uma obra de arquitetura já existente, porque todas as formas de intervenção que surgem sempre são maneiras de interpretar o novo discurso que o edifício pode produzir. (ROSINA, 2016, p. 15, Apud SOLÁ-MORALES, 2016, p.15)*



Este capítulo trata-se do aporte teórico, onde será abordado o estado da arte, a partir da compreensão de autores que tratam sobre as palavras chaves deste trabalho: tectônica, conservação, intervenção e restauração.

## 1.1 TECTÔNICA

Para desenvolvermos o termo tectônica, foi utilizado a tese de AMARAL (2009), intitulada: “Quase tudo que você queria saber sobre tectônica, mas tinha vergonha de perguntar”.

Frequentemente definida como “arte da construção”, uma melhor compreensão da tectônica não pode passar ao lado de uma melhor compreensão da trajetória histórica do termo. Derivada do grego *tekton* (carpinteiro), a noção atravessou mais de 2000 anos de história. Sua compreensão mudou em relação ao original grego, principalmente devido às contribuições dos teóricos alemães Carl Bötticher e Gottfried Semper no século 19, e, mais recentemente, devido à notável contribuição de Kenneth Frampton (...). (AMARAL, 2009, p. 148)

Segundo AMARAL (2009), a tectônica é frequentemente definida como “arte da construção”. Sua noção atravessou milhares de anos ao longo da história e é derivada do grego *Tekton* (carpinteiro). Ao longo da história vários teóricos contribuíram para construção e compreensão deste termo, principalmente, as recentes colaborações de Kenneth Frampton, que renovou as discussões sobre tectônica.

Para Frampton a tectônica se refere, não unicamente à estrutura, mas à pele da construção (o envelope), e, assim, ao seu aspecto representacional, demonstrando que a construção é uma complexa montagem de elementos diversos. (AMARAL, 2009, p. 169)

Dessa forma, Frampton consolida a relação arquitetura e materialidade, ao definir a complexa montagem de elementos diversos da construção, não referindo-se somente à estrutura, mas todos os elementos que a compõem.

Segundo AFONSO (2019), a dimensão tectônica está relacionada com: a) estrutura de suporte; b) peles; c) cobertura; d) detalhes construtivos existentes da obra e, e) revestimentos e texturas, plasticidade e cromatismo material.

## 1.2 CONSERVAÇÃO

Existem muitos debates e entendimentos relacionados à conservação de monumentos, sítios históricos e obras de arte que possuam significação cultural.

A carta de Burra, de 1980, traz que a conservação está relacionada com os cuidados destinados a um bem para preservar suas características.

O termo conservação designará os cuidados a serem dispensados a um bem para preservar-lhe as características que apresentem uma significação cultural. De acordo com as circunstâncias, a conservação implicará ou não a preservação ou a restauração, além da manutenção; ela poderá, igualmente, compreender obras mínimas de reconstrução ou adaptação que atendam às necessidades e exigências práticas. (ICOMOS, 1980, p. 01)

A conservação tem como objetivo principal, preservar a significação cultural<sup>1</sup> de um bem, respeitando a substância<sup>2</sup> existente, seu entorno, localização histó-

<sup>1</sup> Segundo a Carte de Burra, “designará o valor estético, histórico científico ou social de um bem para as gerações passadas, presentes e futuras.” (INCOMOS, 1980, p. 01)

<sup>2</sup> Segundo a Carta de Burra, é um “conjunto de materiais que fisicamente constituem o bem.” (INCOMOS, 1980, p. 01)

rica e conteúdo que fazem parte de sua significação cultural (ICOMOS, 1980).

Compreendendo brevemente o significado de conservação, trataremos um pouco mais especificamente sobre a conservação da arquitetura moderna, que, para as novas gerações, está relacionada ao seu reconhecimento enquanto patrimônio cultural do século XX (MOREIRA, 2010).

Dentro da disciplina da conservação, a arquitetura moderna apresenta novos desafios que compreendem às dimensões técnica e material, teóricas da conservação, e suas especificidades, tais como a questão de funcionalidade, materialidade, infraestrutura, manutenção, suas pátinas, seu reconhecimento e tombamento (MOREIRA, 2010).

Para MOREIRA (2010), o valor da arquitetura moderna não reside apenas em sua materialidade, mas na forma como esses materiais foram articulados na criação do espaço. “Na conservação da arquitetura moderna, é preciso encontrar um equilíbrio entre a autenticidade do espaço e o respeito pela autenticidade material.” (MOREIRA, 2010, p.18).

Para ZANCHETI (2014), a conservação é um senso amplo, que abarca a preservação e o restauro, sendo esses, ações particulares para a conservação.

A preservação está relacionada ao mantimento do objeto, justamente como ele é, procurando evitar qualquer tipo de alteração, enquanto que a restauração, trata de modificar o aspecto do objeto patrimonial, evidenciando sua distinguibilidade (ZANCHETI, 2014).

A conservação da arquitetura moderna existe há algum tempo. No Brasil, alguns exemplares do modernismo brasileiro foram tomados alguns anos após a sua construção, como foram os casos da Igreja da Pampulha de Niemayer e a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP de Artigas. Entretanto esses casos são exceções. A regra tem sido a da destruição sistemática ou da reforma sem considerações sobre a importância patrimonial dos edifícios. (ZANCHETI, 2014, p. 11)

ZANCHETI (2014) levanta a problemática das destruições sistemáticas ou das reformas que não consideram a importância patrimonial dos edifícios. Esses problemas tem sido de grandes proporções ao considerar a pequena parcela do patrimônio moderno contemplado por ações de conservação.

A Carta de Veneza de 1964, trata que a conservação

exige, antes de tudo, manutenção permanente. Esse aspecto revela a importância da gestão. A grande dificuldade atualmente de conservação dos edifícios, principalmente modernos, decorrem da falta de manutenção permanente, que por sua vez, é consequência de gestão ineficiente.

ZANCHETI E HIDAKA (2014), discute sobre a declaração de significância de exemplares da arquitetura moderna, destacando os desafios aos conservadores, e a sociedade em geral, da conservação da significância cultural desses edifícios.

A conservação da significância cultural de edifícios do movimento moderno, após quase um século das suas primeiras manifestações, ainda é um desafio aos conservadores e sociedade em geral. O consenso sobre os valores passíveis de conservação entre os envolvidos com esses bens é de difícil alcance, o que complica de sobremaneira a construção da significância e conseqüentemente uma validação coletiva deste. Ora, o problema da determinação da significância da arquitetura moderna é o primeiro passo para uma efetiva gestão da conservação desses exemplares à posteridade. (ZANCHETI E HIDAKA, 2014, p. 02)

Para estes autores, existe uma dificuldade entre os envolvidos com esses bens, para consentir os valores passíveis de conservação, importante para determinação da significância, que por sua vez, é fundamental para efetivar a gestão de conservação.

ZANCHETI E HIDAKA (2014) define que a declaração de significância é um documento que além de expressar o valor cultural, trata-se de uma justificativa que explica o porquê do bem ser conservado, permitindo que as futuras gerações usufruam de tal bem.

A determinação da significância ocorre em três etapas: a) determinação da significância (envolve análise do edifício, história e contexto); b) a avaliação da significância (documento que contém os valores que a sociedade atribui ao edifício) e, c) a redação da declaração (ZANCHETI E HIDAKA, 2014).

Assim, a principal questão é entender que na declaração deverá constar o conjunto de valores, resultado do julgamento dos significados passados e presentes, que se organizam de forma intersubjetiva. (ZANCHETI E HIDAKA, 2014, p. 14)

Tais autores concluem que, o julgamento dos significados é uma decisão do hoje, tendo como referência

os significados e valores do passado. Essa declaração sempre será parcial e temporal, já que é impossível conter todos os valores envolvidos na conservação dos bens patrimoniais (ZANCHETI E HIDAKA, 2014).

A Carta de Burra (1980), por fim, ressalta que enquanto a conservação tem como finalidade preservar as características que apresentam significação cultural, a preservação pretende a manutenção do estado da substância do bem e reduzir o processo de degradação do mesmo.

### 1.3 INTERVENÇÃO NO PATRIMÔNIO

Segundo RIBEIRO (2016), a intervenção caracteriza-se por toda mudança ou adaptação, que inclui alterações e ampliações físicas visando a uma adequação de uso na qual pode ser mantida ou alterada o existente.

Em se tratando de arquitetura, intervenção é toda a mudança ou adaptação, incluindo alterações e ampliações. Ora, quando atu-

amos sobre uma edificação, podemos dizer que na totalidade dos casos o projeto prevê alguma alteração física muitas vezes visando a uma adequação de uso, quer seja mantendo ou alterando o existente. (RIBEIRO, 2016, p. 14)

RIBEIRO (2016) relata que a intervenção física se dá através de ações sobre o patrimônio edificado, e tem como objetivo final interferência no existente. Essas interferências podem ser ações de restauração, conservação, manutenção, revitalização, reabilitação e reurbanização, por exemplo. Além disso, a autora comenta sobre a intervenção legal, que são documentos jurídicos ou uma normativa, visando a preservação deste bem.

No projeto de restauração lida-se com programa de uso futuro do imóvel e com a própria edificação já existente que possui valor artístico e/ou cultural, o qual pretende-se preservar e que definirão os limites da intervenção. Para isso, é fundamental a realização de estudos aprofundados para evitar erros muito das vezes irreversíveis (RIBEIRO, 2016).

A fase inicial busca montar um diagnóstico que sirva de subsídio para o projeto intervenção, compreendendo a essência do bem edificado, que são evidenciados por sua história, seu estado de conservação e

as intervenções que ocorreram ao longo da sua existência (RIBEIRO, 2016).

O projeto de intervenção não pode apenas se basear nos estudos preliminares. Eles são importantes para tomada de decisão projetual, mas o projeto precisa partir de uma análise crítica, no respeito pelo existente e suas estratificações ao longo da vida. É necessário que a intervenção proposta respeite o valor documental que uma edificação histórica possui e venha a agregar valor ao existente, sem menosprezar aquele bem que representa parte da histórica e da memória de uma sociedade. Para tal é necessário que a criatividade esteja presente nas decisões do projeto valorizando o patrimônio edificado. (RIBEIRO, 2016, p. 21)

A autora defende a importância da criatividade no processo de decisões projetuais para valorização do patrimônio edificado. Assim, é preciso partir de uma análise crítica, respeitando o existente e seu valor documental.

Como aspecto teórico e metodológico para elaboração de um projeto de intervenção, “é necessário determinar o valor intrínseco contido na edificação. É

preciso estudar os princípios e critérios que norteiam as questões do patrimônio cultural.” (RIBEIRO, 2016, pg. 21).

O projeto de intervenção não pode seguir gosto pessoal, mas sim, está fundamentado em teorias consistentes. Precisam ser baseados em princípios básicos como: distinguibilidade, reversibilidade e mínima intervenção (RIBEIRO, 2016).

Os projetos de intervenção ou Projetos de Restauração precisam respeitar as diversas fases pelas quais o edifício passou e as novas intervenções devem respeitar o edifício existente que possui um valor patrimonial e esta nova intervenção deverá agregar valor a este edifício ressaltando os seus valores originais e aqueles adquiridos ao longo de sua existência. O projeto de intervenção, além de ser uma interpretação do existente, implicando decisões e escolhas projetuais e com responsabilidade relacionada ao patrimônio, devem estudar os impactos sobre o preexistente referentes ao valor contido na edificação(...). (RIBEIRO, 2016, p. 30)

A autora conclui ressaltando que, no projeto de intervenção, é fundamental o respeito pelas diversas

fases pelas quais o edifício passou, agregando valor ao edifício e ressaltando os seus valores originais, e os adquiridos ao longo do tempo.

## 1.4 RESTAURAÇÃO

Segundo o teórico Cesari Brandi, “Em geral, entende-se por restauração qualquer intervenção voltada a dar novamente eficiência a um produto da atividade humana.” (BRANDI, 2004, p. 25). Ou seja, o restauro tem como propósito primeiro, agregar novamente eficiência ao patrimônio de valor histórico.

(...) a restauração constitui o momento metodológico do reconhecimento da obra de arte, na sua consistência física e na sua dúplice polaridade estética e histórica, com vistas à sua transmissão para o futuro. (BRANDI, 2004, p. 30)

Para o autor, a restauração constitui o momento metodológico no qual a obra de arte é reconhecida, com objetivo de transmitir para as gerações futuras. A consistência física da obra representa o próprio local da manifestação da imagem, e deve ser feito todos os esforços e pesquisas para a duração dessa consis-

tência material (BRANDI, 2004). Pois, “(...) restaura-se somente a matéria da obra de arte.” (BRANDI, 2004, p. 31).

(...) a restauração deve visar ao restabelecimento da unidade potencial da obra de arte, desde que isso seja possível sem cometer falso artístico ou um falso histórico, e sem cancelar nenhum traço da passagem da obra de arte no tempo. (BRANDI, 2004, p. 33)

O segundo princípio da restauração defendido por BRANDI (2004), está no aspecto do restabelecimento da unidade potencial da obra de arte, mas, advertindo sobre a ação de falso artístico ou falso histórico, e do mantimento das características adquiridas pela obra ao longo do tempo.

KÜHL (2007), contextualiza que o entendimento do restauro passa do “restauro filológico” ou “científico”, que enfatizava os aspectos documentais, para um ato histórico - crítico, em meados do século 20, que buscando respeitar as diversas fases e marcas que caracterizam a obra. Os princípios fundamentais da restauração, anunciados na teoria são: a distinguibilidade, a retrabalhabilidade; mínima intervenção, e aplicação de técnicas compatíveis (KÜHL, 2007).

O restauro é fundamentado na análise da obra, de seus aspectos físicos, de suas características formais e de seu transformar no decorrer do tempo, para, pelo ato crítico, contemporizar as instâncias estética e histórica, e intervir, respeitando seus elementos caracterizadores, com o intuito de valorizá-la e transmiti-la ao futuro. É ato crítico que, alicerçado no reconhecimento da obra de arte e de seu transformar ao longo do tempo, insere-se no tempo presente. Jamais deveria se colocar em qualquer uma das fases por que passou a obra (muito menos no momento de sua criação) e nunca deveria propor a imitação. (KÜHL, 2007, p. 209 e 210)

KÜHL (2007) sintetiza a teoria do restauro de Cesari Brandi, descrevendo que o restauro é fundamentado na análise da obra em todos os seus aspectos, para posteriormente, como ato crítico, contemporizar as instâncias estéticas e históricas e propor uma intervenção respeitando os seus elementos significativos, com objetivo final de valorizar a obra de arte e transmiti-la para o futuro.

Não devendo, de modo algum, propor imitação ou tentar voltar em fases da obra que já passou, principalmente o momento da sua criação.

Deve sempre ser ação a reinterpretar no presente, colocada, segundo Brandi, como “hipótese crítica” – ou seja, não é uma tese, que se quer demonstrar a todo custo às expensas do documento histórico, daí toda a prudência conservativa. Deve-se atuar com uma unidade conceitual e metodológica – baseada em princípios tão bem e consistentemente enunciados por Brandi e os quais fundamentam correntes do restauro na atualidade: distinguibilidade, retrabalhabilidade, mínima intervenção, compatibilidade técnica –, voltados para uma responsável transmissão do bem, da melhor maneira possível, para as próximas gerações. (KÜHL, 2007, p. 210)

A restauração deve sempre ser ação que reinterpreta a contemporaneidade, pautada em uma unidade conceitual e metodológica, e em princípios que fundamentam correntes do restauro atualmente.

A Carta de Veneza trata sobre conservação e restauração de monumentos e sítios históricos, tendo como finalidade salvaguardar, tanto a obra de arte quanto o testemunho histórico.

A restauração tem como objetivo conservar e revelar os valores estéticos e históricos do monumento, podendo ser consolidada com emprego de técnicas mo-

dernas, cuja eficácia tenha sido comprovada, desde que sejam respeitadas as válidas contribuições de todas as épocas. Novos elementos devem ser integrados harmoniosamente ao conjunto de modo distinto das partes originais, como finalidade de não falsificar o documento de arte e da histórica (ICOMOS, 1964).

Neste capítulo, pode-se fazer uma breve contextualização teórica relacionada aos temas fundamentais para compreender o bem enquanto construção. Revelando seus aspectos tectônicos, enquanto objeto de valor cultural; a importância da sua conservação; e os princípios e técnicas do restauro, na perspectiva do objeto enquanto matéria física, que sofre diversas influências externas e internas, causando deterioração.

No próximo capítulo, serão abordados os procedimentos metodológicos que norteiam o desenvolvimento da proposta de intervenção no TMSC.





Foto: Diego Diniz, dez. 2018

## **2.** **METODOLOGIA**

No desenvolvimento da proposta foram adotadas três linhas metodológicas, como demonstra a Figura 4.

A primeira linha de estudo trata-se da compreensão do objeto por meio da análise arquitetônica, proposta por AFONSO (2019). A autora traz um compilado de metodologias que resultam nas sete dimensões da arquitetura. Essas dimensões se subdividem em duas partes: contextualização (dimensão normativa, dimensão histórica e espacial - espaço externo e espaço interno) e caracterização (dimensão tectônica, dimensão funcional, dimensão formal e dimensão da conservação).

A segunda linha metodológica trata-se da forma moderna, proposta por PIÑÓN (2006), e retomada por AFONSO (2013). Salienta-se que, as considerações do capítulo anterior, referentes aos princípios de intervenção propostos por Kühl (2007), estão intrinsecamente ligados aos métodos de projeto. Além disso, ao analisar estudos de casos, toma-se como subsídio a forma pertinente de MAHFUZ (2004).

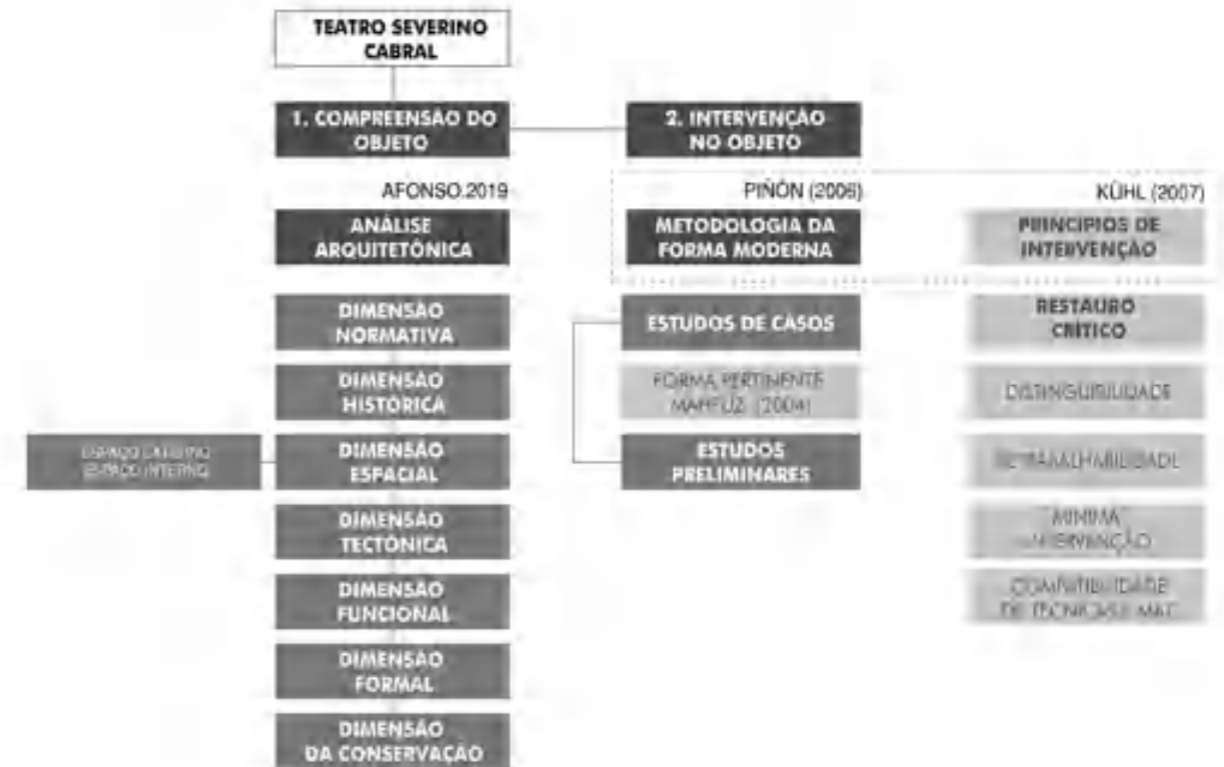


Figura 4 | Esquema metodológico

Fonte: (AFONSO, 2019).  
Editado pelo Autor, 2020.

## 2.1 ANÁLISES DAS DIMENSÕES

A primeira dimensão de análise, segundo AFONSO (2019), trata-se da dimensão normativa, que com-

preende as leis, decretos e registros que protegem determinado bem. Nessa etapa é fundamental a pesquisa realizada em órgãos públicos que estejam ligados à preservação cultural, seja em nível municipal, estadual ou federal.

A dimensão histórica está relacionada ao tempo, recorte temporal, contexto social, econômico e cultural do objeto arquitetônico. Nessa dimensão devem ser feitas análises de diversos fatores associados à época estudada: sobre o projeto, a obra, os clientes e custos.

A dimensão espacial compreende o espaço externo e o espaço interno. No espaço externo é observado a relação com o lugar, o entorno, implantação do edifício no terreno (recuos, acessos, vegetação, topografia e solo); gabarito da área e a zona urbana. No espaço interno é observado as soluções do programa de necessidades em plantas, zoneamentos, fluxogramas, relações entre zonas, existência de pátios, jardins, varandas, etc.

Para conceituação da dimensão tectônica AFONSO (2019) traz como aporte a conceituação de FRAMP-TON (1995), que definiu tectônica como “arte da construção”, ou seja, o caráter essencial da arquitetura, que unifica concepção e construção. Na análise da tectônica devem ser considerados os seguintes

pontos: 1) Estruturas de suporte; 2) Paredes; 3) Coberturas; 4) Detalhes; e 5) Revestimentos.

O termo “tectônica” é definido como o caráter essencial da arquitetura através do qual, parte de sua expressividade intrínseca é inseparável da maneira precisa da construção, não mais se apresentando como um manifesto contra o cenográfico e o representacional, como ocorreu no debate inicial de FRAMP-TON (1985 e 1990) em seus primeiros textos sobre o tema, onde criticava a produção pós moderna - mas como uma maneira de abordar a arquitetura enquanto concepção e construção, enquanto realização, conjuntamente. (AFONSO, 2019, p. 11)

A dimensão funcional dialoga com a dimensão formal, estreitando um paralelo entre forma e função. Essa dimensão trata-se das soluções do programa em planta e zoneamento. Nesse ponto é importante observar o uso original da obra, as alterações de usos ocorridas ao longo do tempo e o uso atual da edificação.

A dimensão formal, conceitua forma, sendo considerada como estrutura essencial interna e como construção do espaço e da matéria. Está relacionada no

diálogo entre o programa, o lugar, a estrutura e os materiais, resultando, segundo MAHFUZ (2004), na forma pertinente.

O último item é a dimensão da conservação, que apresenta uma fase conclusiva das análises do objeto em estudo, e que para isso, tem como subsídio metodologias específicas da área da preservação patrimonial.

Esta última, compreende vistorias, produção fichas de identificação de danos de (FID's), e mapas de danos a partir da compreensão das anomalias, materiais e soluções construtivas empregadas na obra. Para isso, baseia-se nos métodos desenvolvidos por LICHTENSTEIN (1986) e TINOCO (2009).

LICHTENSTEIN (1986) propõe procedimentos para serem aplicados em edifícios que apresentam problemas patológicos (Figura 5). Esses procedimentos dividem-se em três etapas: 1) levantamento de subsídios a partir de vistorias em loco, levantamento da história do problema (anamnese), resultado de análises e ensaios complementares; 2) diagnóstico da situação, que busca entender os porquês de acordo com os dados obtidos; e 3) Definição de condutas, no qual seriam prescritos os trabalhos a serem executados para resolver os problemas.



Figura 5 | Fluxograma para análise de problemas patológicos

Fonte: (LICHTENSTEIN, 1986). Editado pelo Autor, 2020.

Colaborando nessa discussão, TINOCO (2009) propõe recomendações básicas para elaboração de mapas de danos e procedimentos técnicos para realização de FID's, a serem aplicadas em edificações de significação cultural. Antes disso, o autor aborda algumas questões conceituais, referentes a compreensão do estado de conservação das edificações.

De acordo com TINOCO (2009) além de saber sobre o edifício, é necessário experimentar o lugar, sentir o ambiente interno e externo, os elementos e materiais, para assim, conhecê-lo. Após a vivência no lugar, o conjunto de experiências, interações, estudos e sentimentos, passa-se a compreender o edifício.

Mapa de Danos como a representação gráfico - fotográfica, sinóptica, onde são ilustradas e discriminadas, rigorosamente, todas as manifestações de deteriorações da edificação. O mapa de danos é um documento gráfico - fotográfico que sintetiza o resultado das investigações sobre as alterações estruturais e funcionais nos materiais, nas técnicas, nos sistemas e nos componentes construtivos. (TINOCO, 2009, p.04)

O autor conceitua o mapa de danos como uma sintetização (gráfico - fotográfico) dos resultados das

investigações sobre as diversas alterações que ocorrem nos edifícios. Desde alterações estruturais e funcionais, até os componentes construtivos. É no Mapa de Danos que são ilustradas e discriminadas todas as manifestações de deteriorações da edificação – as patologias.

Para a elaboração do mapa de danos é necessário a produção de uma base de dados. Essa base é constituída pelas Fichas de Identificação de Danos – FID's. As fichas são documentos normalizados com registros e anotações gráficas e fotográficas (unidades de informação) sobre os danos existentes numa edificação. As FID's são os registros principais para a produção do mapa de danos de uma edificação de valor cultural. (TINOCO, 2009, p.04)

As FID's são base de dados fundamentais para a elaboração dos mapas de danos. São documentos normalizados que possuem registros e anotações gráficas e fotográficas sobre os danos existentes em determinada edificação (TINOCO, 2019).

No Quadro 1, de forma sucinta, é possível observar pontualmente as principais características de cada dimensão, para análise do objeto arquitetônico.

<b>DIMENSÃO NORMATIVA</b>	leis, decretos, registros;
<b>DIMENSÃO HISTÓRICA</b>	tempo, recorte temporal, corte cronológico ou contexto social, econômico e cultural;
<b>DIMENSÃO ESPACIAL</b>	<b>externo:</b> lugar, entorno, implantação, gabarito, zona; <b>interno:</b> solução do programa de necessidades, zoneamento, fluxograma, zonas, espaços;
<b>DIMENSÃO TECTÔNICA</b>	caráter essencial da arquitetura – concepção e construção, dimensão construtiva;
<b>DIMENSÃO FUNCIONAL</b>	uso original, transformações ocorridas e o uso atual da edificação, soluções de programa e zoneamento;
<b>DIMENSÃO FORMAL</b>	forma – construção do espaço e da matéria;
<b>DIMENSÃO DA CONSERVAÇÃO</b>	análise do estado de conservação;

Esses aspectos possibilitam um panorama geral da completude arquitetural do objeto analisado, fornecendo subsídios que viabilizando uma intervenção consciente.

Quadro 1 | Resumo das sete dimensões

Fonte: (AFONSO, 2019).  
Editado pelo Autor, 2020.

## 2.2 METODOLOGIA DE PROJETO “A FORMA MODERNA”

No trabalho intitulado “A adoção de uma metodologia de ensino para projetos arquitetônicos”, AFONSO (2013) retoma os critérios projetuais modernos, tais como: universalidade, autenticidade, racionalismo, abstração e transparência, baseado nos mestres da modernidade universal e nacional, como Mies Van Der Rohe, Gropius, Le Corbusier, Lúcio Costa, Piñón e Rowe.

A autora adota uma metodologia do arquiteto e professor catedrático Helio Piñón, “a Forma Moderna”, que também será adotada no presente trabalho.

Os princípios norteadores desta metodologia são os critérios da arquitetura moderna,(...) que, independentes dos aspectos de universalidade e reação contra a tradição estilística e construtiva, sempre estiveram presentes no processo projetual moderno: a arquitetura como volume e jogo dinâmico de planos; a tendência à abstração e à simplificação; utilização de malhas geométricas estruturantes do projeto; busca de formas dinâmicas e espaços transparentes, com o domínio da

regularidade, substituindo a simetria axial acadêmica, e a ausência de decoração que surge de perfeição técnica. (AFONSO, 2013, p. 129)

Esse método considera os condicionantes climáticos, sociais, culturais e econômicos que sejam sustentáveis, acessíveis e atendam as normas de desempenho. Esses condicionantes se estruturam em tramas ordenadoras, relacionando arquitetura e estrutura (AFONSO, 2013).

Piñón (2006) relata que o processo de projeto consiste em uma série de fases que ocorrem sucessivamente, se submetendo à verificação tanto do programa como das condições do lugar.

O processo do projeto consiste, na realidade, em uma série de fases sucessivas em que a passagem de uma à seguinte se apoia em um juízo estético subjetivo realizado sobre a primeira, de modo que o itinerário depende da estratégia a que os sucessivos juízos dão lugar. Tal proposta se submete à verificação tanto do programa como das condições do lugar; dessa confrontação surgem modificações da proposta que podem afetar tanto o modo de estruturar a atividade como incidên-

cia do edifício no sítio. (AFONSO, 2016, p. 04, apus PIÑÓN, 2006, p. 48)

A aplicação prática divide-se em duas fases: a) análise de estudos de casos - observando as soluções projetuais em planta, volumetria, detalhes arquitetônicos, contribuições espaciais e construtivas; b) desenvolvimento de projeto arquitetônico em suas diversas etapas: estudos preliminares, anteprojeto e projeto básico, além de detalhes e memorial de especificações. Segundo a NBR 6492 (1994), o estudo preliminar<sup>1</sup> contém tipicamente: planta de situação, plantas, cortes, fachadas e memorial justificativo.

Nesse nível de projeto, pode-se apresentar também: perspectivas, maquete (estudo de volume), detalhes específicos e estudos preliminares de custos (NBR 6492, 1994).

Essa metodologia adota uma linha racionalista da arquitetura moderna, caracterizada pela primazia das medidas, ênfase ao detalhe técnico, repetição modular, alcance da máxima funcionalidade, abstração e racionalismo (AFONSO, 2013).

<sup>1</sup> “Estudo da viabilidade de um programa e do partido arquitetônico a ser adotado para sua apreciação e aprovação pelo cliente. Pode servir à consulta prévia para aprovação em órgãos governamentais.” (NBR 6492, 1994, p.5)



Figura 6 | Princípios de intervenção

Fonte: (KÜHL, 2015). Editado pelo Autor, 2020.

Por se tratar de um projeto de intervenção no patrimônio edificado, a metodologia de projeto arquitetônico precisa dialogar, em todo o processo de concepção projetual, com os princípios norteadores discutidos no capítulo anterior.

As condutas de distinguibilidade, reversibilidade, mínima intervenção e compatibilidade técnica e de materiais (Figura 06), propostas por (KÜHL, 2018), reafirmam que a restauração não é sinônimo de reversão ao tempo, imitando estilos passados que levassem o observador ao engano ou falso histórico. Esses princípios apontam para a utilização de técnicas e materiais contemporâneos, que contrastem com o existente, sejam ecológicos, de fácil manutenção e possibilitem futuras mudanças.

## 2.3 METODOLOGIA DA FORMA PERTINENTE

Os estudos de casos correspondem a primeira fase da metodologia de projeto arquitetônico descrito por AFONSO (2013), onde serão observados critérios e soluções de projetos referenciais.

Foram escolhidos três projetos para serem analisados, seguindo metodologicamente a ordem: 1) internacional (Ópera de Oslo, localizada em Oslo, Noruega); 2) nacional (projeto de restauro do Teatro Cultura Artística, São Paulo, SP) e, 3) regional (projeto de restauro do Teatro Castro Alves, Salvador, Bahia).

A Ópera de Oslo foi definida, como caso internacional, por apresenta as seguintes características: relação com a cidade, adequação as condicionantes climáticas, partido projetual contemporâneo, expressividade tectônica (estrutura, peles, cobertura, detalhes construtivos e revestimentos), programa diversificado e soluções formais arrojadas.

O projeto de restauro do Teatro Cultura Artística e o projeto de restauro do Teatro Castro Alves, apesar de terem características e abordagens projetuais diferentes, são casos que contribuem de forma mais direta, por estarem pautados nos princípios de inter-



venção no patrimônio.

Nesses projetos, foram observados: suas adequações as condicionantes locais; a integração com o entorno; o uso dos materiais; atualização funcional de equipamentos; e, diversificação de usos e distinção entre a forma original e o novo, por exemplo.

A metodologia de análise dos estudos de caso considera a revisão bibliográfica realizada por (CHEREGATI, 2014), no trabalho intitulado “O quaterno contemporâneo como metodologia de projeção”, que discute os estudos de contemporização da Tríade Vitruviana (*utilitas, firmitas e venustas*), propostos pelos arquitetos Edson da Cunha Mahfuz e Alejandro Aravena Mori.

Os estudos de Mahfuz e Aravena atualizaram a interpretação da Tríade Vitruviana ao alterar o sentido de *venustas*, pela relatividade da beleza, com o termo “estruturas formais”. Os autores também complementam o sentido da tríade - *firmitas* (solidez), *utilitas* (utilidade) e *venustas* (beleza) - com a inserção do “lugar”. Essa metodologia é denominada Quaterno Contemporâneo.

A forma pertinente contradiz a busca da beleza como centro das preocupações arquitetônicas, como *sallienta* (MAHFUZ, 2004), e é “(...) entendida como a

forma externa que expressa, em sua individualidade, a pertinência dos elementos constitutivos do projeto: o programa, a construção, o lugar e as estruturas formais” (CHEREGATI, 2014, p. 53).

Para objetivar os tópicos de análise dos estudos correlatos, foram esquematizados na Quadro 02, um resumo do quaterno contemporâneo.

Quadro 2 | Resumo do quaterno contemporâneo

Fonte: (CHEREGATI, 2014). Editado pelo autor, 2020.

<b>O LUGAR</b>	cortes esquemáticos com as linhas naturais do terreno, o sítio com as curvas de nível modificadas e atuais, acessos sociais e de serviços e acessibilidade. Esses desenhos podem vir separados ou salientados no projeto estudado.
<b>O PROGRAMA</b>	quadro síntese completo, contendo setorização, programa arquitetônico, mobiliário, equipamentos e pré - dimensionamento. Essas informações devem vir em forma de quadro e, também, separadas por cores na(s) planta(s) e nos cortes do projeto.
<b>A CONSTRUÇÃO</b>	notar método construtivo, tipo de estrutura adotada e materiais de acabamento.
<b>ESTRUTURAS FORMAIS</b>	sintetizar a forma pertinente em volumes puros; como que tentando fazer o caminho inverso do processo de projeto do autor;

A forma Pertinente possui três condições internas e uma condição externa. As primeiras – programa, construção e lugar - que “(...) podem ser classificadas, também, como componentes objetivos do projeto, pois são visíveis, mensuráveis e descritivas.” (CHEREGATI, 2014, p. 54).

A segunda - estrutura formal (condição externa), é “(...) conhecida como ‘tipo’ pode ser classificada, também, como componente subjetivo do projeto, pois carrega, em si, além dos componentes objetivos, questões formais e estéticas que distinguem um projeto do outro.” (CHEREGATI, 2014, p. 54).

A seguir, no próximo tópico deste capítulo, serão apresentados de modo objetivo, quadros referentes a cada estudo de caso. Nesses quadros foram analisados os quatro pontos da forma pertinente. Em cada aspecto foi destacado os interesse que contribuirão de forma mais direta no desenvolvimento da proposta de intervenção do TMSC. Por fim, foi montado um quadro resumindo os pontos de interesse de cada estudo de caso.

Os Quadros 3, 4, 5 e 6, estão presentes no tópico a seguir: “2.4 Análise dos estudos de casos”. A esquematização desses quadros, possibilitam extrair princípios de outras experiências projetuais, ao apontar caminhos e resoluções de problemas.

Podemos observar também, o cuidado enfático às condicionantes locais, assim como a busca pela integração entre o objeto arquitetônico e a cidade, por meio de espaços livres e de permanência.

No aspecto construtivo, a utilização de materiais con-

temporâneos, o cuidado com o detalhamento construtivo e a preocupação em estabelecer etapas de execução, são fundamentais para projetos de qualidade arquitetônica.

Observaremos também, como todos os projetos analisados apresentam um programa diversificado, com opções de venda de produtos e consumo de alimentos e bebidas, além de funcionarem em diversos horários, promovendo vitalidade e sustentabilidade.

Formas abstratas e distintas do projeto original são pontos importantes na definição das estruturas formais, e que são de interesse para o desenvolvimento deste trabalho.

Assim, no próximo tópico, serão apresentadas os quadros de análise dos estudos de caso. E em seguida, tem-se o “Capítulo 3 - Análise Arquitetônica”, de acordo com as dimensões de análise propostas por (AFONSO, 2019).

## 2.4 ANÁLISE DOS ESTUDOS DE CASO

Figura 7 | Ópera de Oslo

Fonte: Archdaily Brasil<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/759855/oslo-opera-house-snohetta>>. Acesso em: Nov. 2019.

**OBRA** ÓPERA DE OSLO  
**LOCAL** OSLO, NORUEGA  
**ANO** 2017  
**ARQUITETOS** SNOHETTA

---



## LUGAR

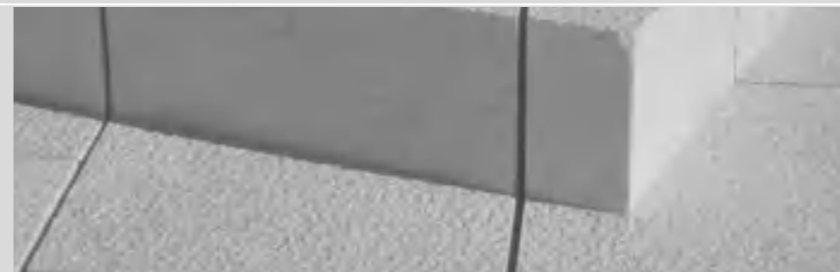
Localiza-se as margens do Rio Aker com o fiorde de Oslo; sua área pública está virada para oeste e para norte, conectando a cidade e o fiorde, a urbanidade e a paisagem; a temperatura anual varia entre -7°C a 21°C e está implantada em uma grande área portuária de topografia plana;

### Pontos de interesse

1. **Conexão** do edifício com a cidade e a natureza;
2. **Adequação** as condicionantes climáticas;
3. **Partido** do lugar;

## CONSTRUÇÃO

Materiais autênticos; detalhes e precisão; pedra branca (*la facciata*), madeira (carvalho), metal e vidro; padrão não repetitivo apresentando áreas em relevo, cortes especiais, diversas texturas e detalhes específicos; vidro rígido com baixo teor de óxido de ferro devido a dimensão dos painéis e as junções finas;



1. **Adoção** de materiais contemporâneos e duráveis;
2. **Detalhamento** construtivo específico em materiais comuns;

## PROGRAMA

Apresenta dois setores principais: áreas públicas e de palcos à oeste e áreas de produção à leste. Possui 4 pavimentos acima do nível do solo, 1 pavimento no subsolo; praça externa revestida de mármore que leva ao foyer e outras áreas públicas; auditórios, 2 restaurantes, diversos bares, espaços educativos, chapelaria, banheiros, balcão de informações/ingresso, salas multiuso, galerias públicas, áreas de produção, administração e pátio verde;



1. **Diversidade de usos** com áreas de alimentação, estar público e salas multifuncionais;

## ESTRUTURAS FORMAIS

É definida pelos materiais que formam os elementos de ordenação dos espaços; a pretensão é que os elementos não interferissem na forma geral da edificação, mas que fossem articuladas o suficiente para que fossem interessantes de perto; a linguagem contemporânea é observada pelos materiais adotados e por sua forma abstrata, pura e funcional;



1. **Forma abstrata** contemporânea, “limpa”, funcional;

Figura 8 | Proposta de intervenção no Teatro Cultura Artística

Fonte: Cultura Artística [Institucional]<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://culturaartistica.org/teatro-ca>>. Acesso em: Nov. 2019.

**PROJETO DE INTERVENÇÃO NO TEATRO CULTURA ARTÍSTICA**

**ANO** 2018-2021

**ARQUITETO** PAULO BRUNA

---

**OBRA** TEATRO CULTURA ARTÍSTICA

**LOCAL** SÃO PAULO-SP

**ANO** 1947-1949 (2008-incêndio)

**ARQUITETO** RINO LEVI



## LUGAR

Localiza-se na Rua Nestor Pestana, Consolação, bairro histórico e movimentado da grande São Paulo; Implantado em um terreno de geometria irregular de pequenas dimensões; Possui diversos edifícios altos e não possui recuo frontal, sendo a própria fachada o limite entre o edifício e a rua; o clima caracteriza-se como tropical, apresentando verões quentes e chuvosos e invernos secos com frio moderado;



### Pontos de interesse

1. **Adequação** as condicionantes locais;
2. **Integração** com o entorno;

## CONSTRUÇÃO

Foi adotada uma estrutura nova em perfis metálicos e vedações em blocos de concreto pré-fabricados; esquadrias de vidro; modernização de elevadores; inserção de escada de emergência; cobertura em estrutura metálica; e revestimento metálico nas paredes externas;



1. **Materialidade** contemporânea na construção nova;
2. **Inserção** de equipamentos tecnológicos e adequação as exigências de segurança;

## PROGRAMA

O programa é dividido em três pavimentos: um pavimento térreo e dois pavimentos superiores; sala de concertos com capacidade de 750 lugares, foyer original, livraria, café, auditório com 150 lugares, entrada de serviço coberta, sala de exposição, novo foyer, green room, elevadores sociais, elevador de carga, restaurante, camarins, banheiros, etc.



1. **Usos comerciais** como restaurante, livraria e café;
1. **Uso** de equipamentos tecnológicos;

## ESTRUTURAS FORMAS

O projeto de restauro respeita a fachada original e acrescenta um volume novo posterior com materiais contemporâneos e distinta do projeto original;



1. **Formas distintas** proporcional ao projeto original;

Figura 9 | Proposta  
intervenção Teatro  
Castro Alves

Fonte: Concursos de  
Projeto<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Disponível em:  
<<https://concursosde-projeto.org/2010/01/24/concurso-teatro-castro-alves-01/>>. Acesso em:  
Nov. 2019.

**PROJETO** INTERVENÇÃO PARA A REQUALIFICAÇÃO E AMPLIAÇÃO  
DO COMPLEXO CASTRO ALVES

**ANO** 2010

**ESCRITÓRIO** ESTÚDIO AMÉRICA

---

**OBRA** TEATRO CASTRO ALVES

**LOCAL** SALVADOR - BA

**ANO** 1957-1958

**ARQUITETO** JOSÉ BINA FONYAT FILHO





## LUGAR

Localizado no Largo de Campo Grande em Salvador, Bahia, possui clima de floresta tropical, com temperatura média anual de 25°C; no terreno de implantação existe um grande declive, onde originalmente foi construído uma concha acústica; o projeto de intervenção propõe ordenação de seus fluxos a partir dos acessos e a comunicabilidade de suas funções, além de promover uma nova topografia envoltória;



### Pontos de interesse

1. **Adequação** as condicionantes locais;
2. **Integração** com o entorno;

## CONSTRUÇÃO

Na construção anexa foi proposta uma estrutura mista de aço e concreto armado na expansão que está sob o nível zero da edificação principal, com fechamentos de vidro e placas metálicas; além disso foi adotado elementos com estrutura metálica, como a passarela da concha acústica, escada e plataforma elevatória e acabamento interno com materiais modernos de tratamento acústico;



1. **Materialidade** e forma da plataforma elevatória externa, assim como acabamento interno, com tecnologias de tratamento acústico;
2. **Fases de execução** que possibilita o contínuo uso do edifício;

## PROGRAMA

Preservação do foyer original, café, redistribuição de camarins e áreas de apoio, reorganização da plateia, teatro de múltiplos usos de médio porte, ateliês, centro de pesquisa, praça interna, teatro experimental, estacionamento, entre outros;



1. **Adoção de usos comerciais**, como café;
2. **Uso** de equipamentos tecnológicos;
3. **Reorganização** de espaços e funcionamentos internos;

## ESTRUTURAS FORMAIS

Segundo os autores do projeto, a forma proposta “reafirma a natureza e a força volumétrica do edifício atual, preservando e respeitando os valores culturais, históricos, e estéticos do conjunto existente e as premissas básicas do projeto original”;



1. **Distinguir** as construções novas da construção original, preservando e respeitando os valores culturais, históricos e estéticos do conjunto existente;

# PONTOS DE INTERESSE DOS ESTUDOS DE CASO

**INTERNACIONAL**  
Opera de Oslo

**NACIONAL**  
Intervenção no Teatro Cultura Artística

**REGIONAL**  
Intervenção no Teatro Castro Alves

## LUGAR

1. **Adequação** as condicionantes locais;
2. **Integração** com o entorno;

1. **Adequação** as condicionantes locais;
2. **Integração** com o entorno;

1. **Adequação** as condicionantes locais;
2. **Integração** com o entorno;

## CONSTRUÇÃO

1. **Adoção** de materiais contemporâneos e duráveis;
2. **Detalhamento** construtivo específico em materiais comuns;

1. **Materialidade** contemporânea na construção nova;
2. **Inserção** de equipamentos tecnológicos e adequação as exigências de segurança;

1. **Materialidade** e forma da plataforma elevatória externa, assim como acabamento interno, com tecnologias de tratamento acústico;
2. **Fases de execução** que possibilitam o contínuo uso do edifício;

## PROGRAMA

1. **Diversidade de usos** com áreas de alimentação, estar público e salas multifuncionais;

1. **Usos comerciais** como restaurante, livraria e café;
1. **Usos** de equipamentos tecnológicos;

1. **Usos comerciais** como café;
2. **Usos** de equipamentos tecnológicos;
3. **Reorganização** de espaços e funcionamentos internos;

## ESTRUTURAS FORMAIS

1. **Forma abstrata** contemporânea, “limpa”, funcional;

1. **Formas distintas** proporcional ao projeto original;

1. **Distinguir** as construções novas da construção original, preservando e ressaltando os valores culturais, históricos e estéticos do conjunto existente;

### **3. ANÁLISE ARQUITETÔNICA**



*Considerado um teatro moderno para os padrões da época, o edifício era condizente com a imagem de progresso que a cidade ostentava, respondia ao clima de auto - afirmação e de otimismo progressista da Campina Grande da década de 60. O Teatro Municipal se materializava como um templo da arte, com sua arquitetura e frequência dos espetáculos, numa prova que o progresso econômico observado na cidade merecia uma resposta cultural a altura. (TEATROSEVERINOCABRAL, 2005, s/p)<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> fonte: Teatro Severino Cabral [institucional]. Disponível em: <[https://web.archive.org/web/20050406150756/http://www.teatroseverinocabral.com.br/base\\_artigo.php?id=38](https://web.archive.org/web/20050406150756/http://www.teatroseverinocabral.com.br/base_artigo.php?id=38)>. Acessado em Maio. 2020.



Figura 10 | Mapa de entorno do TMSC

Fonte: SEPLAN, 2011. Editado pelo autor, 2020.

#### LEGENDA

- 01\_ Teatro Municipal Severino Cabral
- 02\_ Delimitação Centro Histórico de C. Grande

Nesse capítulo será exposto a análise arquitetônica do Teatro Municipal Severino Cabral, de acordo com a metodologia proposta por AFONSO (2019), que analisa o objeto arquitetônico nas seguintes dimensões: normativa, histórica, espacial, tectônica, funcional, formal e, da conservação.

### 3.1 DIMENSÃO NORMATIVA

O TMSC localiza-se próximo à demarcação do centro histórico de Campina Grande (Figura 10), tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP), de acordo com o “Dec. 25.139 de 29 Jun. 2004”<sup>2</sup>. Fato esse, que torna mais relevante sua implantação na paisagem do centro de Campina Grande.

Devido seu valor cultural e arquitetônico, possui notificação de cadastramento nº 0009/2001<sup>3</sup> (Figura 11), pelo IPHAEP, que o protege contra demolições, reformas ou quaisquer modificações externas e internas, que venham danificá-lo ou descaracterizá-lo.

<sup>2</sup> Não foi encontrado o documento online, apenas citações referente a tal decreto em diversos trabalhos e no site do Governo do Estado da Paraíba.

<sup>3</sup> Tal decreto não foi encontrado disponível online. Foi enviado pela Instituição por meio de uma solicitação de e-mail.

Estado da Paraíba  
Secretaria da Educação e Cultura  
INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO ESTADO DA PARAÍBA  
IPHAEP

Av. João Machado, 348  
Centro - João Pessoa/PB  
E-mail: (31) 3311-5200  
Tel: (31) 318-5128  
Atendimento: (31) 318-5125  
CNPJ: 09.717.542/0001-06

**NOTIFICAÇÃO DE CADASTRAMENTO**  
N.º 0009/2001

João Pessoa - 11 de outubro de 2001

De: Diretor Executivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado de Paraíba - IPHAEP  
Av. N.º 141 - PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE  
Endereço: \_\_\_\_\_

O Diretor Executivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado de Paraíba - IPHAEP, usando das atribuições que lhe confere a Lei n.º 5357 de 18 de janeiro de 1991, publicada no Diário Oficial em 17/01/91, combinada com o Art. 2.º Capítulo II, do decreto n.º 7.819 de 24/10/78, publicado no Diário Oficial em 26/10/78 e ainda, sem referência ao Conselho de Proteção dos Bens Históricos Culturais - CONPEC, notifica Vossa Senhoria que o imóvel denominado - **TEATRO MUNICIPAL**, situado na Rua **Therese Peixoto, s/n - Centro - Campina Grande/PB** foi CADASTRADO por este Órgão, aprovado na sessão de 17 de janeiro de 2001.

Assim sendo, de acordo com a legislação em vigor, fica o (s) responsável (s) do responsável (es) obrigado (s) a cumprir (em) as seguintes determinações legais:

- Não alterar, reformar ou efetuar quaisquer modificações externas ou internas, que venham adubar as características avulsas do imóvel, sem prévia autorização do IPHAEP.
- A transferência do imóvel em qualquer época deve ser comunicada ao IPHAEP, na Av. João Machado, 348 - Centro, João Pessoa/PB, CEP 58013-520.

Atenciosamente,

*Staford*  
Nelson Baldo Campião  
DIRETOR DO IPHAEP

De: \_\_\_\_\_  
Diretor Executivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado de Paraíba

BO: \_\_\_\_\_  
CNPJ: 09.717.542/0001-06

Figura 11 | Notificação de cadastramento do TMSC pelo IPHAEP

Fonte: IPHAEP

Segundo o Plano Diretor de Campina Grande, Lei complementar nº 003, de 9 de Outubro de 2006<sup>4</sup>, o Teatro está inserido na “zona de qualificação urbana”. A mesma caracteriza-se por usos múltiplos, e tem como objetivo ordenar o adensamento construtivo, evitar a saturação do sistema viário e ampliar a disponibilidade de equipamentos públicos, espaços verdes e de lazer.

Ainda de acordo com tal Lei complementar, são objetivos da política municipal do patrimônio cultural, garantir que o patrimônio arquitetônico tenha usos compatíveis com a edificação, além de estabelecer e consolidar a gestão participativa do patrimônio cultural.

Deve-se também observar as normatizações estabelecidas pelo Código de Obras de Campina Grande, Lei Nº 5410/13<sup>5</sup>, pelo qual o TMSC classifica-se em “usos especiais”. Essa categoria estabelece uma série de normativas para edificações destinadas à locais de reuniões de pessoas, como auditórios, cinemas e teatros.

4 Disponível em: <[http://pmcg.org.br/wp-content/uploads/2014/10/Plano\\_Diretor\\_2006.pdf](http://pmcg.org.br/wp-content/uploads/2014/10/Plano_Diretor_2006.pdf)>. Acesso em maio, 2020.

5 Disponível em: <<http://pmcg.org.br/wp-content/uploads/2014/10/codigo-de-obras-Lei-5410.13.pdf>>. Acesso em maio, 2020.

### 3.2 DIMENSÃO HISTÓRICA

A dimensão histórica divide-se em três partes: o lugar - Campina Grande -PB; o personagem - Geraldino Duda; e a obra - Teatro Municipal Severino Cabral (TMSC).

Ao lidarmos com a dimensão histórica do lugar, é fundamental compreendermos brevemente sobre a cidade a qual o objeto de estudo está inserido. Campina Grande, localiza-se no nordeste brasileiro, agreste paraibano, a 120km da capital João pessoa (Figura 12). É atualmente a segunda cidade mais populosa da Paraíba, com aproximadamente 400 mil habitantes.

Por sua localização estratégica, exerce forte influên-



Figura 12 | Mapa de localização de Campina Grande - PB

Fonte: Google Maps. Editado pelo autor, 2020

cia educacional, cultural e comercial à sua Região Metropolitana (Lei Complementar Estadual nº 92/2009)<sup>6</sup>, que inclui 19 municípios paraibanos. Chegando a influenciar também, em outros níveis, as capitais João Pessoa, Recife e Natal.

Em 1907, com a implantação do terminal ferroviário, houve um grande impulso econômico devido a produção algodoeira, chegando a ser a segunda maior exportadora de algodão do mundo, até 1940 (AFONSO e GARCIA, 2018).

Isso fez com que a cidade se desenvolvesse industrialmente, sediando em 1949 a Federação das Indústrias do Estado da Paraíba - FIEP. Logo em seguida, na década de 1950, observa-se os esforços da elite campinense rumo ao desenvolvimento e ao progresso, influenciada por notícias como a construção de Brasília (AFONSO e GARCIA, 2018).

Em 1959, ocorre a expansão dos serviços ferroviários, enquanto se comemorava cinquenta anos da chegada do trem na cidade. Esse cenário de expansão estimulou a construção da Estação Ferroviária Nova em 1961 (AFONSO e GARCIA, 2018).

Ainda na década de 1960, Campina Grande recebe

<sup>6</sup> Disponível em: <[https://pra.ufcg.edu.br/phocadownload/documentos/diarias\\_e\\_passagens/LEI%20COMPLEMENTAR%20N%2092-2009%20-%20AL-PB.pdf](https://pra.ufcg.edu.br/phocadownload/documentos/diarias_e_passagens/LEI%20COMPLEMENTAR%20N%2092-2009%20-%20AL-PB.pdf)>. Acesso em: Jun. 2020.



Figura 13 | Geraldino Duda em Dez. 2019

Fonte: Registrado pelo autor, 2019.

incentivos fiscais da SUDENE<sup>7</sup>, acarretando em um forte processo de desenvolvimento industrial com a instalação de diversas fábricas. Isso ocasiona um grande crescimento econômico que possibilita muitos profissionais, como arquitetos, principalmente de Recife-PE, virem para a cidade (AFONSO, 2017).

### 3.2.1 GERALDINO DUDA

Em março de 1935, nasce em Campina Grande, Geraldino Pereira Duda (Figura 13), filho de Antônio Pereira Duda e Vitalina Pereira Lima. Durante sua infância morou em diversas cidades do Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco. (MENESES, 2017).

Começa a trabalhar aos nove anos de idade em um fábrica de tecidos, e posteriormente em uma oficina mecânica. Com 15 anos de idade, Geraldino inicia no ofício de desenhista no escritório do arquiteto licenciado Josué Barbosa, devido grande incentivo do amigo fotógrafo Sóter Farias, ao perceber suas habilidades com tal atividade. Logo, ele se destaca devido essa aptidão, vindo a despertar grande interesse na atuação como projetista (MENESES, 2017).

<sup>7</sup> Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, criada em 1959 através da Lei nº 3.692, com objetivo de promover e coordenar o desenvolvimento da região (AFONSO, 2017, pg. 6)



No período em que trabalhava no Departamento de Urbanismo (DPU), da Prefeitura de Campina Grande, Geraldino recebe a incumbência de projetar o Teatro Municipal (1962). Isso ocorre um anos após ter viajado para conhecer a recém inaugurada Brasília, na qual teve o primeiro contato com as obras de Oscar Niemayer (MENESES, 2017).

Conjuntamente a sua atuação profissional, como meio de capacitação, Geraldino recorre à cursos oferecidos por correspondência de “desenho arquitetônico”, demonstrado no anúncio da Figura 14, do Instituto Monitor, como relata ALMEIDA (2015).

Na década de 1970, após alguns anos atuando como desenhista, gradua-se em engenharia civil na Escola Politécnica de Campina Grande, atual Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

Logo em seguida, Geraldino contribui no desenvolvimento de diversos projetos urbanos, como a Praça do Trabalho e o traçado urbano do bairro da Prata. Também foi responsável pela autoria de aproximadamente 300 residências, predominantemente com linguagem moderna, que eram divulgadas em jornais e revistas locais. Uma delas, inclusive, foi publicada na Cruzeiro, revista de circulação nacional (MENESES, 2017).

Figura 14 | Cursos de desenho por correspondência do Instituto Monitor

Fonte: APESP, Apud. Almeida, 2015, p.168<sup>8</sup>.

8 Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/102/102132/tde-08032016-095843/pt-br.php>>. Acesso em: Jun. 2020.

**ASSEGURE SEU FUTURO ESTUDANDO POR CORRESPONDÊNCIA**

# DESENHO

**MECÂNICO - ARQUITETÔNICO ARTÍSTICO E PUBLICITÁRIO**

*em suas horas de folga no*

**INSTITUTO MONITOR**

*que lhe oferece o mais prático e moderno método de ensino por correspondência.*

Em poucos meses Você ficará habilitado a ganhar bom dinheiro como desenhista, superando assim o custo de seus estudos.

★

Sistema fácil de estudar. Cada lição está tão simplesmente redigida, e contém tão variados exercícios práticos que lhe dará a sensação de estar junto a um professor de desenho na sua própria casa.

★

**DURAÇÃO MÍNIMA DO CURSO 5 MESES! MENSALIDADES SUAVES**

**GRATIS!** Aos nossos alunos fornecemos este valioso conjunto, de grande utilidade durante, e após seus estudos.

**INSTITUTO MONITOR**

RUA TIMBIRAS, 263 - CAIXA POSTAL, 1795 - SÃO PAULO 57-35

Solicite enviar-me grátis, o folheto sobre o CURSO PRÁTICO DE DESENHO

**NOME** \_\_\_\_\_

**RUA** \_\_\_\_\_ **Nº.** \_\_\_\_\_

**CIDADE** \_\_\_\_\_

**ESTADO** \_\_\_\_\_ **E. F.** \_\_\_\_\_

Informações sem compromisso. Preencha e envie este cupom HOJE MESMO!

D-1

### 3.2.2 TEATRO MUNICIPAL SEVERINO CABRAL

Na Figura 15, presente nas páginas subsequentes, é apresentada uma linha do tempo histórica do TMSC. Essa linha do tempo inicia no contexto de desenvolvimento econômico local, com a instalação do primeiro terminal rodoviário de Campina Grande em 1907.

Esse percurso histórico passa pelo nascimento de Geraldino Duda (1935), a instalação da FIEP (1949) e a inauguração do segundo terminal ferroviário de Campina Grande (1959) - a “Estação Nova”, como vimos brevemente nos tópicos anteriores.

É nesse contexto de opulência econômica vivenciada em várias cidades brasileiras, que inaugura em 1960, Brasília - a capital do Brasil. Influenciado por Oscar Niemeyer, após visitar a recém inaugurada Brasília, Geraldino Duda torna-se gradativamente, adepto aos princípios da modernidade.

Em 1962, o então prefeito de Campina Grande, Severino Cabral Ribeiro, encomenda aos técnicos da Prefeitura Municipal o projeto de um teatro, o qual é parcialmente inaugurado em 1963. O projeto ficou ao encargo de Geraldino Duda e do engenheiro calculista Lynaldo Cavalcante.

Como último ato de sua administração, o prefeito Severino Cabral, em solenidade que contou com a presença dos Senadores Algemiro de Figueiredo e Guido Mondim, de autoridades locais, personalidades de destaque da vida social de Campina Grande e povo em geral, inaugurou ontem às 10,30 horas o Teatro Municipal, construído no seu governo. (SENADORES, 1963, s/p)

Foi executado pela Construtora G. Gióia & Cia de Campina Grande, tendo como fiscal o engenheiro Moutinho. Todo o tratamento acústico e mobiliário foi executado pela empresa Kastrup da cidade de Recife.

Desde sua inauguração, ocorreram três reformas: a primeira em 1975, no mandato do prefeito Evaldo Cruz, onde foi construído o Mini Teatro Paulo Pontes; a segunda em 1988, pelo então prefeito Ronaldo Cunha Lima, que realiza uma reforma de grande proporção, acarretando na alteração de elementos externos e “modernização” dos espaços internos; e por fim, a terceira e última reforma que ocorre entre 2009 e 2011, na gestão do prefeito Veneziano Vital, com adaptações à acessibilidade e às normatizações de segurança contra incêndios.

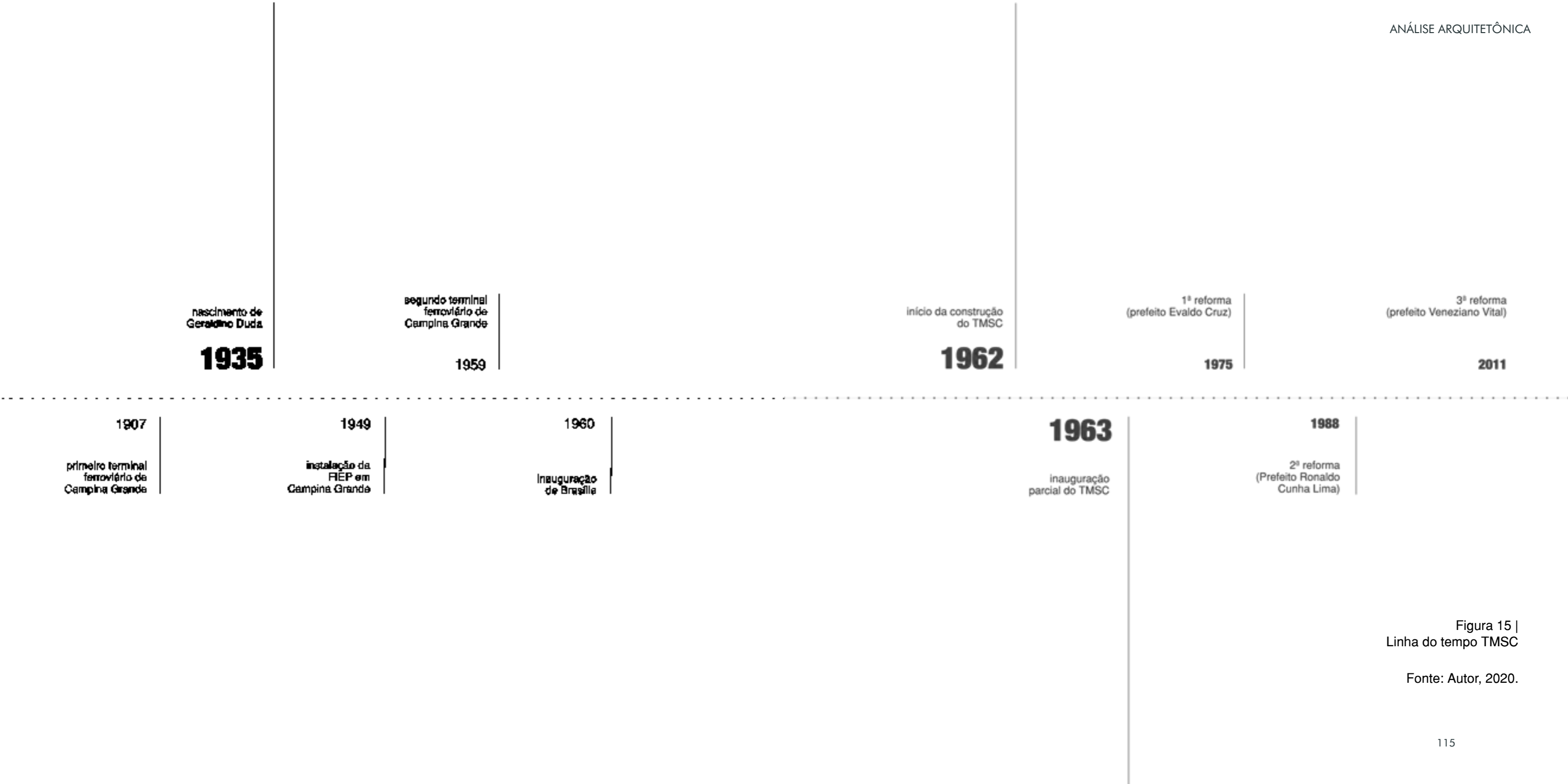


Figura 15 |  
Linha do tempo TMSC

Fonte: Autor, 2020.

|a| 1962



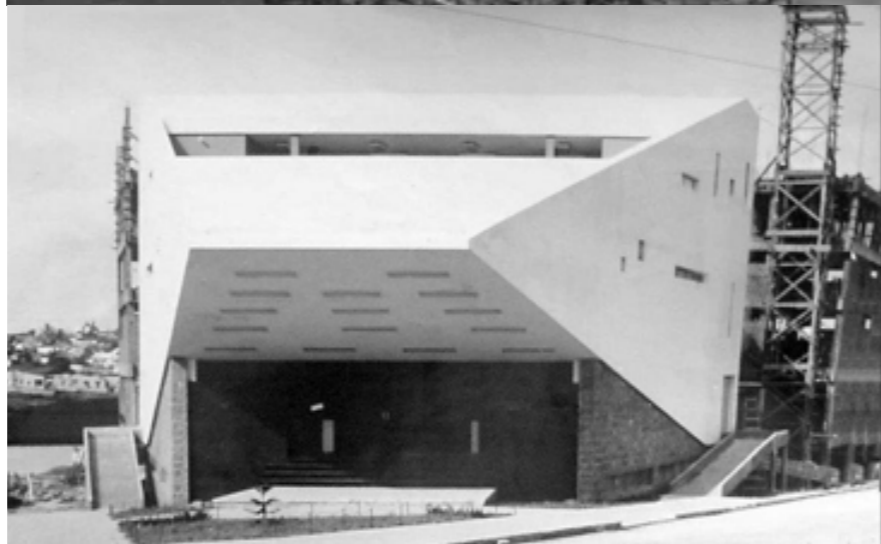
|d| déc. 80

Figura 16 |

Fases do TMSC  
(1963-1988)

Fonte: Compilação do  
autor, 2020<sup>9</sup>

|b| 1963



|e| 2011

|c| déc. 70



|f| 2019

A Figura 15, ao lado, é composta por seis imagens do TMSC, classificadas pelas consoantes entre “a” e “f”.

Nessa montagem pode-se perceber as mudanças que foram ocorrendo nas fachadas do edifício, desde sua construção em 1962. Sejam consequências das reformas ocorridas, ou pelas manifestações patológicas.

Essas imagens representam visualmente às incorporações e pátinas que narram a história do edifício ao longo de mais de cinco décadas. Essas características serão analisadas posteriormente com mais detalhes.

<sup>9</sup> |a, b, c e d| Disponível em: <[https://www.facebook.com/BlogRH-CG/media\\_set/?set=a.421852801188114n.2020](https://www.facebook.com/BlogRH-CG/media_set/?set=a.421852801188114n.2020)>. Acesso em jun. 2020. |e, f| PrintScreen do Google Maps. Acessado em Maio de 2020.

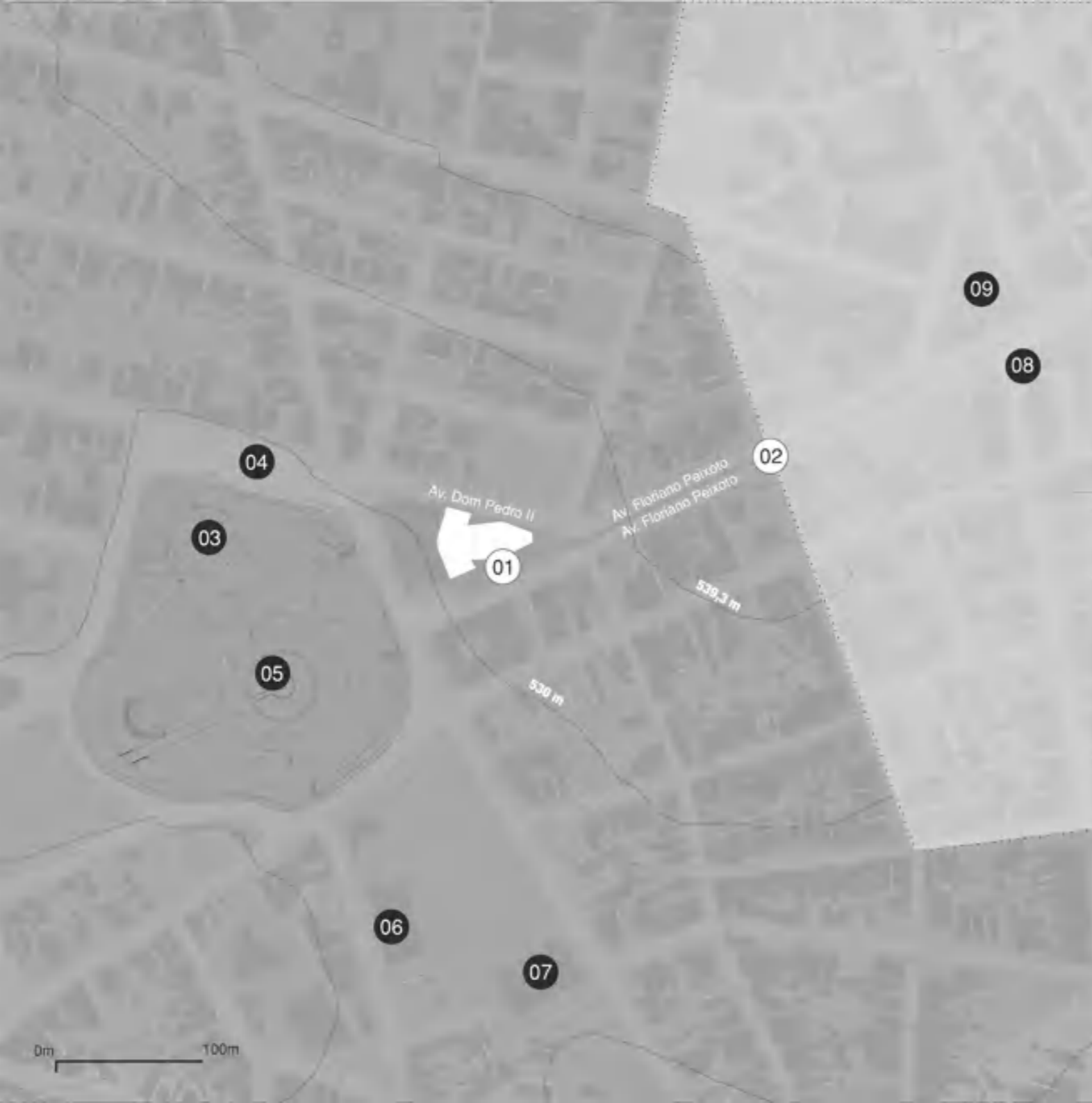


Figura 17 |  
Mapa da dimensão  
espacial externa

Fonte:  
Mapa SEPLAN,  
2011. Editado pelo  
autor, 2020.

#### LEGENDA

- 01\_ Teatro Municipal Severino Cabral
- 02\_ Delimitação Centro Histórico de C. Grande
- 03\_ SECULT
- 04\_ Terminal de Integração
- 05\_ Parque Açude Novo
- 06\_ Centro Cultural Lourdes Ramalho
- 07\_ Pirâmide - Parque do Povo
- 08\_ Praça C. Procopio
- 09\_ Praça da Bandeira

## 3.3 DIMENSÃO ESPACIAL

A dimensão espacial divide-se em duas partes: a) o espaço externo, onde será analisado o lugar, o entorno e a implantação, entre outros; e, b) o espaço interno, observando as soluções do programa de necessidades e zoneamento, por exemplo.

### 3.3.1 DIMENSÃO ESPACIAL EXTERNA

O Teatro Municipal Severino Cabral localiza-se no Bairro Centro de Campina Grande, que possui população de aproximadamente 7.527 habitantes, de acordo com o Censo de 2010. Sendo 385.213 habitantes municipais. Faz limite com os seguintes bairros: Conceição, Lauritzen, Jardim Tavares, Santo Antônio, José Pinheiro, Catolé, São José, Prata, Monte Santo e Palmeira.

Segundo o Mapa de Uso do Solo<sup>10</sup> da SEPLAN (Secretaria de Planejamento, Gestão e Transparência de Campina Grande) de 2010, o Bairro Centro possui uso misto, sendo predominantemente comércio/serviço e residencial.

O TMSC está implantado em um terreno de forma

<sup>10</sup> Disponível em: <[http://pmcg.org.br/wp-content/uploads/2014/10/Plano\\_Diretor\\_2006.pdf](http://pmcg.org.br/wp-content/uploads/2014/10/Plano_Diretor_2006.pdf)>. Acesso em: Jul. 2020.

trapezoidal com declive no sentido Leste-Oeste, de aproximadamente seis metros. Sua implantação faz limite norte com a Av. Dom Pedro II; ao sul com o estacionamento do TMSC e a Av. Floriano Peixoto - que corta a cidade em uma diagonal noroeste - nordeste; ao leste, uma pequena praça, com monumento em homenagem ao prefeito Severino Cabral, e o canteiro que divide os dois sentidos da Av. Floriano Peixoto.

O edifício faz limite oeste com algumas construções de uso comercial, que possuem gabaritos desproporcionais e recuos inadequados. Esses “elementos parasitários”, obstruem a relação do edifício com a cidade, assim como a visualização da sua fachada oeste composta por um grande painel de azulejo.

Em um raio de 500 metros existem alguns equipamentos importantes, como por exemplo, o conjunto do Parque Evaldo Cruz (Açude Novo), projetado na década de 1970 pelo arquiteto pernambucano Renato Azevedo. Esse conjunto é composto pelo traçado urbano do parque, a Secretaria de Cultura de Campina Grande (SECULT) e um obelisco. Tem-se também o Parque do Povo, o Centro Cultural Lourdes Ramalho, e o Terminal de Integração. Este último, por sua vez, foi implantado de forma inadequada, bloqueando visualmente e fisicamente o acesso ao conjunto.

Além disso, está próximo do Centro Histórico de Cam-

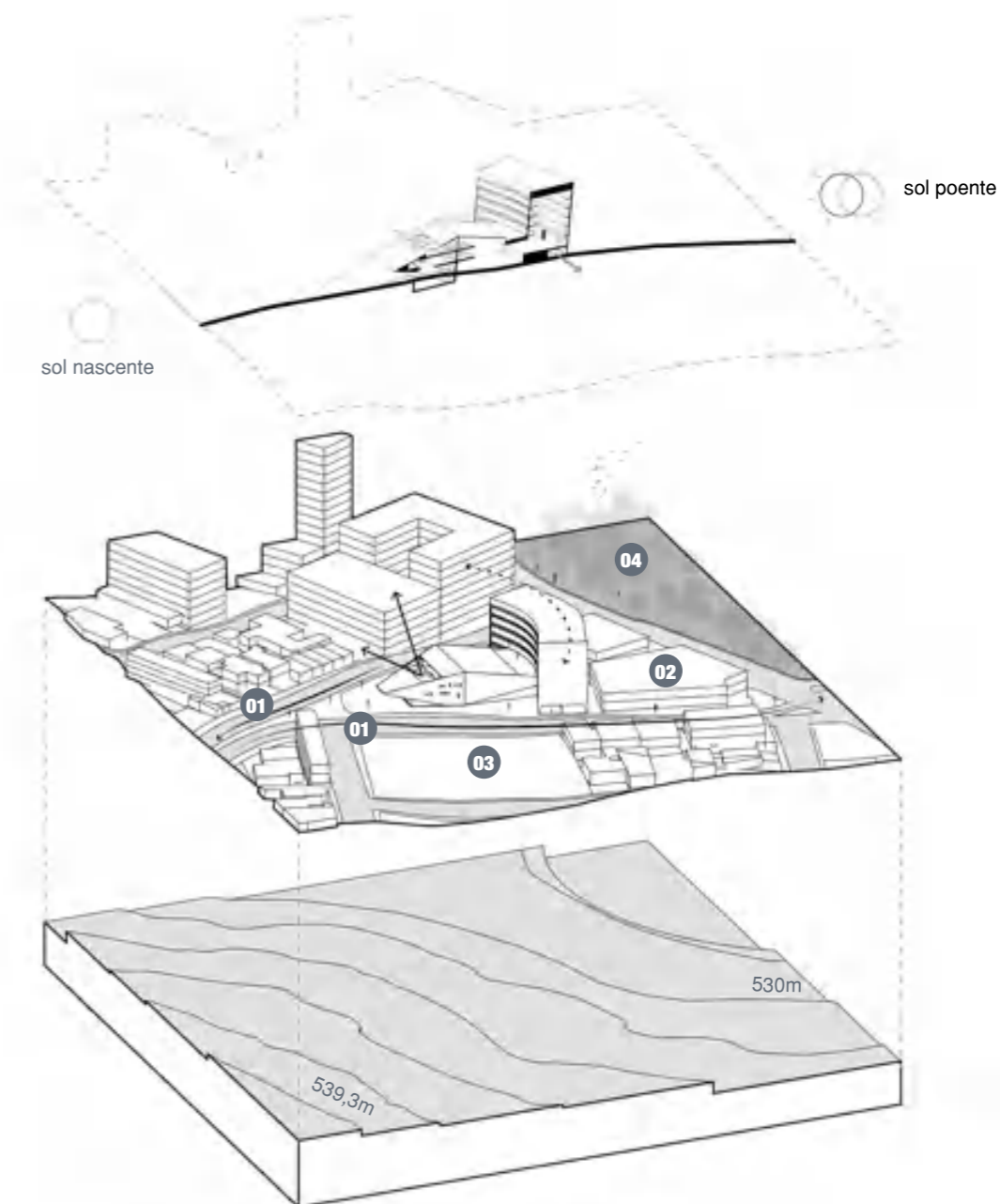


Figura | 18  
Esquema da dimensão espacial externa

Fonte:  
Diego Diniz

#### LEGENDA

- 01\_Av. Floriano Peixoto
- 02\_Construções posteriores (elemento parasitário)
- 03\_Terreno ocioso
- 04\_Parque Açude Novo
- 05\_Parque Açude Novo

pina Grande, que é composta por praças, museus e edificações, predominantemente no estilo *Art decó*.

### 3.3.2 DIMENSÃO ESPACIAL INTERNA

Na dimensão espacial interna serão analisadas as intenções projetuais originais do autor da obra, de acordo com o material de projeto que foi redesenhado e esquematizado. Esta análise será concluída com uma breve análise das modificações que ocorreram desde a sua construção, a aquelas que ocorreram ao longo do tempo.

Com área construída de 5.404,9 m<sup>2</sup>, proposta inicialmente, o TMSC possui estrutura formal composta por dois volumes principais (Figura 19). Como método de análise dos espaços internos, e para melhor descrição do projeto, o edifício foi seccionado em duas partes principais: “bloco A” e “bloco B”.

O “bloco A” divide-se em: “setor A1”, onde estão distribuídos os espaços de apoio para os espectadores; e o “setor A2”, que corresponde aos espaços principais de contemplação.

O “bloco B” possui sete pavimentos, nele estão setorizados os espaços de administração, apoio aos artistas, palco principal, áreas técnicas e de serviços (Figura 20).

Figura | 19  
Esquema da dimensão espacial interna

Fonte:  
Autor, 2020.

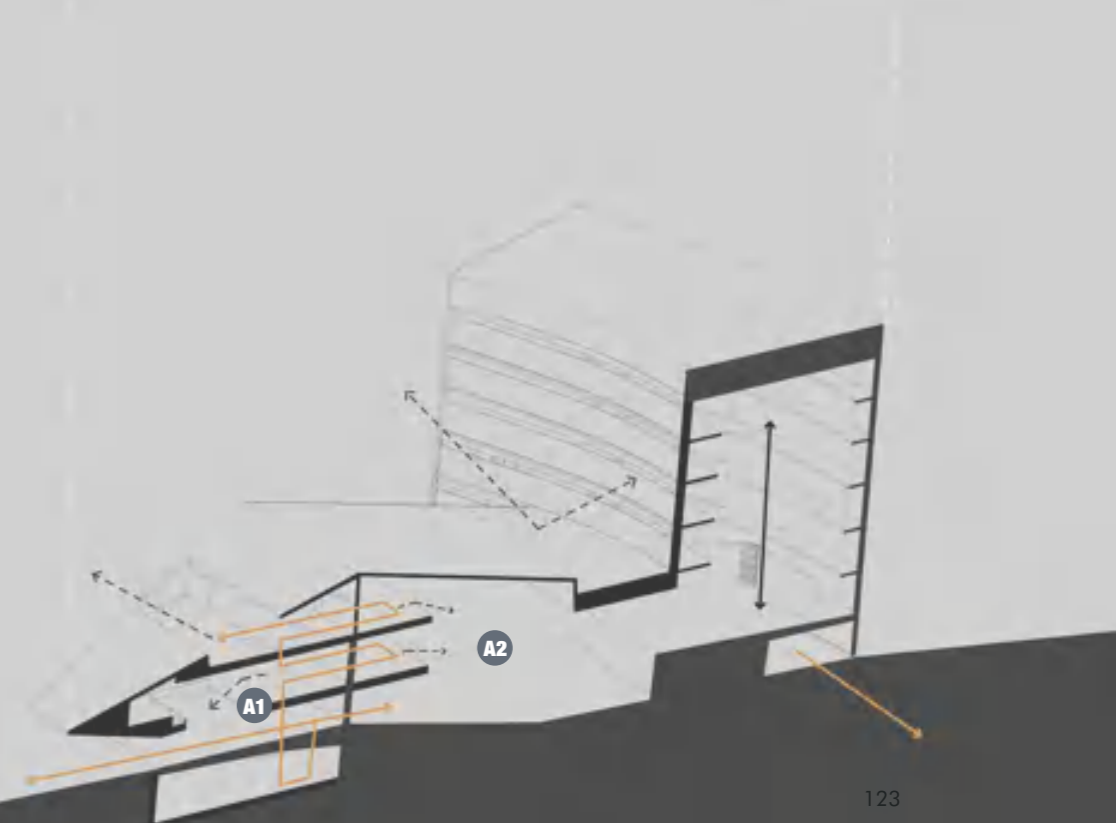
#### LEGENDA

A\_Bloco A  
B\_Bloco B  
A1\_Setor A1  
A2\_Setor A2

→ Circulação público

→ Circulação funcionários e artistas

--> Vistas

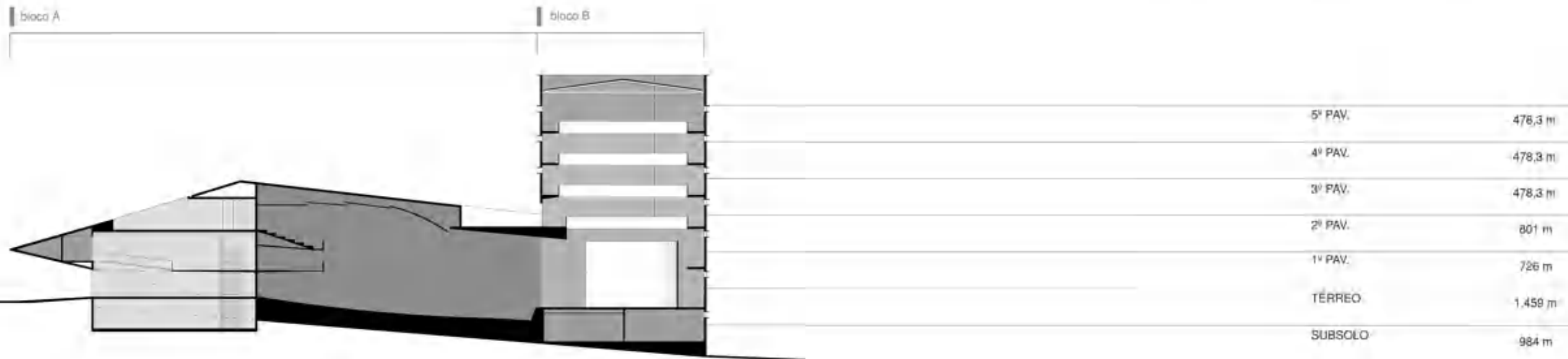


**BLOCO A**

SUBSOLO	TÉRREO	1º pavimento	2º pavimento
bar - restaurante	loyer	hall circulação	bar
cozinha	platela principal	sanitário masc.	sanitário masc.
depósito		sanitário fem.	sanitário fem.
área de serviços		escritório	terraço jardim
sanitário (serviço)		camarotes	galeria
sanitário masc.			
sanitário fem.			

**BLOCO B**

SUBSOLO	TÉRREO	2º PAV.	4º E 5º PAV.
administração	espeira artistas	2 salas de ensaio	confeção cenários
casa de máquina	2 sanitário masc.	sanitário masc.	2 sanitários
vestiário	2 sanitário fem.	sanitário fem.	confeção Cartazes
almoxarifado	hall de circulação	terraço	<b>pav. técnico</b>
2 portaria	palco principal	sala de costura	reservatório
direção artística	<b>1º PAV.</b>	guarda roupa	casa de máquinas
hall circulação	2 camarins color.	depósito	
orquestra	2 sanitário masc.	guarda roupa	
depósitos	2 sanitário fem.		
	4 câmara indivi.	<b>3º PAV.</b>	
	controle de luzes	arte dramática	



CORTE ESQUEMÁTICO

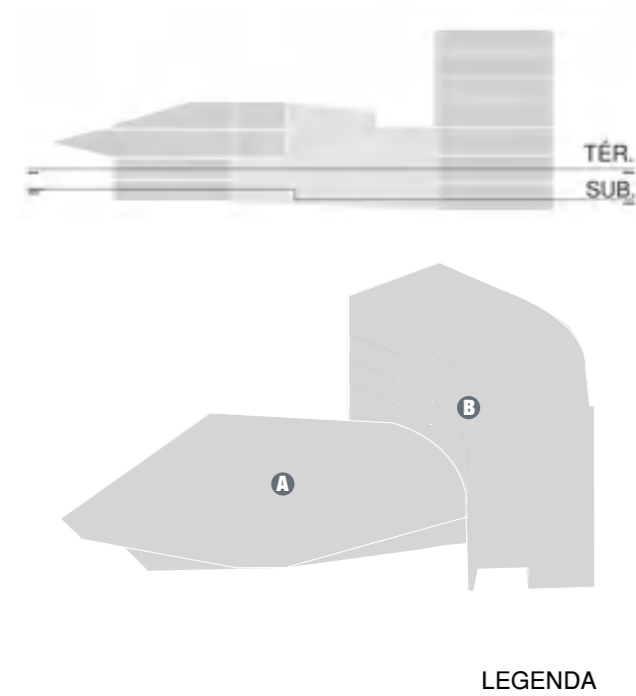
0m 10m

plateia	administração	pavimento técnico
palco/ apoio de palco	apoio artistas	serviços
apoio espectador		

Figura | 20  
Esquema de setorização

Fonte: Autor, 2020





## LEGENDA

A_Bloco A	11_Elevador
B_Bloco B	12_Médic
01_Bar - Restaurante	13_Sala
02_Sanitários	14_Depósito
03_Cozinha	15_Oficina
04_Área de Serviços	16_Casa de Máquinas
05_Corredor de Circulação	17_Vestiário Empregados
06_Orquestra	18_Almojarifado
07_Aterro Plateia	19_Direção Artística
08_Espera	20_Foyer
09_Secretaria	21_Plateia
10_Diretoria	22_Palco
	23_Espera de artistas

plateia	■
palco / apoio de palco	■
apoio espectador	■
administração	■
serviços	■

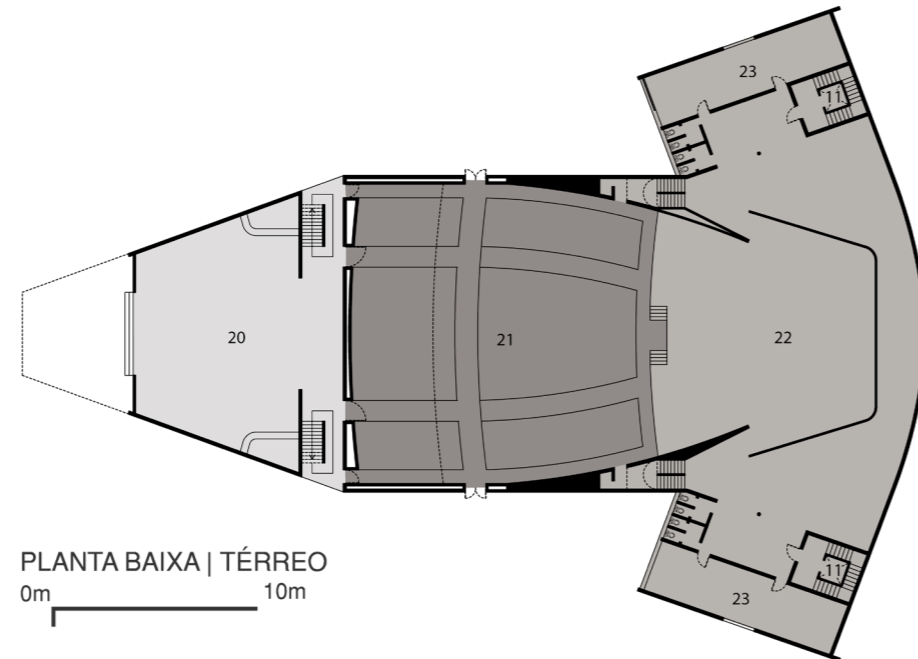
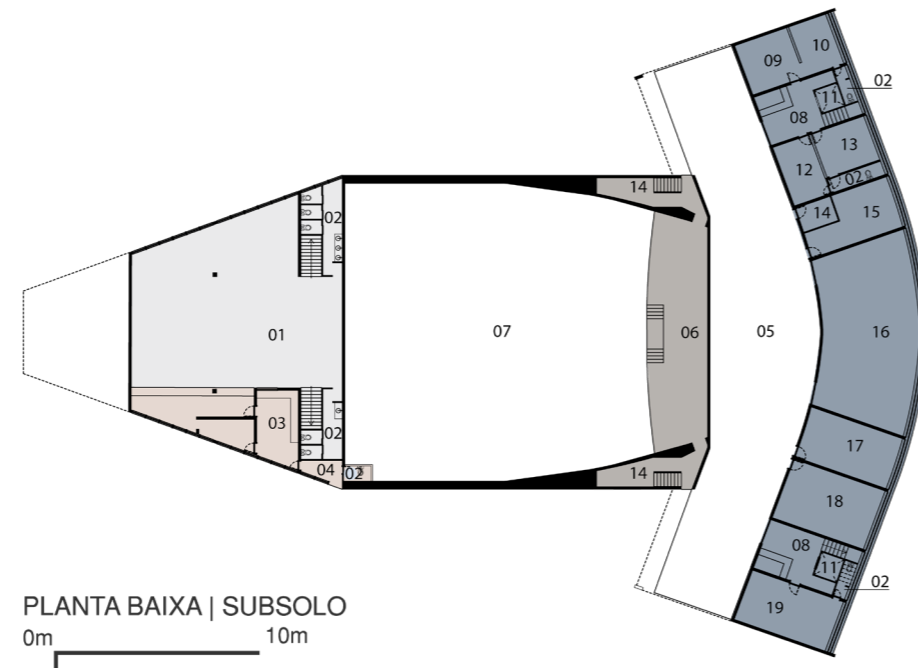


Figura | 21  
Planta baixa 1º e 2º  
pavimento

Fonte: Autor, 2020.

O “setor A1” do “Bloco A”, divide-se em quatro pavimentos, sendo um deles, no subsolo. O primeiro pavimento abriga um bar/restaurante com depósito, cozinha, área de serviços, sanitário masculino com 2 boxes, sanitário feminino com 3 boxes e um sanitário de serviço, como pode ser observado na planta baixa do 1º pavimento na Figura 21.

O segundo pavimento compreende o foyer principal com um mezanino, que proporciona uma amplitude a esse espaço de entrada. Nesse pavimento são distribuídos os acessos para os demais pavimentos por meio de duas escadas, assim como o acesso à sala principal do teatro. No terceiro pavimento, encontra-se um banheiro masculino e outro feminino com seis boxes cada um; e um escritório com depósito e sala de imprensa, com dois sanitários (Figura 22). É nesse pavimento que tem-se o acesso aos camarotes.

Por fim, o quarto pavimento é contemplado com um bar, um jardim aberto - com vista para cidade, sanitário masculino e feminino contendo cada um, três boxes. Ademais, é nesse pavimento que tem-se acesso para à galeria.

O “setor A2” compreende o espaço principal do teatro - a plateia - com pé-direito triplo, além dos camarotes e a galeria.

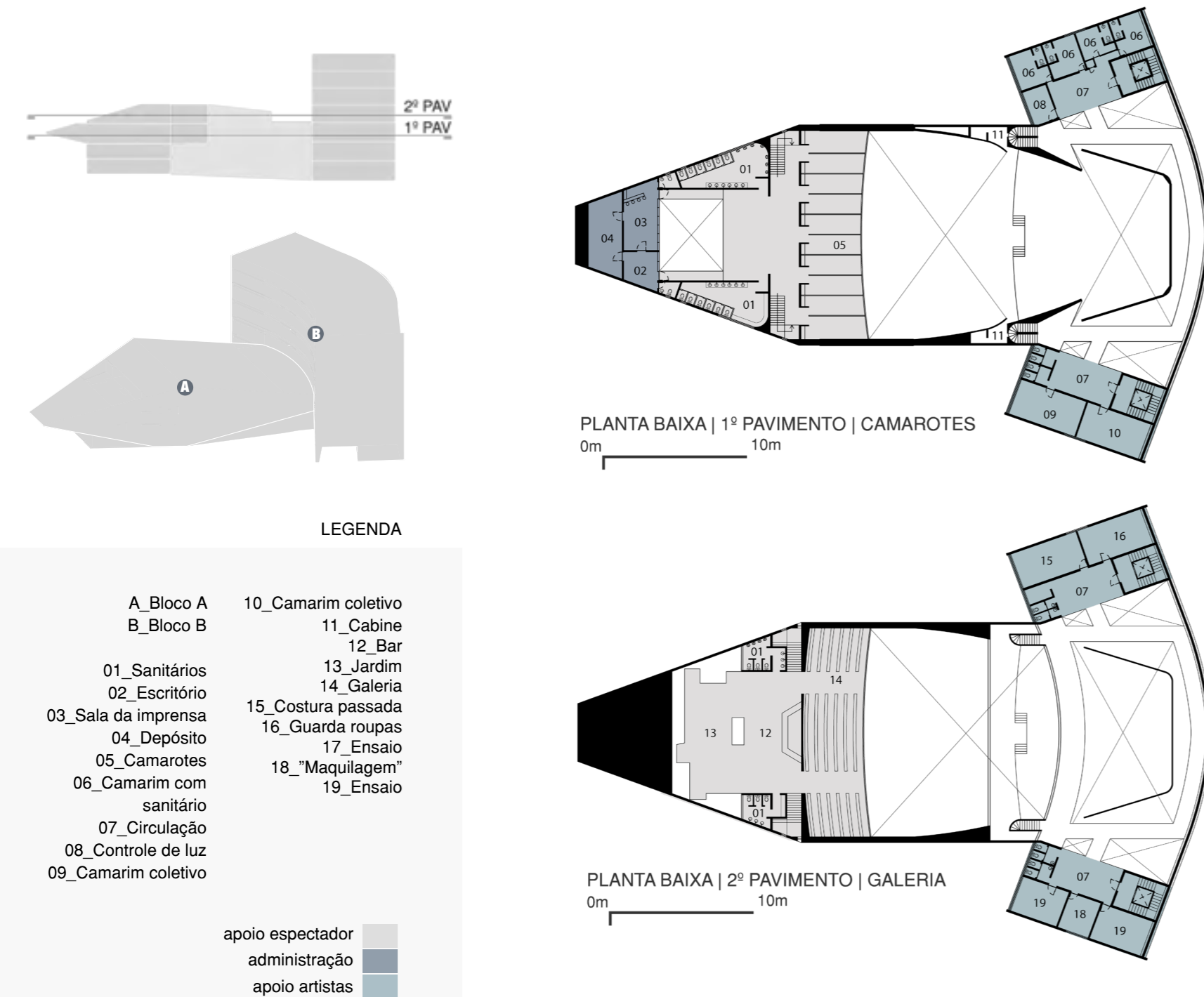


Figura 22 |  
Planta baixa 3º e 4º  
pavimento

Fonte: Autor, 2020.

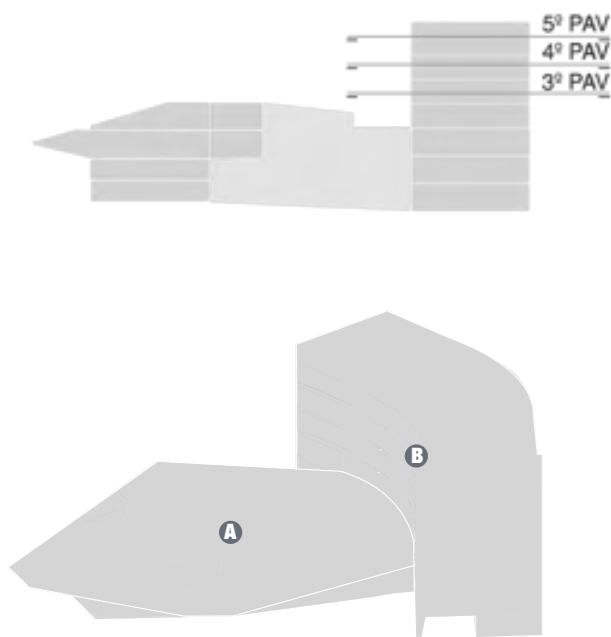
O “bloco B”, posicionado em um eixo em “semicírculo”, divide-se em sete pavimentos. O primeiro pavimento contempla circulação pública norte-sul, tipo pilotis, aberto à cidade. Nesse pavimento, também está setorizado a administração com sala de espera, secretaria, diretoria e sanitários; e, sala de oficina com depósito, casa de máquinas, vestiário para empregados, guaritas, almoxarifado, direção artística, acesso para orquestra e dois depósitos

Todos os pavimentos do “bloco B” possuem dois núcleos de circulação vertical, compostas por elevador e escada, assim como um hall de circulação, sendo o primeiro pavimento, guaritas de controle ao acesso.

Logo acima, no segundo pavimento, localiza-se o palco principal. O mesmo espaço do palco se prolonga verticalmente até o sétimo pavimento, formando um vazio que abriga toda engrenagem técnica de cenários, iluminação, som, etc. Tem-se também duas salas de espera para artistas e sanitário masculino e feminino (cada um com dois boxes).

No terceiro pavimento, encontra-se quatro camarins individuais, com sanitário, e uma sala de controle de luz. Além disso, tem-se dois camarins coletivos, com dois sanitários (masculino e feminino), cada um.

Os espaços do quarto pavimento são os seguintes:



## LEGENDA

A\_Bloco A  
B\_Bloco B

01\_Arte dramática  
02\_Arte dramática  
03\_Terraço  
04\_Telhado  
05\_Jardim  
06\_Laje impermeabilizada  
07\_Sala de confecções de cenários  
08\_Sala de confecções de cartazes

apoio artistas

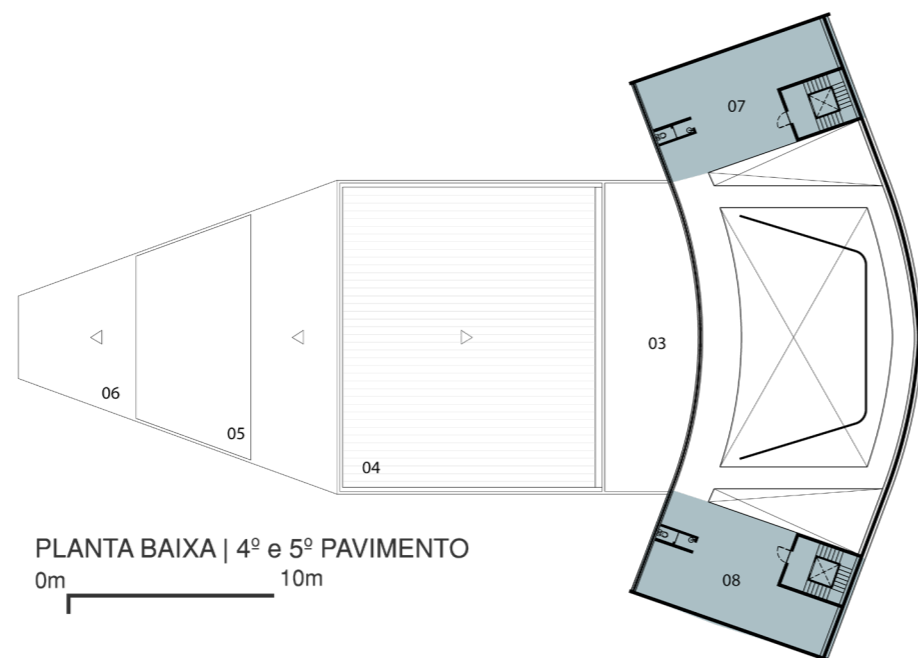
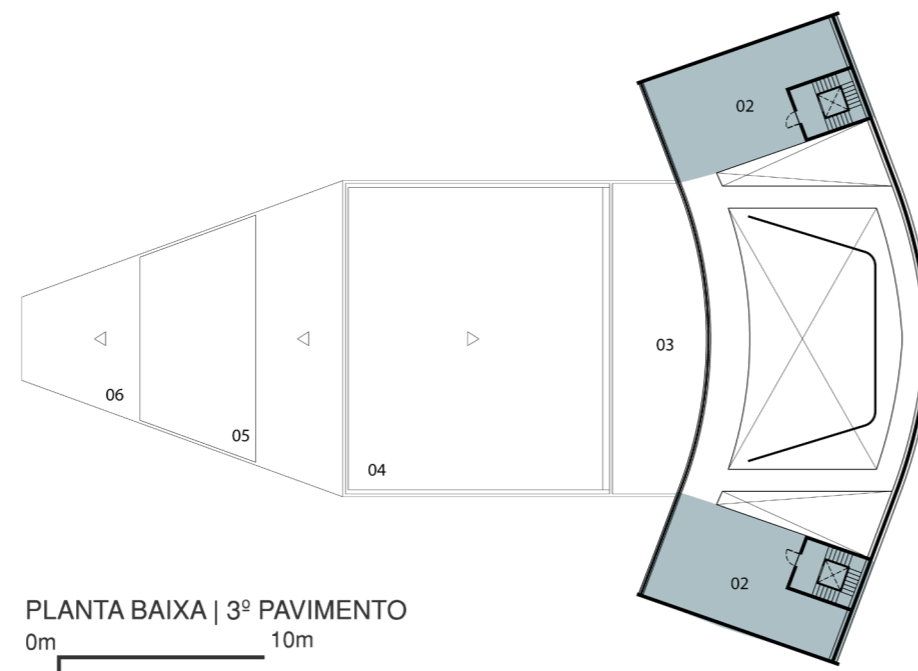


Figura 23 |  
Planta baixa  
5º e 6º/7º pavimento  
Fonte: Autor, 2020.

uma sala de “costura passada”, uma sala de guarda roupa, duas salas de ensaios, sala de “maquilagem”, e quatro sanitários (dois masculinos e dois femininos, cada um com dois boxes).

O quinto pavimento possui basicamente duas sala de arte dramática, além dos núcleos de circulação vertical. No sexto e sétimo pavimento, tem-se uma sala de confecções de cenários, uma sala de confecções de cartazes e dois sanitários.

Por fim, acima do sétimo pavimento, setoriza-se uma área técnica com reservatórios de água, casa de máquinas dos elevadores e a estrutura de coberta.

Sabe-se que entre o projeto concebido e a execução, ocorrem diversas modificações, sejam por motivos financeiros, técnicos ou programáticos, que influenciam no resultado final. Além disso, ao longo da sua vida útil, os edifícios sofrem diversas modificações inadequadas, para se adequarem as novas necessidades.

Escolheu-se analisar o projeto original para entender o processo de concepção projetual, assim como as intenções que permearam seu desenvolvimento. Porém, para concluir a análise espacial interna, serão feitas algumas observações em relação as modificações que ocorreram no TMSC.

Observa-se primeiramente, as diferenças entre o projeto original e sua execução, como por exemplo, a circulação pública do primeiro pavimento do “Bloco B”. Esse aspecto revela uma intenção projetual de conectar as duas ruas paralelas, através da permeabilidade do edifício. Porém, por algum motivo desconhecido, essa circulação tornou-se interna ao edifício.

Observa-se também, que neste mesmo bloco, foram executados apenas cinco, dos sete pavimentos previstos no projeto original. Também houve modificações na cobertura e nos reservatórios acima do último pavimento.

Observa-se também algumas alterações na cobertura do edifício. A laje plana do “bloco A”, que seria uma varanda aberta para os artistas e funcionários, transformou-se em uma área técnica para condensadores. Os dois reservatórios de água que estariam localizados nas extremidades do “bloco B”, em laje planta, não foram executadas.

Os dados da Tabela 07, da página ao lado, são referentes às reformas que ocorreram no TMSC. Essas informações foram coletadas em fontes secundárias, como panfletos, notícias de sites, vídeos de reportagens, etc.

Em 1975 ocorreu a primeira reforma, onde foi cons-

truído o Mini Teatro Paulo Pontes, com capacidade para 80 lugares e uma série de modificações internas.

Alguns anos depois, em 1988, ocorre umas das reformas mais invasivas, pelo impacto das modificações: troca de revestimentos, traçado paisagístico, modernização de equipamentos técnicos (som, iluminação, acústica, mobiliário, ar condicionado e equipamentos de palco), inserção de peles de vidro, etc.

A última reforma, entre 2009 e 2011, ocorreu principalmente nos espaços internos do teatro. Houve troca de forro, novas instalações de ar-condicionado e do sistema elétrico e hidráulico; tratamento acústico e troca de poltronas. Além disso, teve-se a instalação de combate a incêndio, entre outras modificações.

Tabela 7 |  
Reformas que  
ocorreram no TMSC

Fonte: Compilação do Autor,  
2020.

REFORMAS	
1975	Conclusão do projeto inicial; reparo do palco, plateia, camarotes e galeria; construção do Mini Teatro Paulo Pontes com 80 lugares; <sup>11</sup>
1988	Recuperação do equipamento teatral, som, iluminação, acústica, mobiliário, equipamentos de palco, ar condicionado. <sup>2</sup> Troca e aplicação de revestimentos externos, criação de bilheteria, alteração do paisagismo e traçado externo (calçadas, jardins e estacionamento); alteração na escada de acesso principal; demolição das quatro rampas laterais, sendo duas refeitas em outra posição para saída de emergência; Instalação de peles de vidro no volume posterior;

<sup>11</sup> fonte: Panfleto comemorativo dos 40 anos do TMSC, 2003.

2009-2011	Troca de forro; novas instalações e ar-condicionado (3º andar); novas instalações elétricas e de iluminação; recuperação dos sistemas hidráulicos; novo tratamento acústico e novas cortinas; rampa de acesso para deficientes; cabine de iluminação, banheiro acessível; novas poltronas; restauração da administração, salas de dança, camarins, sala de espetáculos e foyers; lavagem externa; novo piso; descupinização; recuperação de telhado; instalação de sistema de combate a incêndio; aumento da capacidade; <sup>12</sup>
-----------	--

Nessa última reforma, também foi alterado o acesso principal do edifício. Originalmente foram executadas duas rampas em cada lateral, que funcionavam tanto como acessibilidade como saída de emergência. As mesmas foram demolidas na reforma de 1988, e construídas duas escadas laterais para saída de emergência.

Em relação à acessibilidade, foi modificada a entrada principal, que ocorria por meio de patamares. Foram adicionadas duas rampas com corrimões em aço inox e piso em mármore, inadequado para circulação externa.

<sup>12</sup> Disponível em: <<https://teatroseverinocabral.wordpress.com>>. Acesso em Abril, 2020.



Figura 24 |  
Estrutura de suporte  
do TMSC

Fonte: |a; b| Compilação do  
autor, 2020.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Disponível em:  
<<http://cgretalhos.blogspot.com/2013/11/tmsc-50-anos-fotos-da.html#.Xvf4vMfQg-ml>>. Acesso em: Jun. 2020.

## 3.4 DIMENSÃO TECTÔNICA

A dimensão tectônica trata-se do aspecto construtivo, segundo FRAMPTON (1995). Está relacionado com a estrutura de suporte, peles, cobertura, detalhes e revestimentos, que somado as soluções projetuais, conferem o valor construtivo da obra.

### 3.4.1 ESTRUTURA DE SUPORTE

A estrutura de suporte (superestrutura) do TMSC, como podemos ver na montagem da Figura 28, com duas imagens, é composta por vigas, pilares e lajes de concreto moldadas em loco. A vedação é de alveolaria convencional independente da superestrutura. Também foi utilizado laje de concreto em balanço inclinada, como se observa na montagem da figura ao lado, que funciona como uma marquise de entrada ao edifício.

Sua estrutura é sistemática, por apresentar uma trama ordenadora e assintomática, por não ter sua estrutura aparente, apesar de ser percebida por meio da sua forma e dimensionamento dos vãos. Existe uma relação entre estrutura e forma mais evidente na volumetria externa do que nos ambientes internos.



Figura 25 |  
Esquadrias de vidro  
e brises metálicos

Fonte: Autor, 2020.

### 3.4.2 PELES

As peles do TMSC foram sendo alteradas ao longo dos anos. Isso ocorreu principalmente porque a obra não foi concluída na sua inauguração, acarretando em um processo longo de reformas e implementações de componentes.

As esquadrias externas são predominantemente de vidro com caixilhos metálicos, e internamente de madeira. No “bloco A” existem poucas esquadrias, limitando-se à porta de entrada e as de emergência nas laterais. Além daquelas presentes no jardim terraço e as janelas laterais, que iluminam os banheiros e os patamares das escadas.

No “bloco B” foram acrescentados na reforma da década de 1980 duas grandes esquadrias de vidro e caixilhos metálicos nas fachadas leste, sobrepostas em todos os pavimentos. Também foram implantados dois painéis em brises metálicos verticais que sobrepõem as laterais das fachadas oeste, protegendo as esquadrias da insolação direta, como pode ser observado na montagem da Figura 24.

Observa-se uma relação entre as esquadrias e os vãos, que tomam partido das possibilidades estruturais, apesar da reduzida quantidade de aberturas, principalmente no “bloco A”.



Figura 26 |  
Coberta

Fonte: Leonardo Soares e  
Diego Diniz, dez. 2019.

### 3.3 COBERTURA

A cobertura foi solucionada adotando-se dois tipos de sistemas. No “bloco A”, de forma trapezoidal, a inclinação para o leste é toda em laje impermeabilizada revestida com mármore, fazendo parte da composição principal do volume. No caimento inverso, do mesmo volume, tem-se a aplicação de telhas em fibrocimento, já que não foi planejado para ser vista, principalmente pelos usuários externos ao edifício.

Neste último caso, existe uma pequena platibanda lateral que não permite que o telhado seja visto na altura do observador que circunda o edifício. Por fim, a coberta do “bloco B”, diferente do projeto original, foi solucionada por uma coberta com quatro caimentos em telha fibrocimento. A estrutura desta coberta é em madeira, sendo possível observá-la estando no último pavimento.

O fechamento desta coberta não é de alvenaria comum. Existe uma estrutura metálica com fechamento de chapas, também metálicas, que funcionam como platibanda.

A única solução observada em relação ao conforto ambiental proporcionado pelo sistema de cobertura, foi a marquise de entrada, que cria um espaço protegido contra intempéries, para as pessoas que estejam circulando pelo local.





### 3.4 DETALHES CONSTRUTIVOS EXISTENTES NA OBRA

Ao longo do trabalho já foram apresentados alguns detalhes construtivos do TMSC, como por exemplo, os brises, esquadrias e marquise.

Na Figura 26, ao lado, composta por seis imagens, observa-se na (imagem a) um detalhe da esquadria presente na fachadas norte, localizada no terraço jardim, em forma de fita. Este elemento corta o encontro entre dois planos da forma trapezoidal. A junção dessas esquadrias podem ser percebidas nas fachadas norte e sul (imagem b), criando recortes que dinamizam a forma.

As demais imagens trazem alguns detalhes de encontros e acabamentos. Como a estrutura metálica de suporte das esquadrias de vidro da fachada leste, no “bloco B” (imagem c); o encontro da laje inclinada com as paredes do terraço jardim (imagem d); o mezanino com jardim no foyer, presente entre o 2º e o 3º pavimento do “bloco A” (imagem e); e um detalhe do banco em concreto presente também no terraço jardim (imagem f).

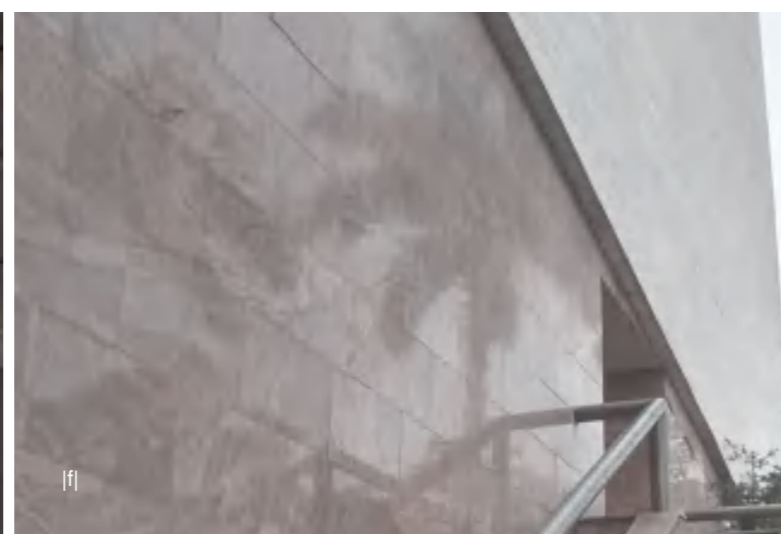
Figura 27 |  
Detalhes

Fonte: Autor, 2020.



Figura 28 |  
Revestimentos e texturas  
do TMSC

Fonte: Compilação do  
autor, 2020. <sup>2</sup>



### 3.5 REVESTIMENTOS E TEXTURAS PLASTICIDADE E CROMATISMO MATERIAL

Inicialmente observando as duas primeiras imagens da montagem da Figura 27, composta por seis imagens, podemos fazer um paralelo entre o TMSC em 1963 e em 1988, no aspecto cromático.

Percebemos que os tons de cinza dos revestimentos em pedra e concreto foram substituídos por Granito Terracota e mármore Bege Bahia. Na fachada oeste encontra-se um painel de azulejo com tons terracota, azuis e bege (imagem c).

As áreas de circulação do “bloco A”, que compreende o foyer (2º pavimento), o mezanino (3º pavimento) e o terraço jardim (3º pavimento), possuem paredes revestidas com mármore Bege Bahia. As escadas e os pisos do 2º e 3º pavimento são revestidos com mármore branco.

O piso do palco principal é revestido com tábuas de madeira (imagem e), enquanto que a plateia possui piso em carpete. O piso dos demais ambientes são em azulejo de tons terracota, como da fachada oeste. Na “imagem f”, da figura ao lado, podemos observar as texturas do Granito Terracota e do Mármore Bege Bahia.

<sup>2</sup> [Imagens a, b] Disponível em: <[https://www.facebook.com/BlogRHCG/media\\_set/?set=a.421852801188114](https://www.facebook.com/BlogRHCG/media_set/?set=a.421852801188114)>. Acesso em jun. 2020. [Imagem c] Disponível em: <<http://otaviocomarte.blogspot.com/2011/06/desprezo-e-indiferenca-com-o-patrimonio.html?m=1>>. Acesso em Jun. 2020. [Imagens d, e, f] autor, 2020.

### 3.5 DIMENSÃO FUNCIONAL

Em sua concepção original, o TMSC tinha um programa de necessidades moderno e progressista para a época, principalmente por estar localizado em uma cidade no interior do nordeste. Além dos espaços comuns para o funcionamento de um teatro, até então, como por exemplo, foyer, plateia, palco e camarins, o TMSC abrangia usos complementares, como bar, restaurante, mirante, salas de aulas e ensaios, entre outros.

Alguns ambientes foram reconfigurados, como por exemplo, o restaurante que se transformou em uma sala de ensaios, e o bar que parou de funcionar por diversas questões administrativas.

Ao longo dos anos algumas funções foram sendo adaptadas e alteradas para novas necessidades, como por exemplo, banheiro acessível (em baixo da escada), sala técnica de iluminação, biblioteca, espaço de exposição e uma sala de apresentação menor - o Mini Teatro Paulo Pontes.

No projeto original era previsto um estacionamento na parte posterior do edifício, estabelecendo um recuo em relação aos outros lotes. Esse recuo favorecia a

permeabilidade visual do mesmo. Por algum motivo político/administrativo, algumas construções foram feitas nesse recuo, prejudicando a visibilidade do edifício.

Ao longo dos anos também houveram reformas no desenho urbano do seu entorno, sendo acrescentado um estacionamento aberto na lateral sul do edifício.

Observa-se então, que enquanto teatro, sua função principal nunca foi alterada. Mas ocorreram algumas adaptações e alterações em espaços complementares, de acordo com as necessidades administrativas e de funcionamento.

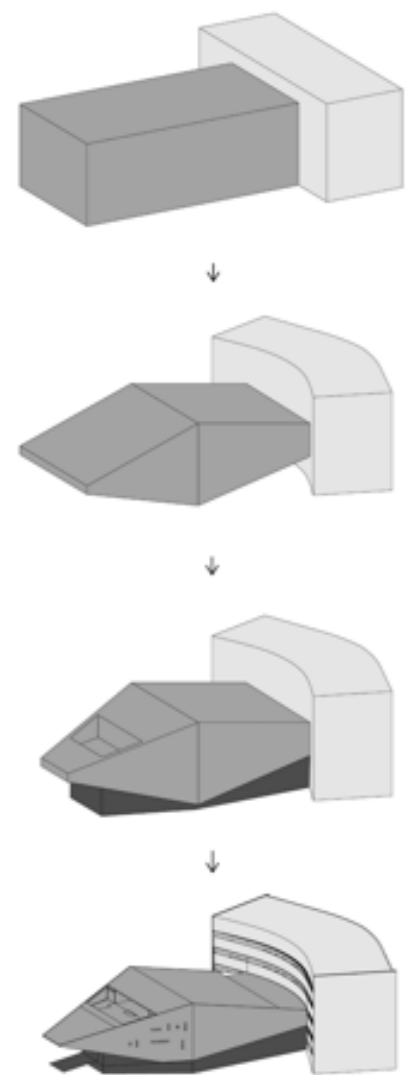


Figura 29 |  
Composição formal do  
TMSO

Fonte: Leonardo Soares  
e Diego Diniz

### 3.6 DIMENSÃO FORMAL

A dimensão formal trata-se da construção da forma e do espaço, e segundo MONTANER (2002), está relacionada a valores estéticos, culturais e sociais.

Observa-se as relações da estrutura formal do TMSO (Figura 28), com os materiais empregados, sua função, a relação com o lugar e princípios da linguagem formal da modernidade arquitetônica.

Segundo AFONSO (2013), esse princípio consiste no volume e jogo dinâmico a partir de planos, tendência à abstração e à simplificação, malhas estruturantes, formas dinâmicas, e ausência de decoração, como pode-se observar no resultado formal do objeto analisado.

O terreno foi um dos condicionantes que influenciou na concepção da forma do teatro. O terreno triangular e com topografia em declive, possibilitou a setorização da plateia, seguindo o relevo natural, e a resolução do programa em dois volumes principais.

O primeiro volume trapezoidal, com uma base recuada, proporcionando uma sensação de leveza e apoio. Além disso, existem algumas subtrações das esquadrias e do terraço jardim. O segundo volume, trata-se de uma forma retangular levemente curvada.

### 3.7 DIMENSÃO DA CONSERVAÇÃO

A dimensão da conservação baseia-se nas considerações de Lichtenstein (1986), como visto no referencial metodológico. O processo de análise foi adaptado aos recursos disponíveis, não sendo utilizado nenhum método mais avançadas com uso de instrumentos específicos ou ensaios laboratoriais. Dessa forma, a análise da conservação baseia-se em experiências empíricas.

Para coleta de informações, ocorreram algumas visitas em loco, onde ocorreram registros fotográficos e permitiu a observação do edifício. Também foram feitas pesquisas referentes ao histórico do TMSC, buscando compreender as modificações ocorridas ao longo do tempo.

Em seguida, buscou-se compreender essa problemática, a partir de diagnósticos da situação atual, entendendo os porquês e como de acordo com cada dano encontrado. Posteriormente foram definidas condutas de conservação.

Esse processo resultou na produção de treze Fichas de Identificação de Danos (FID's) e seis Mapas de Danos, com adaptações da metodologia proposta por

Figura 30 |  
Detalhe patologia -  
perda de material

Fonte: Acervo GRUPAL



Figura 31 |  
Detalhe da perda de material e crosta negra

Fonte: Autor, 2020.

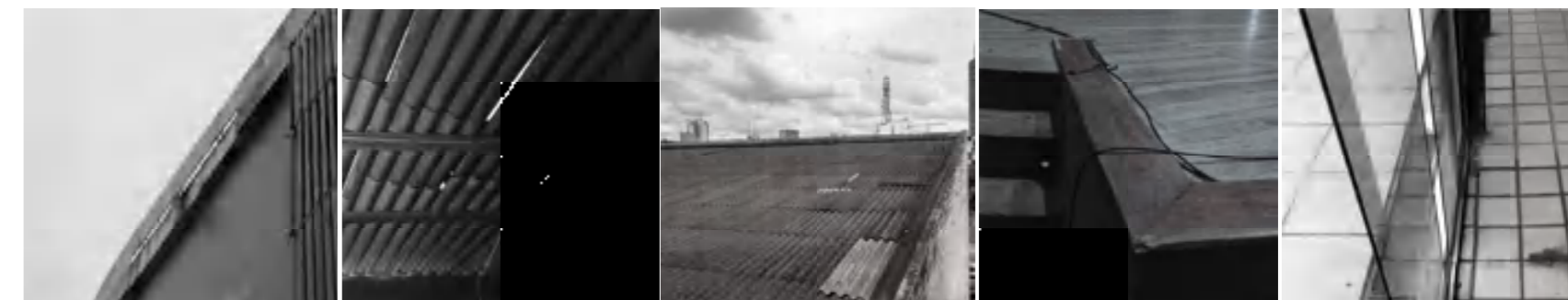
Tinoco (2009). De forma sintética, para melhor compreensão, neste trabalho, essas FID's foram sintetizadas, como podemos ver no Quadro 8, presente nas páginas subsequentes.

Vandalismo, que é um dano muito comum na contemporaneidade, por ação antrópica<sup>1</sup>, como por exemplo, pichação, foi recomendado como conduta a limpeza completa das peças afetadas, de acordo com técnica indicada por especialistas.

Perda de material e crosta negra é um dano presente em todas as fachadas do edifício, principalmente nas peças de mármore Bege Bahia (Figura 32). Isso ocorre devido o contato direto com a água da chuva, acúmulo de poeira, poluição e falta de limpeza periódica. Nesse caso, sugere-se a limpeza de toda as fachadas do edifício, com uma técnica adequada que não danifique a região tratada, também de acordo com consultoria especializada.

A perda de material das fachadas é um dano que pode acarretar perigo para as pessoas que utilizam o espaço, ou até mesmo, os que circulam pelos passeios públicos adjacentes ao TMSC. Constatou-se alguns pontos onde as peças de mármore do revestimento externo estão soltando.

<sup>1</sup> Ação do ser humano sobre o meio ambiente.



COMPONENTE	Rev. fachada externa	Rev. fachada externa	Rev. Fachada externa	Rev. Fachada interna	Platibanda	Coberta	Coberta	Piso	Esquadrias
DANO	<b>Vandalismo</b>	<b>Crosta negra e sujidade</b>	<b>Perda de material</b>	<b>Descamação</b>	<b>Perda de material</b>	<b>Infiltração</b>	<b>Crosta negra e infiltração</b>	<b>Esfoliação</b>	<b>Ferrugem</b>
SINTOMA	Pichação	Manchas pretas	Falta de peças do revestimento	Perda de pintura e reboco	Falta de peças da platibanda	Fresta entre telhas	Telhas recortadas e sujas	Desgaste dos material	Dificuldade em abrir/fechar as esquadrias
EXTENSÃO	Parcial	Total	Pontual	Pontual	Pontual	Parcial	Total	Parcial	Pontual
MANIFESTAÇÃO	Fachadas norte e sul	Todas as fachadas	Fachada norte	Quarto pavimento, do “bloco A”. Terraço jardim	Platibanda da fachada oeste	Telhado do “bloco B”	Telhado em fibrocimento do “bloco A”	Madeira do piso principal	Esquadria externa do terraço jardim
CAUSA	Ação antrópica	Água da chuva, acúmulo de poeira e poluição	Umidade, choque mecânico ou vandalismo	Infiltração	Desprendimento do material	Falta de manutenção e reposição inadequada de peças	Desgaste do material e falta de manutenção	Uso e falta de manutenção adequada	Contato com água
FENÔMENO	Químico	Físico/químico	Físico, químico e antrópico	Físico	Química - física	Atmosférico, de uso e cargas	Atmosférico, de uso e cargas	De uso	Atmosférico - químico
CONDUTA	Remoção com técnica específica (consultar especialistas)	Limpeza com técnica específica (consultar especialistas)	Repor peças específicas	Identificar e recuperar fonte de infiltração e reparar pintura	Repor elementos	Restauração completa da cobertura, com materiais eficientes	Restauração completa da cobertura, com materiais eficientes	Restauo do piso (Consultar especialistas)	Restauo de esquadrias (Consultar especialistas)

Nesses casos, de perda de material, recomenda-se a reposição dessas peças, de acordo com disponibilidade de material e análise mais profunda dos fatores que acarretam tal situação. Em caso extremo é necessário realizar um laudo técnico mais detalhado para observar se é necessário atitudes mais invasivas, como por exemplo, a remoção das peças para tratamento específico, e posterior reposição.

Também foram catalogados os seguintes danos: perda de peças na platibanda e deslocamento de telhas no “bloco B”; crosta negra e sujidade em toda a cobertura do “bloco A”; esfoliação no piso do palco principal de madeira e presença de ferrugem nas esquadrias.

Por fim, gerou-se um quadro do estado de conservação (Quadro 9), onde foi indicado a situação de cada componente da edificação nas seguintes categorias: estrutura, cobertura, revestimentos e esquadrias. Sendo classificadas entre: bom, regular e ruim em relação ao próprio edifício como um todo.

Também registra-se outros danos que não foram catalogados, como por exemplo, uma série de destacamentos e trincas nos pisos, e a vegetação desordenada no seu entorno, que causa danos físicos e visuais.

Além disso, tem-se as edificações construídas nos

Elementos		Ruim	Regular	Bom	Danos
ESTRUTURA	PILAR (concreto armado)				
	VIGA (concreto armado)				
	LAJE (concreto armado)				
	FUNDAÇÃO				
COBERTURA	ESTRUTURA				
	TELHAS (fibrocimento)				Deslocamento de peças e crosta negra
	CALHAS				Crosta negra e sujidade
REVESTIMENTOS	INTERNO (azulejo, madeira, carpete, mármore)				Perda de material e fissuras
	EXTERNO (mármore)				Crosta negra e perda de material
	FORRO (Gesso)				Infiltração
ESQUADRIAS	JANELAS (ferro e vidro)				
	PORTAS (ferro, vidro e madeira)				Ferrugem
Total		3	3	6	

Quadro 9 |  
Tabela do estado de conservação

Fonte: Autor, 2020.



fundos do TMS, que se comportam como elementos parasitários, ao danificarem a compreensão do edifício como um todo, principalmente da fachada oeste, onde existe um painel de azulejo.

A inserção do TMS, ao lado de vias de alto fluxo, também geram abalos ao edifício. Isso acarreta no aparecimento de fissuras e potencializa o destacamento dos revestimentos. Reforça-se que os registros dos danos percebidos no TMS, presentes neste trabalho, ocorreram empiricamente, por meio de observação.

Conclui-se que apesar dos diversos danos presentes no TMS, muitos dos componentes ainda estão em estado de conservação bom. É necessário entender essas degradações para se intervir de modo mais adequado, buscando-se reverter uma curva ascendente de desgaste de seus componentes arquitetônicos.

Neste capítulo foi apresentado uma análise arquitetônica do TMS de acordo com a metodologia proposta por Afonso (2019). Resultado de entrevistas, visitas em loco e coleta de informações em fontes primárias e secundárias. No próximo capítulos trataremos sobre a proposta da proposta de intervenção, objetivo geral desse trabalho, tendo como subsídio essas análises.



## **4. PROPOSTA**

Após a compreensão do referencial teórico e dos procedimentos metodológicos que norteiam o desenvolvimento deste trabalho, assim como a análise arquitetônica do objeto de estudo, exposta no capítulo anterior, este capítulo propõe-se a discutir a proposta de intervenção no TMSC. De acordo com o objetivo geral, serão apresentadas análises e representações gráficas projetuais compatíveis com o nível de estudo preliminar.

Este capítulo divide-se em quatro tópicos: a) justificativas e considerações iniciais do projeto; b) análise ambiental, retomando alguns pontos importantes que já foram vistos anteriormente; c) dados projetuais e, d) proposta.

Nesse sentido, tal proposição apresenta-se em dois modos, sendo o primeiro, por meio de diretrizes e ações, que possibilitam atender o maior número de problemáticas. Isso é necessário devido a complexidade do objeto estudado, que ultrapassa os limites do lote, abordando também, discussões urbanas, de mobilidade e conservação patrimonial.

Em complemento a esse, serão apresentadas as intervenções projetuais representadas graficamente em plantas, cortes, fachadas e perspectivas.

## 4.1 MEMORIAL JUSTIFICATIVO

Contextualizando, para embasar as decisões projetuais concernentes as intervenções arquitetônicas e urbanas no TMSC, é importante reafirmarmos a significância do objeto de estudo e seu entorno, enquanto palco e espaço de difusão cultural e artística.

Considera-se, a princípio, que o próprio conteúdo deste trabalho contribui na construção dessa significância, a medida que são apresentadas características históricas e projetuais, de um determinado período, revelando características arquitetônicas e sociais importantes para as gerações futuras.

Nesse sentido, sustenta-se que é fundamental preservar a estrutural formal original do edifício, assim como seus aspectos tectônicos, que apesar de terem sido parcialmente alterados ao longo do tempo, já incorporou-se enquanto imagem do edifício.

Assim, esse estudo se propõe a articular os princípios (distinguidade, reabilitabilidade, mínima intervenção e compatibilidade de técnicas e materiais) à concepção projetual; o diálogo entre o novo e o existente; à acessibilidade entre os pavimentos, assim como, à integração do edifício com a cidade (Figura 32).

conceito  
concepção

novos  
existentes

2º pav.  
1º pav.  
térreo  
subsolo

edifício  
cidade

# ARTICULAÇÃO

Figura 32 |  
Diagrama conceitual

Fonte: Autor, 2020.

Pretende-se também, articular o programa de necessidades atual, acrescentando ou retomando à esse, algumas atualizações contemporâneas, que promovam diversidade de usos e sustentabilidade ao funcionamento e manutenção do edifício. Para isso, serão necessárias algumas mudanças de *layout* e de fluxos para melhor aproveitamento dos espaços existentes.

Devido as limitações do espaço do TMSC, não foi possível explorar propostas de expansão programática, que agregasse ao conjunto, maiores possibilidades. Nesse sentido, o conceito limita-se em aproveitar os espaços já existentes, propondo articulações de cada problemática e promovendo ascensão à multifuncionalidade.

Essas intervenções pontuais terão como princípio a conceituação da disciplina do restauro crítico, que diferente de uma reforma, retrofit ou reabilitação, tem como objetivo a conservação do patrimônio cultural, submetendo cada decisão ao campo do debate e elaboração crítica.

#### 4.1.1 ARTICULAÇÃO DO EDIFÍCIO COM A CIDADE

Percebendo a importância do lugar na construção formal do TMSC, assim como entendendo algumas intenções projetuais originais de Geraldino Duda, teve-se como primeira proposta de intervenção, articu-

lar as potencialidades de conexão entre o edifício e a cidade.

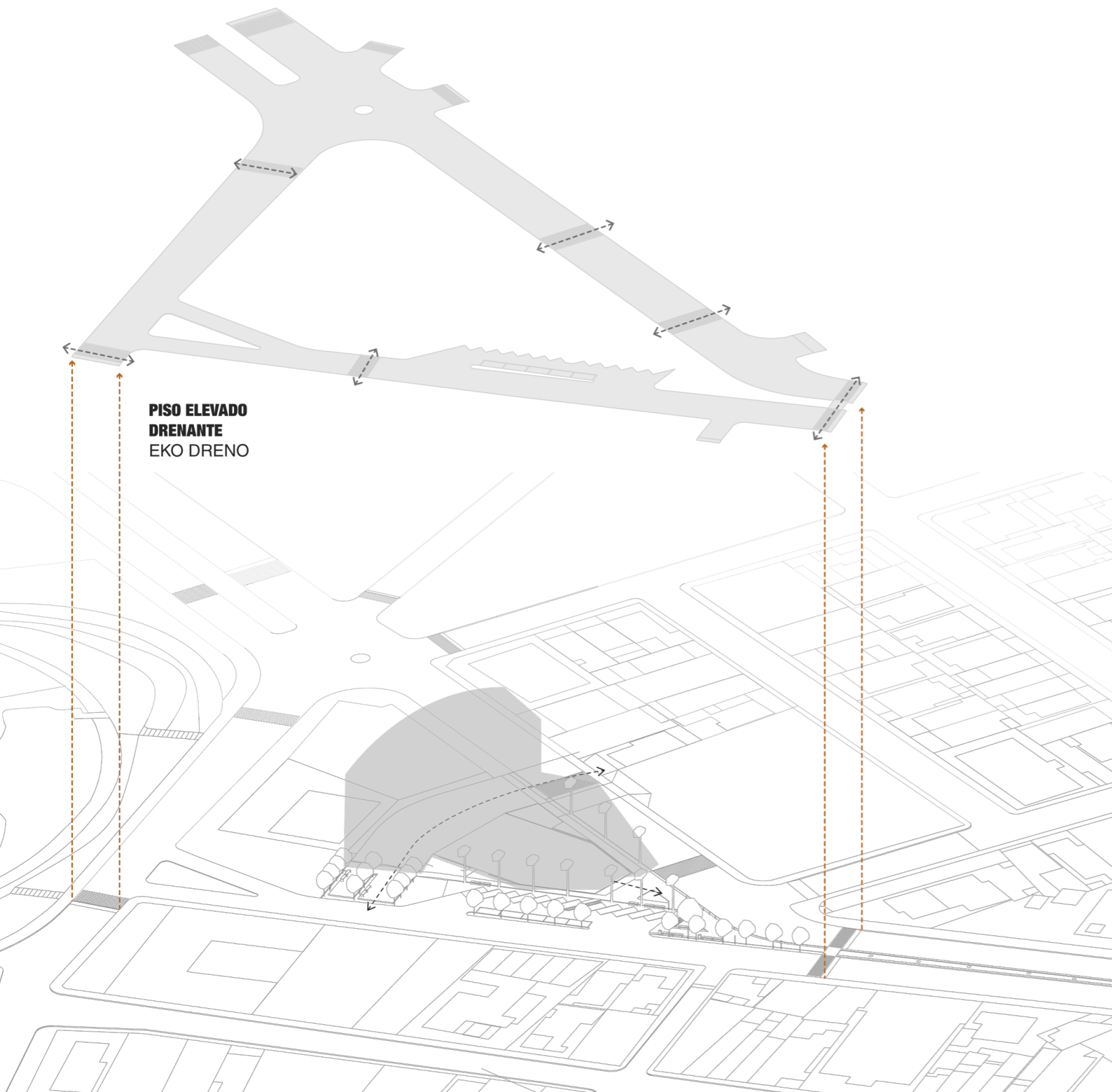
Nesse sentido, a proposta toma partido do projeto original, no qual, o pavimento subsolo do bloco posterior, era aberto à cidade, como um pilotis.

Assim, propõe-se retomar essa circulação interna, ligando a calçada da Av. Floriano Peixoto com a calçada da Av. Dom Pedro II. Optou-se por aplicar o mesmo piso das calçadas atuais, de pedra portuguesa, como meio de potencializar essa via interna, enquanto continuação do passeio externo.

A intenção é resinificar o espaço já existente, correspondente à Galeria de Artes Irene Medeiros. Esse espaço seria “aberto” e de fácil apreciação pelos pedestres que passarem por esse lugar. Para viabilizar essa decisão projetual, tendo em vista a fragilidade das obras expostas, foi pensado em esquadrias retráteis, que permitam o fechamento total desse pavimento em horários de não funcionamento do edifício.

Pretende-se também, alterar a porta principal, com essa mesma estratégia de uma esquadrias articuladas, possibilitando abrir o teatro para a cidade.

A segunda intervenção, trata-se da conexão do TMSC com as quadras do entorno. Para isso, propõe-se



elevar os pisos das ruas circundantes, criando passagens seguras e acessíveis, assim como contribuir com a idealização do conceito de *traffic calm*<sup>1</sup> (Figura 33). Essa intervenção melhora a caminhabilidade e inclusão, permitindo fácil acesso e valorização do pedestre, tanto com o complexo do Parque Evaldo Cruz, como com o entorno do Centro Histórico de Campina Grande.

Nas áreas externas do TMS, pretende-se organizar as calçadas, definindo uma faixa de serviço (correspondente ao alinhamento das árvores, e para onde serão relocados os postes e lixeiras). Assim como a obstrução e regularização do passeio, e a implantação de sinalizações acessíveis, de acordo com a NBR 9050.

Propõe-se a permanências dos revestimentos de pedra portuguesa nas calçadas, pela expressão da materialidade, apesar de não ser a melhor opção de acessibilidade. Principalmente decorrente da falta de manutenção, quando as peças se soltam e ficam mais espaçadas. Dessa forma, indica-se a restauração e adequação de toda extensão existente, com reparos e reorganização das peças, para ficarem de modo mais uniforme possível, acompanhada de manutenção periódica.

Figura 33|  
Articulação do edifício  
com a cidade

Fonte: Autor, 2020.

<sup>1</sup> Traduzida como moderação de tráfego, tem como objetivo promover maior segurança viária e melhorar as condições ambientais.

As vagas de estacionamento também foram reorganizadas, enfatizando aquelas para idosos e deficientes, localizadas estrategicamente próximo ao acesso principal. Também buscou-se criar espaços de convivência e permanências, com a implantação de bancos em lugares propícios, ao longo do passeio, assim como pequenas praças, em cada entrada da via que será aberta no subsolo do bloco posterior.

Um dos problemas dessa área, corresponde as construções posteriores, que foram construídas possivelmente na década de 1970. Compreende-se que nessa situação delicada, seria fundamental uma extensa discussão/negociação política/administrativa e pública. Nesse trabalho, no entanto, é proposto o início dessa discussão no âmbito acadêmico.

Vê-se como ideal a remoção desses elementos parasitários, assim como, as estruturas circundantes que interferem na visibilidade do Parque Evaldo Cruz. Isso possibilitaria pensar em soluções para estreitar as relações entre esses espaços, assim como melhorar a fluidez urbana e a visibilidade desses conjuntos arquitetônicos e urbanos. Apesar disso, essa proposta não considera a remoção dessas construções, compreendendo que seria necessário uma ampla discussão.

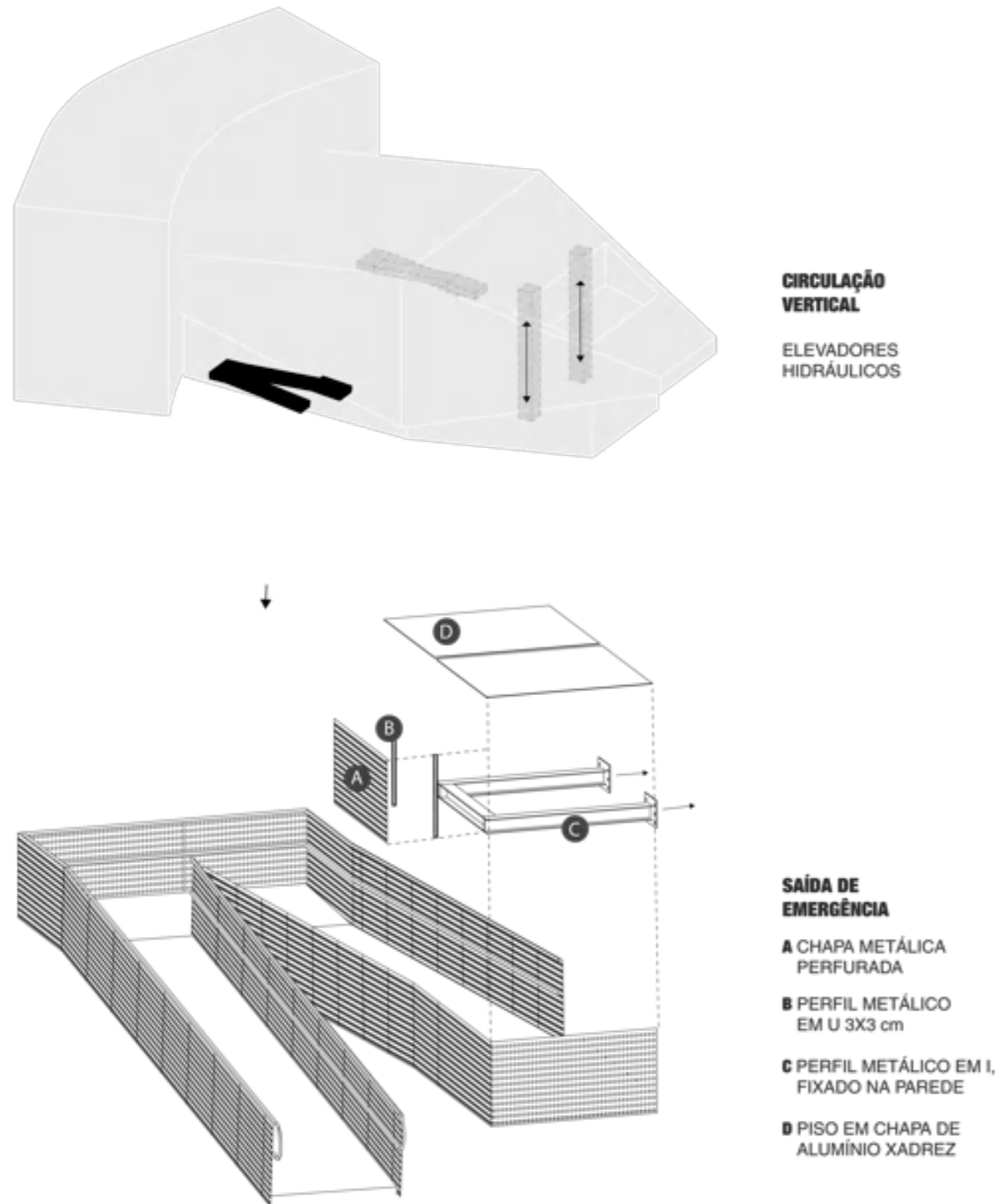
#### 4.1.2 ARTICULAÇÃO ENTRE OS PAVIMENTOS, ACESSIBILIDADE

O volume posterior (“bloco B”), possui dois elevadores e duas caixas de escadas que conectam seus pavimentos verticalmente. Nesse caso, foram feitos alguns ajustes nas posições das portas de acesso, que facilitasse a saída em casos de emergência, assim como melhorasse os fluxos internos.

Em relação ao volume principal (“bloco A”), atualmente, existe rampa de acesso ao foyer e a plateia, pelo pavimento térreo. Já os outros pavimentos desse bloco, não possuem circulação vertical acessível. Dessa forma, propõe-se a instalação de dois elevadores hidráulicos, tendo em vista a impossibilidade técnica de especificar plataformas elevatórias. Esse tipo de elevador foi escolhido por não requerer instalação de casa de máquinas, possui fácil instalação e baixo custo de uso e manutenção.

Inicialmente, pensou-se em criar um volume externo, que abrigasse esses elevadores. Porém, percebeu-se que essa alternativa não seria a melhor opção, por causas outros problemas, como no fluxo externo e modificações mais invasiva no volume principal.

Por fim, após pensar em outras alternativas, foi proposto a locação desses elevadores internamente,



aproveitando as modificações nos banheiros.

Entende-se que essa seria a mínima intervenção possível, para promover a democratização do acesso. Além disso, a integridade do edifício não seria comprometida, por não afeitar aquilo que lhe é mais significativo.

Também é proposto a alteração das saídas laterais de emergência, tendo em vista a inadequação atual. Atualmente, as saídas existentes possuem degraus com dimensões diferentes, além de direcionar o fluxo para lugares de difícil evasão. A proposta consiste em duas rapas em “U”, nas laterais norte e sul, que além de acessíveis, direciona o fluxo para o passeio público (Figura 34).

#### 4.1.3 ARTICULAÇÃO PROGRAMÁTICA E DIVERSIDADE DE USOS

Observou-se nos projetos analisados nos estudos de caso, a diversidade de usos que promovem vitalidade e dinamismo no local. Entendendo a importância desses aspectos, buscou-se alterações que possibilitassem melhor aproveitamento dos espaços existentes.

Figura 34|  
Circulação

Fonte: Autor, 2020.



A proposta é que o foyer se dissipe em todos os outros pavimentos. Ou seja, que cada pavimento torne-se também um espaço de espera, ao mesmo tempo em que oferece outros tipos de entretenimento. A primeira modificação, nesse sentido, trata-se da relocação da biblioteca que existe atualmente, para o subsolo do bloco trapezoidal, abaixo do foyer. Pensa-se que esse espaço pode ser utilizado durante todos os turnos, por estudantes e pessoas de todas as faixas etárias.

Seria uma biblioteca multiuso, que possibilita além da consulta de livros, um ambiente de permanência propício para acesso à internet livre, assim como a disponibilização de computadores para pesquisas.

Por ser um espaço enclausurado, propõe-se retomar as aberturas das janelas em fita, que estavam previstas no projeto original. Nesse espaço também foi locados dois banheiros acessíveis, espaço para recepção, guarda volumes e administração local.

No pavimento do térreo, foi incorporado ao foyer dois sanitários acessíveis, junto com os elevadores, tendo em vista que, atualmente, só existe um banheiro acessível (em todo o edifício), localizado de baixo de uma das escadas.

Pensou-se também na instalação de catracas eletrô-

nicas que possibilite o controle de acesso. Isso poderia ser feito por meio de um cadastro prévio, ou desbloqueio de liberação online, por meio de um senha eletrônica, tipo *QR-Code*. Podendo ser feita também, na bilheteria local.

No primeiro pavimento, acima do foyer, propõe-se uma reestruturação no *layout* dos banheiros, assim como a inserção de sanitários acessíveis masculino e feminino. Pretende-se que no hall desse pavimento, sejam dispostos alguns mobiliários de espera, que funcione também como galeria de exposições efêmeras, aproveitando, inclusive, do mezanino com pé direito duplo.

No último pavimento, deste bloco, foi pensado em um café, com vista para a cidade, proporcionado pelo terraço existente. Esse estabelecimento funcionaria como apoio para os espectadores, assim como, atrairia outros públicos diversos. Um espaço adequado e propositivo para reuniões, encontros e apreciação da paisagem urbana.

Por ser um espaço totalmente aberto, foi projetado uma cobertura com perfis metálicos e vidro com filtro de radiação (Figura 35). Essa estrutura seria suportada por cabos de aço atirantados, que não removesse a transparência e a luminosidade, ao mesmo tempo fosse um abrigo. Para melhor eficiência de conforto

em determinados horários, pensa-se em um mecanismo retrátil, tipo de lona, que quando aberta, protegeria contra a incidência direta do sol.

Por ser uma intervenção mais expressiva, que interfere na volumetria principal, buscou-se conceber uma forma com poucos elementos de materialidade contemporânea, transparente e distinta.

Como já foi mencionado anteriormente, o pavimento subsolo do “bloco B”, além da nova proposta da galeria, terá um loja de souvenirs, que possa atender aos turistas e a venda de artigos culturais diversos. Também foram feitas algumas modificações no Mini Teatro Paulo Pontes, com a mudança da porta de acesso principal e previsão de rampa de acessibilidade.

Optou-se por remover os banheiros que tinham em todas as salas de aula, por não haver essa necessidade. Ao contrário, dificulta a manutenção e logística de funcionamento, além de ocupar muito espaço dessas salas, na qual pretende-se explorar a multifuncionalidade. Dessa forma, foram selecionados pontos específicos, para serem adaptados em PNE's.

Além disso, o refeitório foi relocado para o segundo pavimento. Nesse nível, será retomado uma terraço externo, que seria para uso de artistas e funcionários.

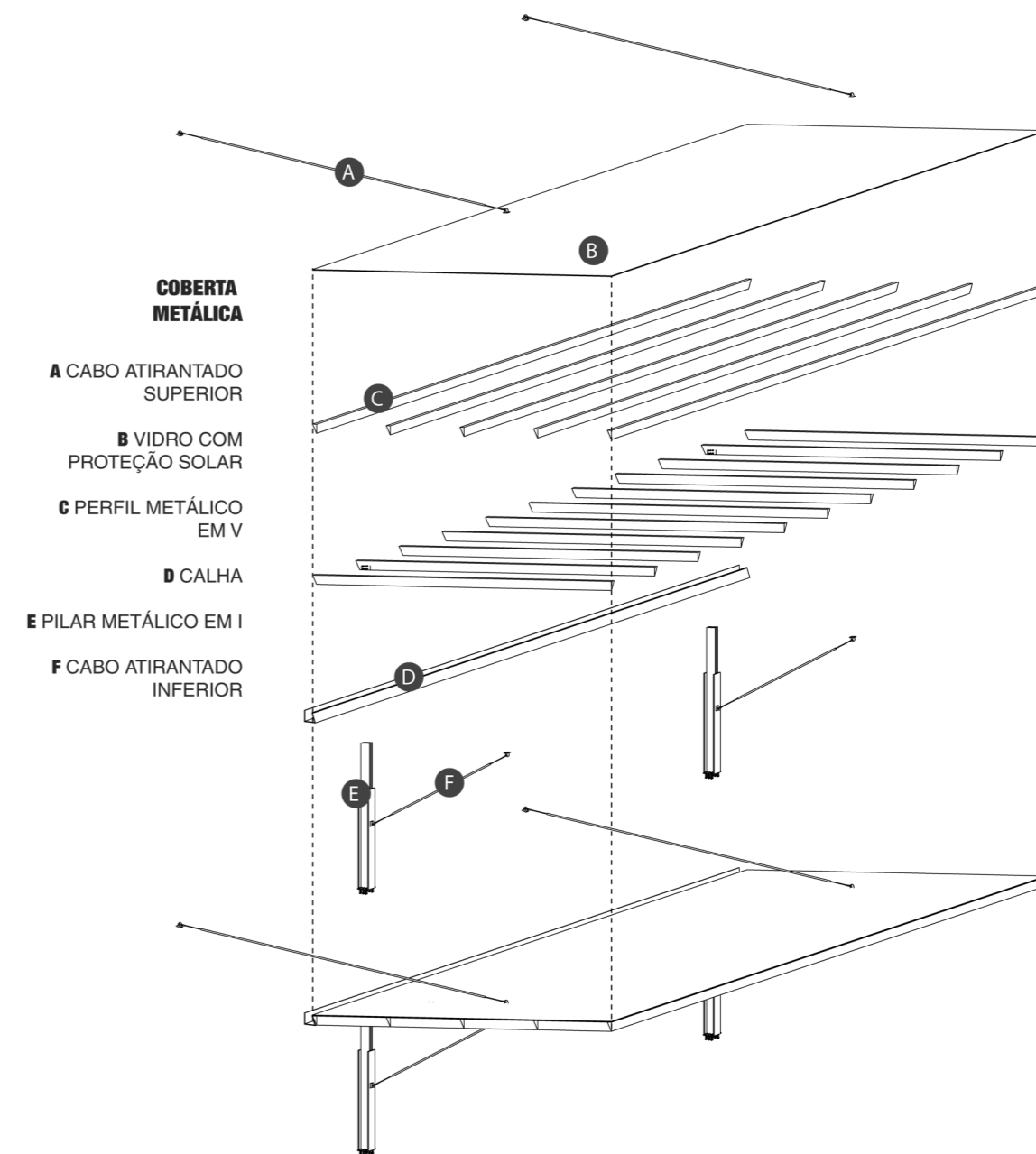


Figura 35|  
Coberta metálica

Fonte: Autor, 2020.

Isso possibilita integração de usos entre o refeitório e o terraço, criando espaços de descanso e convivência. Atualmente, esse local funciona como um pavimento técnico, que expõem condensadores. Esses, no entanto, seriam removidos para um pavimento técnico a ser construído na cobertura.

Além disso, uma das salas que atualmente é usada como arquivo do TMS, passa a ser uma sala multiusos. Nesse caso, os arquivos seriam desmembrados entre a biblioteca (aqueles que podem ser consultados) e a administração geral do edifício.

Devido aos problemas de infiltração e desgaste, propõe-se uma nova cobertura com estrutura metálica e telhas termoacústicas. Além disso, especifica-se a instalação de placas de captação de energia solar, assim como captação e armazenamento da chuva.

#### 4.1.4 ARTICULAÇÃO ENTRE O NOVO E O EXISTENTE

O diálogo entre o novo e o existente ocorre, paradoxalmente, com a distinção da materialidade. Nesse caso, adotou-se estruturas metálicas, e elementos de chapas metálicas perfuradas, evidenciando as intervenções que ocorreram. Isso deixa claro para o observador e para a história, o que era antes, e o que foi adicionado.

Essa articulação ocorre também no detalhe construtivo, no modo como um elemento se junta ao outro, buscando criar alguma relação de proporção e diálogo.

As intervenções internas, onde serão necessárias demolições, como por exemplo, para adaptação de aberturas inadequadas, ou para melhorar os fluxos e acessibilidade de ambientes, serão marcadas com elementos de chapa metálica, caso essas alterações afetem o projeto original.

As saídas laterais de emergência, que atualmente são com portas de madeira, ou seja, inadequadas para a função, serão substituída por portas indicadas normativamente. Nesse caso, por exemplo, propõe-se um detalhe de moldura em chapa metálica, que marca o encontro entre a abertura e a nova esquadria.

## 4.2 ANÁLISE AMBIENTAL

### 4.2.1 CARACTERIZAÇÃO GERAL

O TMS está inserido no bairro Centro de Campina Grande, entre a via estruturante Av. Floriano Peixoto e a via arterial Av. Dom Pedro 2º. Tal bairro possui

cerca de 7.527 habitantes, segundo o Censo de 2010 do IBGE. Nesse sentido, totaliza aproximadamente 2% da população campinense, que segundo o mesmo órgão, possui 385.213 habitantes (figura 36). Observa-se também, que 23,91% da população consiste de jovens entre 20 e 29 anos, enquanto que, a faixa etária entre 60 e 99 anos é de 18,12%.

#### 4.2.2 RELEVO, VEGETAÇÃO E HIDROGRAFIA

O terreno de implantação do TMSO possui forma triangular, com aproximadamente 6 metros de desnível entre a parte mais alta, ao leste, e a parte mais baixa, ao oeste do lote. No entorno imediato do edifício existem alguns tipos de vegetação, como por exemplo, palmeiras, árvores diversas e plantas de pequeno porte.

Observa-se também, posterior ao edifício, a presença do Parque Evaldo Cruz, com uma arborização mais significativa. Esse mesmo parque, conhecido como “açude novo”, está em uma região baixa, onde ocorre o direcionamento higrográfico.

Devido a isso, observa-se pontos de inundação nessa região. Isso agrava-se com a falta de permeabilidade, assim como o sistema de drenagem ineficiente.

#### 4.2.3 USO E OCUPAÇÃO DO SOLO, CARACTERIZAÇÃO URBANA E TRANSPORTE

Por localizar-se no centro da cidade, o entorno do edifício caracteriza-se com uso predominantemente comercial e de serviços (figura 37). Observa-se também usos mistos e residências, que segundo o Censo 2010, chega a 4.619 domicílios.

Em relação a qualidade da vias, percebe-se falta de acessibilidade nas calças, assim como falta de passagens seguras interligando as quadras. Em relação a mobilidade urbana, nota-se o uso prevaiente de automóveis particulares e pelo sistema de transporte público, que nesse caso, tem como modal o sistema de ônibus. Nesse último caso, percebe-se uma grande quantidade de opções de linhas no local, já que cruzam, predominantemente, o centro da cidade.

Nesse sentido, visando o melhoramento da mobilidade urbana, é importante se pensar em um transporte público de maior qualidade, que possibilite a diminuição de automóveis particulares, assim como a adoção de veículos com energia limpa. Também é importante a disponibilidade de ciclovias e ciclofaixas, assim como a integração dos meios de transporte e melhoramento das vias de deslocamento dos pedestres.

**DADOS POPULACIONAIS**  
(censo 2010 IBGE)

CAMPINA GRANDE 385.213 hab

PRATA 685 hab

SÃO JOSÉ 719 hab

**CENTRO**

população 7.527 hab

domicílios 4.619

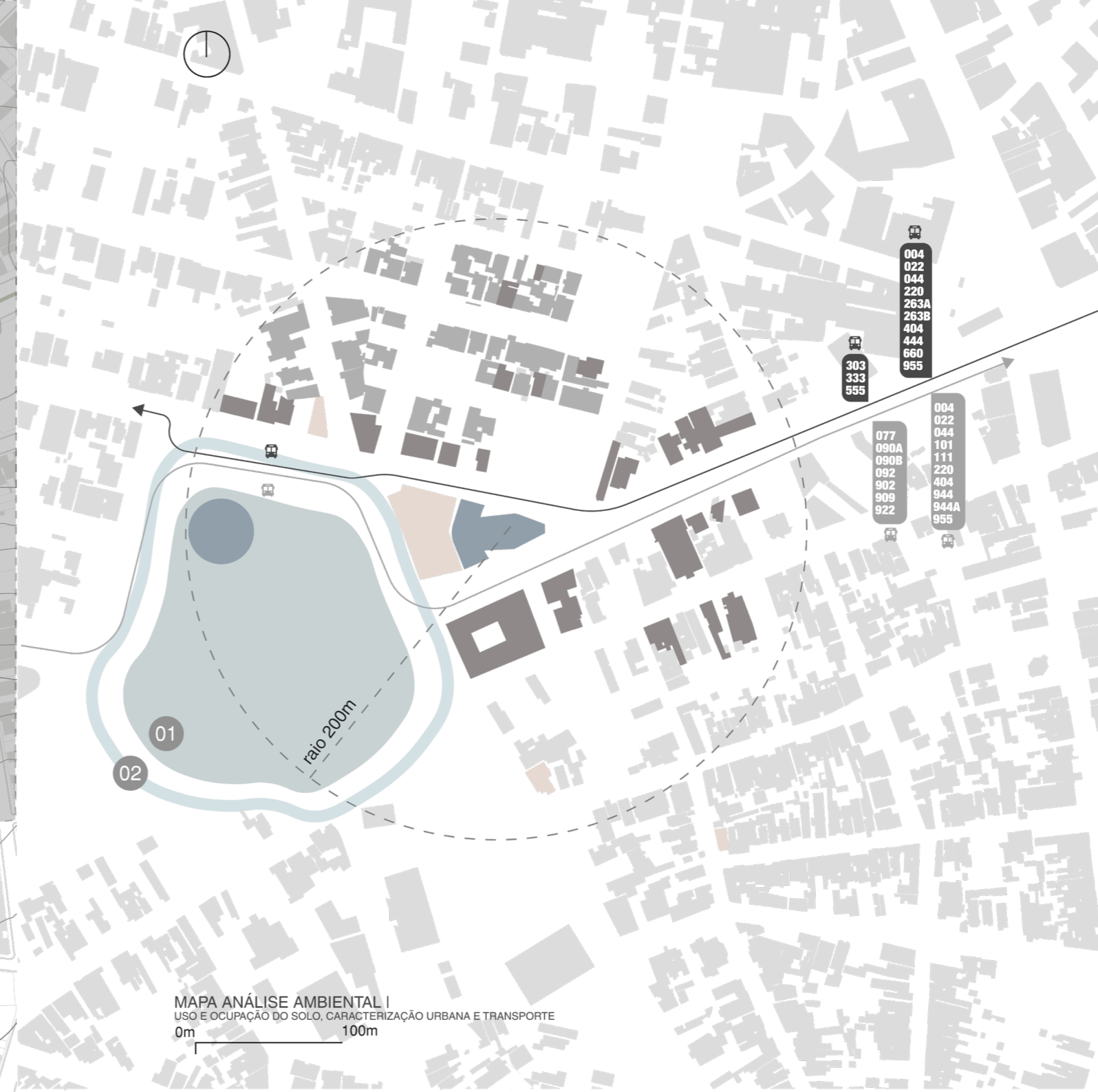
23,91% | 20-29 anos  
18,12% | 60-99 anos

Área Verde

- 01\_ Teatro Municipal Severino Cabral
- 02\_ Delimitação Centro Histórico de C. Grande
- 03\_ SECULT
- 04\_ Terminal de Integração
- 05\_ Parque Açude Novo
- 06\_ Pirâmide - Parque do Povo
- 07\_ Praça da Bandeira
- 08\_ Praça C. Procopio

Figura 36 |  
Mapa de análise ambiental:  
caracterização geral, vege-  
tação e relevo

Fonte: Mapa SEPLAN, 2011.  
Editado pelo autor, 2020.



- Misto
- Institucional
- Residencial
- Comércio / serviço
- Outros / não identificado

- 01\_zona crítica a inundações
- 02\_zona suscetíveis a inundações

Pontos de ônibus

Figura 37 | Mapa de análise ambiental

Fonte: Compilado do autor, 2020. <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Mapa SEPLAN 2011, Mapa alagamento (Oficina Quapá), Projeteo, Google Maps.

#### 4.2.4 CARACTERIZAÇÃO AMBIENTAL

Na figura 38, ao lado, é possível observar algumas ilustrações referentes a caracterização ambiental do lugar onde está implantado o TMSC. Dentre essas informações, tem-se um gráfico que demonstra a média das temperaturas anuais, assim como a zona de conforto, um gráfico de chuva, rosa dos ventos e a carta solar.

De acordo com o gráfico de temperatura e conforto, pode-se observar um período significativo de conforto durante todo o ano. Fora dessa zona, destaca-se o inverno com temperaturas menores que 20°C, e no verão, com temperaturas superiores a 28°C.

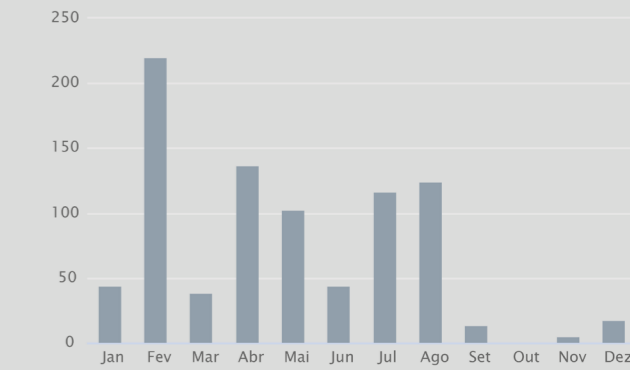
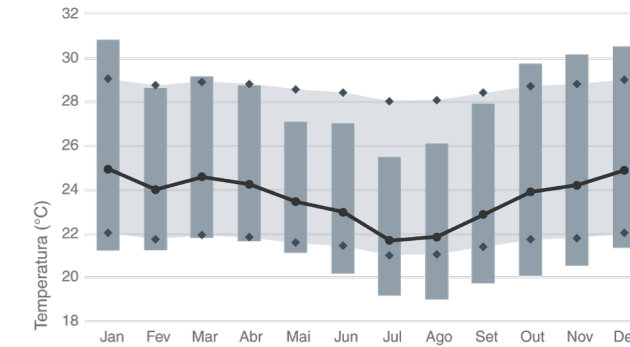
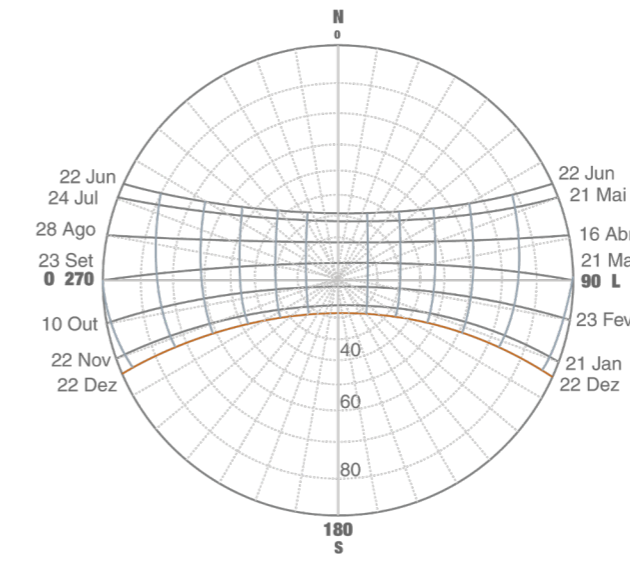
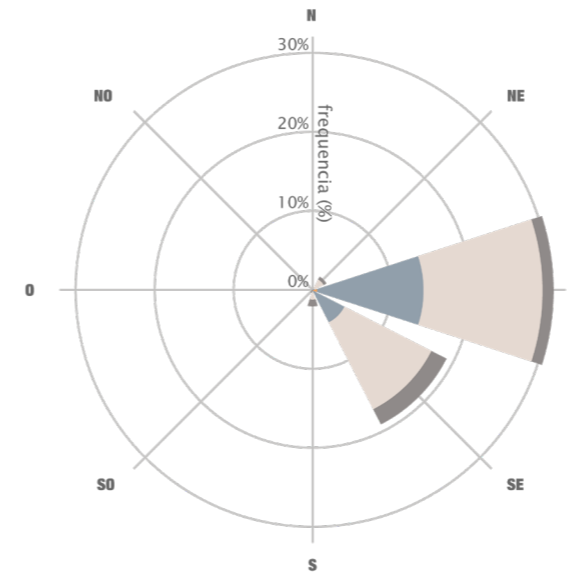
A ventilação predominante ocorre do leste e sudeste, com predominância de velocidade de 2-4m/s. Essa informação guiou a decisão projetual da coberta do terraço jardim, ao verificar a grande incidência de vento nessa região.

Na carta solar, podemos observar que durante o verão, especificamente entre dezembro e janeiro, o sol está voltado para a fachada sul do edifício, e no inverno, predominantemente para as fachadas norte. Essas informações também contribuem nas intervenções urbanas, principalmente dos espaços de convivência presentes no passeio público ao sul do edifício.

Figura 38 | Mapa de análise ambiental

Fonte: Compilado do autor, 2020. <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Mapa SE-PLAN 2011, Mapa alagamento (Oficina Quapá), Projeteee, Google Mapas.



#### 4.2.5 LEGISLAÇÃO

Para desenvolvimento deste trabalho, foram consultadas as seguintes normativas (Quadro 10):

LEGISLAÇÃO CONSULTADA	
<b>(NBR 9040)</b> Acessibilidade, a edificações, mobiliários, espaços e equipamentos urbanos	Essa norma é fundamental para adaptação do edifício as necessidades especiais de idosos, deficientes, e pessoas com mobilidade reduzida. Atende tando o interior do edifício, como seu entorno e os acessos.
<b>(NBR 9077)</b> Saídas de emergência em edifícios	Essa norma específica, contribuiu para analisar as saídas de emergência atuais, assim como os elevadores e escadas também existentes. Observa-se que serão necessárias algumas adaptações para garantir o mínimo de segurança aos usuários.
<b>(Dec. IPHAEP Nº 0009/2001)</b> Notifica de Cadastramento	Essa notificação enfatiza a importância do edifício enquanto se valor cultural, artístico e arquitetônico. Assim como estabelece a prévia autorização do IPHAEP antes que ocorra qualquer tipo de intervenção no edifício.
<b>(Lei. Comp. Nº 003, 2016)</b> Plano Diretor de Campina Grande	Essa norma ajuda a entender o local no qual o objeto está inserido, no caso, na zona de qualificação urbana. Pela qual, pretende-se, entre outras coisas, evitar a saturação do sistema viário e ampliar a disponibilidade de equipamentos públicos, os espaços verdes e de lazer.
<b>(Lei Nº 5410/13)</b> Código de Obras de Campina Grande	Essa normativa estabelece alguns parâmetros base, como quantidade de vagas de estacionamento, banheiros e uma série de normativas específicas. Por se tratar de um edifício existente, não será possível atender todas as recomendações, mas contribui para entender os parâmetros exigidos.

Quadro 10 |  
Pontos importantes da legislação referência

Fonte: Autor, 2020.

#### 4.3 DADOS PROJETUAIS

Os dados projetuais são expostos, neste trabalho, em dois pontos: o programa de necessidades e um organograma, como pode-se ver no Quadro 11 e na figura 39, respectivamente, presente nas próximas páginas.

No primeiro caso, foram organizadas as informações programáticas do programa original, do programa atual e por fim, o programa proposto. Essas informações são importantes para compreendermos as necessidades e dinâmicas de funcionamento do TMSC.

Comparando as colunas, é possível perceber que grande parte do programa proposto foi mantido, em relação ao programa atual, e outras foram retomadas do projeto original, como exposto anteriormente.

De modo geral, o volume principal (bloco A), de forma trapezoidal, abriga as funções destinadas principalmente aos usuários, e portanto, classificado como o setor de apoio aos espectadores. O segundo volume (bloco B), setoriza-se o palco principal e os ambientes de apoio ao palco e aos artistas, como camarins espaços de espera e salas multiuso.

Nesses espaços multiuso, ocorrem atividades ligadas ao ensino e a preparação dos artistas, sejam na área da música, do teatro, da dança e outros.

PROGRAMA DE NECESSIDADES ORIGINAL, ATUAL E PROPOSTO				
BLOCO A				
	SUBSOLO	TÉRREO	1º PAV.	2º PAV.
PROGRAMA ORIGINAL	bar/restaurante	foyer	hall circulação	bar
	cozinha	plateia principal	sanitário masc.	sanitário masc.
	depósito		sanitário fem.	sanitário fem.
	área de serviços		escritório	terraço jardim
	sanitário masc.		camarotes	galeria
	sanitário fem.			
	sanitário serviço			
	SUBSOLO	TÉRREO	1º PAV.	2º PAV.
PROGRAMA ATUAL	Sala de ensaios	2 bilheterias	hall circulação	hall de circulação
	3 depósitos	foyer	sanitário masc.	terraço jardim
		banheiro acessível	sanitário fem.	sanitário masc.
		sala técnica (som e iluminação)	depósito	Sanitário fem.
		plateia principal (446 lugares)	bar (desativado)	depósito
			camarotes (74 lugares)	galeria (162 lugares)
	SUBSOLO	TÉRREO	1º PAV.	2º PAV.
PROGRAMA PROPOSTO	Biblioteca	2 Biheterias	Hall circulação e exposição	Terraço jardim
	_PNE mas.	Foyer	Sanitário mas.	_Café
	_PNE fem.	PNE mas.	Sanitário fem.	_PNE mas.
	_Recepção	PNE fem.	PNE Mas.	_PNE fem.
	_Administração	Plateia principal (446 lugares)	PNE fem.	Galeria (162 lugares)
	_DML	Sala técnica (som e iluminação)	Camarote (74 lugares)	
	_Depósito		Depósito	

BLOCO B							
	SUBSOLO	TÉRREO	1º PAV.	2º PAV.	3º PAV.	4º e 5º	PAV. TÉCNICO
PROGRAMA ORIGINAL	administração	espera artistas	2 camarins colet.	2 salas de ensaio	arte dramática	confeção cenários	reservatórios
	casa de máquinas	2 sanitários mas.	sanitários masc.	sanitário masc.		2 sanitários	casa de máquinas
	vestiário	2 sanitários fem.	sanitários fem.	sanitário fem.		confec. de cartazes	
	almoxarifado	hall de circulação	4 camarins individuais	terraço artistas			
	2 portarias	palco principal	controle de luz	sala de costura			
	direção artística			guarda roupa			
	orquestra			depósito			
	depósito						
	hall de circulação						
	SUBSOLO	TÉRREO	1º PAV.	2º PAV.	3º PAV.	4º PAV.	
PROGRAMA ATUAL	recepção	palco	casa de máquina	Sala de aula 2	sala arquivo	Sala de aula 4	
	sanitário masc.	4 camarins	camarim col.	_sanitários	sala de aula	_sanitários	
	sanitário fem.	4 sanitários	_sanitários	Sala de aula 3	_sanitário	Arquivo	
	biblioteca	sala de som	sala de aula 1	_sanitários			
	sala ensaios	almoxarifado	_sanitários				
	2 camarins		depósito de materiais				
	sala ar condicionado						
	depósito						
	sala do fosso (depósito)						
	Galeria de artes Irene Medeiros						
Mine Teatro Paulo Pontes (80 lugares)							
	SUBSOLO	TÉRREO	1º PAV.	2º PAV.	3º PAV.	4º PAV.	PAV. TÉCNICO
PROGRAMA PROPOSTO	Galeria de arte I. Med.	Palco	Camarim coletivo	Sala multiuso 2	Sala multiuso 3	Sala multiuso 6	Neste pavimento estarão concentrados toda parte de motores para refrigeração, captação de energia solar, etc.
	Recepção	Camarim 1 e 3	Sala multiuso 1	Refeitório	Sala multiuso 4	Sala multiuso 7	
	Sanitário mas.	_PNE		_PNE masc.			
	Sanitário fem.	Camarim 2 e 4		_PNE fem.			
	PNE	_BWC		Terraço			
	DML						
	Mine Teatro Paulo Pontes						
	Lojinha de souvenirs						
	ADM geral + Direção art. + Sala de reuniões						
	Depósitos						

Quadro 11 | Programa original, atual e proposto.

Fonte: Autor, 2020.



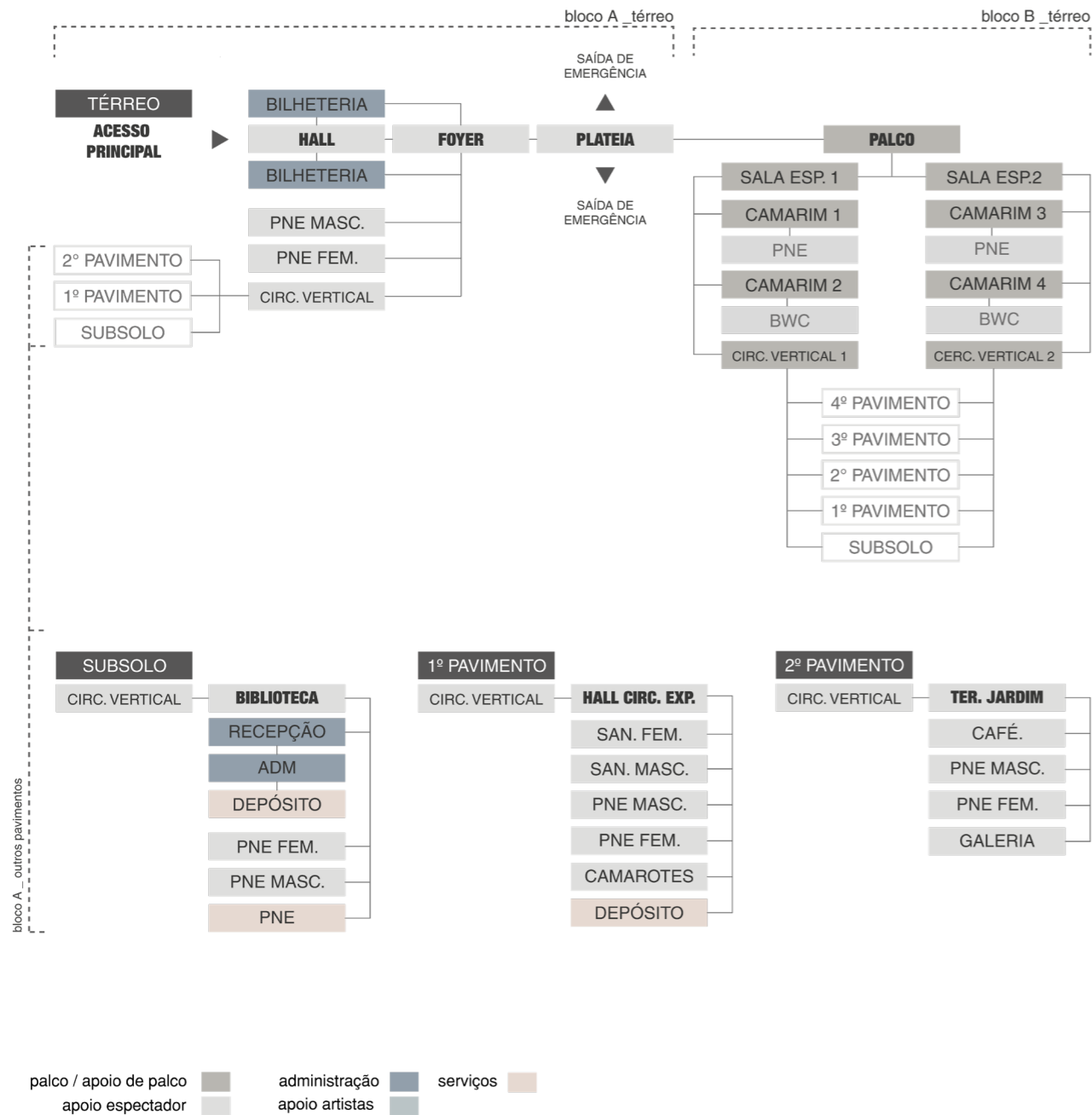
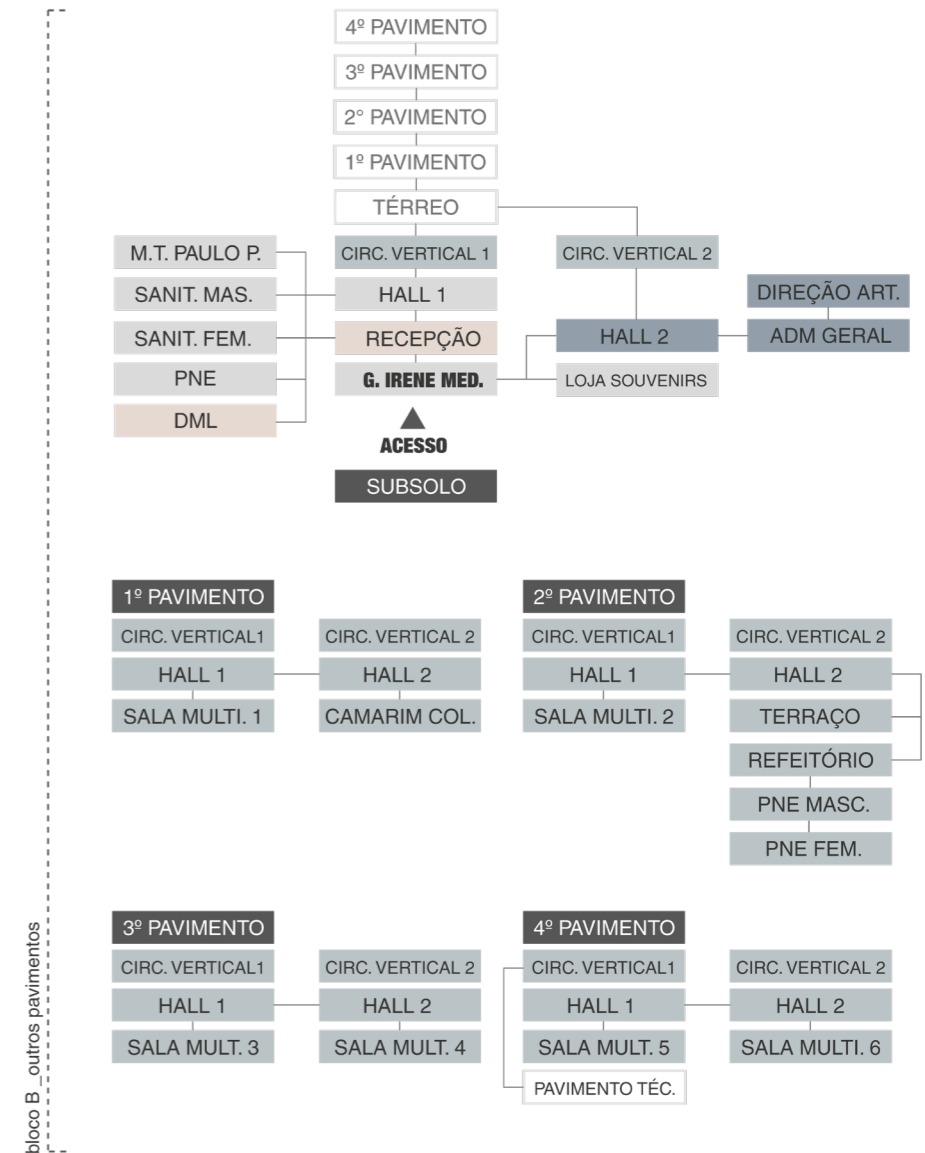


Figura 39 | organograma

Fonte: Autor, 2020.

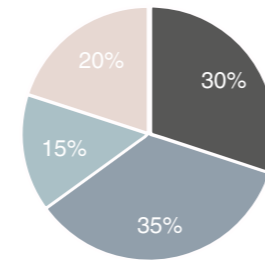
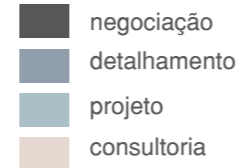


## 4.4 PROPOSTA

Após as análises e informações desenvolvidas ao longo deste trabalho, neste último tópico, serão apresentadas as diretrizes e ações de intervenção no TMSC, assim como as plantas, cortes, fachadas e perspectivas referente ao resultado final deste trabalho de conclusão de curso.

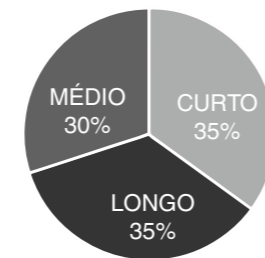
DIRETRIZES E AÇÕES	
Urbanas   Entorno	
Conexão do edifício com entorno e viabilização de "traffic calming"	
C	Restaurar o conjunto arquitetônico, urbano e paisagístico do parque Evaldo Cruz, com remoção de elementos parasitários que bloqueiam fisicamente e visualmente o conjunto
C	Debater sobre viabilização da remoção dos edifícios posteriores ao TMSC, potencializando as relações urbanas dos espaços públicos livres, assim como a visibilidade do TMSC.
B	Discutir e ampliar estratégias de integração com o centro histórico de Campina Grande
A	Adequar os passeios públicos, acessos e sinalizações de acordo com a NBR 9050
B	Propor pisos elevados no entorno imediato do TMSC
C	Discutir a implantação de ciclovias no centro da cidade
B	Dispor faixas de segurança para pedestres em cruzamentos estratégicos para melhor caminhabilidade
A	Criar espaços de permanência nos espaços externos ao TMSC
A	Implantar mobiliário urbano: bicicletário, lixeiras, postes e bancos

### TIPO DE AÇÃO



### ETAPAS DE EXECUÇÃO

- A\_ Curto Prazo
- B\_ Médio Prazo
- C\_ Longo Prazo

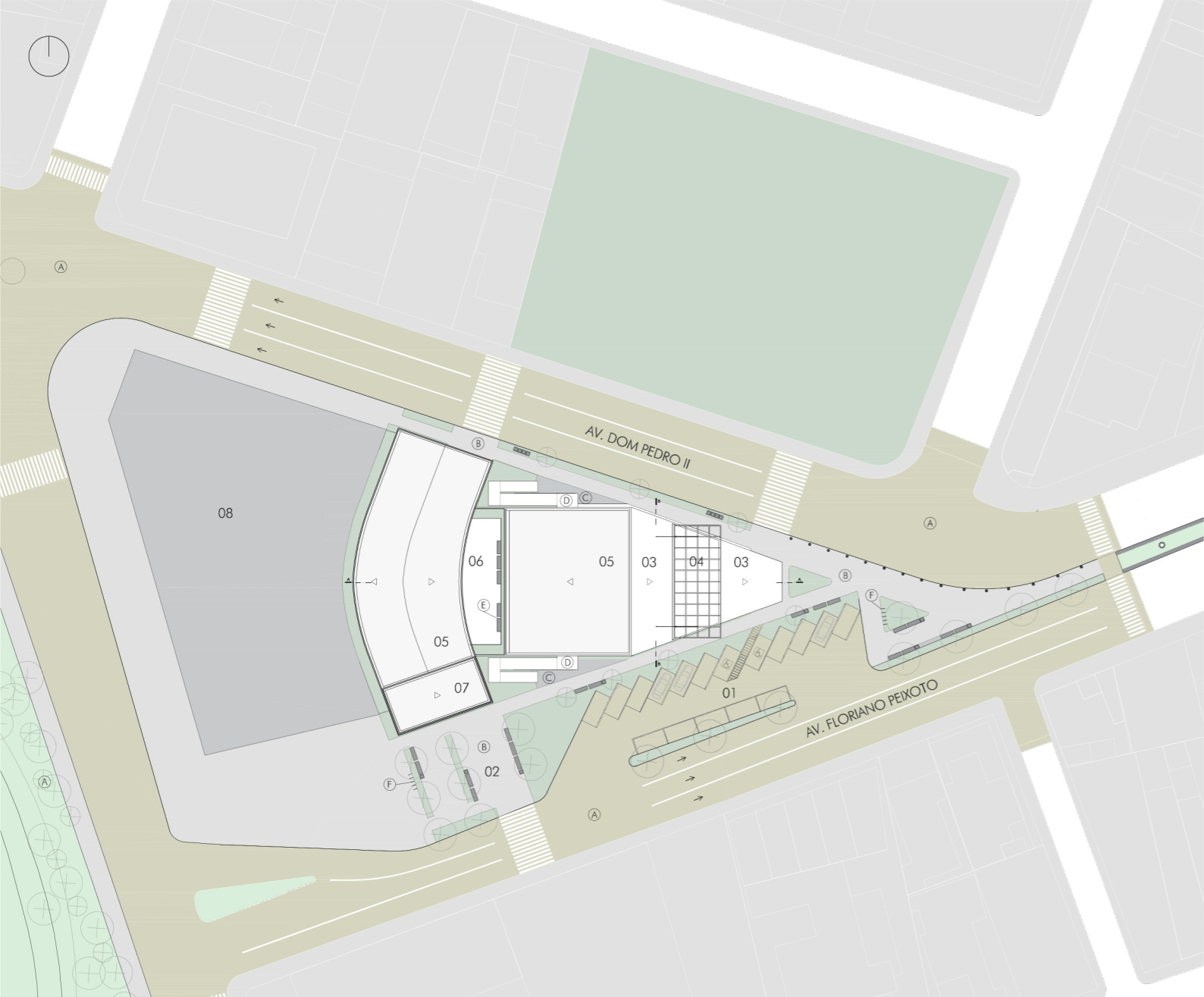


Quadro 12 | Diretrizes e ações

Fonte: Autor, 2020.

C	Destinar terrenos livres do entorno para usos que integrem-se ao TMSC.
O edifício	
Conservação do TMSC	
A	Tratar patologias de acordo com as FID's
A	Promover acessibilidade nos acessos, circulações e ambientes de acordo com as recomendações da NBR 9050
A	Revisar plano e adaptação contra incêndio e pânico
B	Atualizar cobertas do "bloco A" e "bloco B"
C	Suscitar parcerias público/privado para manutenção periódica com acompanhamento técnico qualificado
B	Reestruturar instalações elétricas, hidráulicas, sanitárias e de refrigeração (quando necessário)
A	Instalar sistema de captação de energia solar e captação de água da chuva
B	Sinalização patrimonial
C	Aprimorar a acústica do teatro principal e do mine teatro Paulo Pontes
C	Reparar equipamentos e mobiliários, como por exemplo, poltronas, piso de carpete, forros, equipamentos de som, iluminação e de palco.

Como pôde-se observar no Quadro 12, a maior parte das diretrizes são classificadas em ações de negociação e detalhamento, em seguida de consultorias e elaboração de projetos complementares. Também é possível observar a classificação das etapas de execução de cada ação referentes as diretrizes.



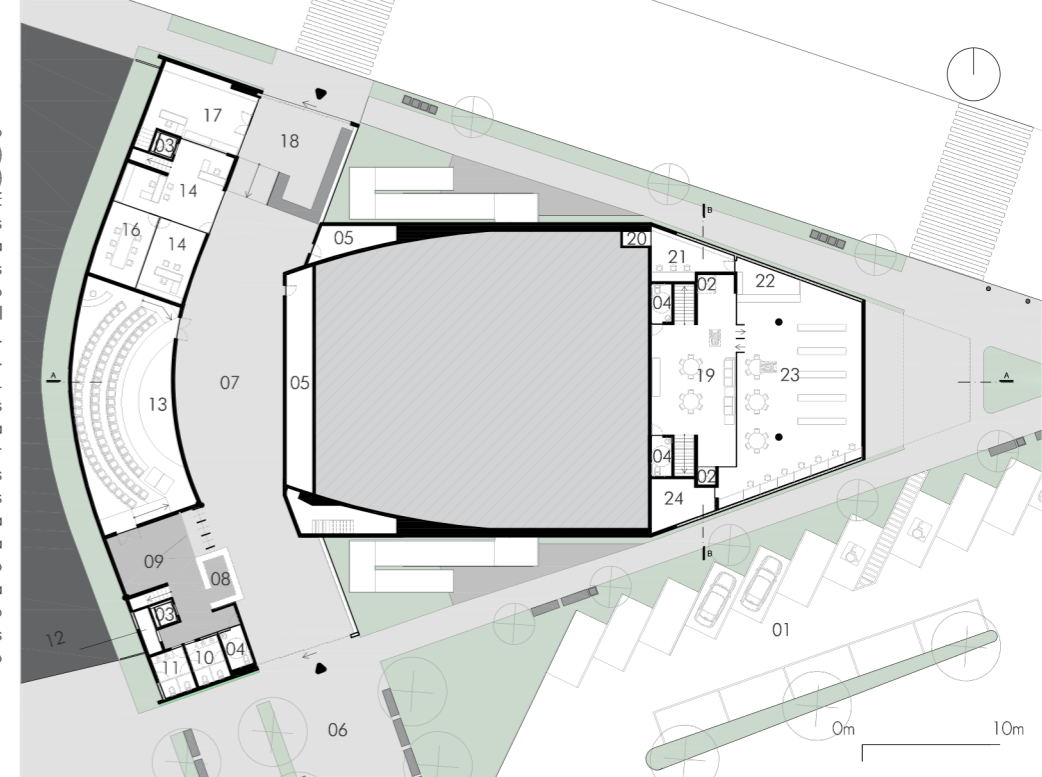
**Figura 40 |  
Situação e coberta**

Fonte: Autor, 2020.

0m 15m

- |  |   |                                 |
|--|---|---------------------------------|
| 01_ Estacionamento   | 05_ Coberta em telha termoacústica e estrutura metálica | A_ Piso drenante elevado        |
| 02_ Praça externa  | 06_ Terraço para artistas e funcionários                | B_ Piso em pedra portuguesa     |
| 03_ Laje inclinada, revestida com mármore Bege Bahia (existente) | 07_ Pavimento técnico coberto                           | C_ Piso em concreto             |
| 04_ Coberta em estrutura metálica, com apoio de tirantes         | 08_ Construções posteriores                             | D_ Rampa de saída de emergência |
|  |   | E_ Bancos em concreto           |
|  |   | F_ Bicicletário                 |

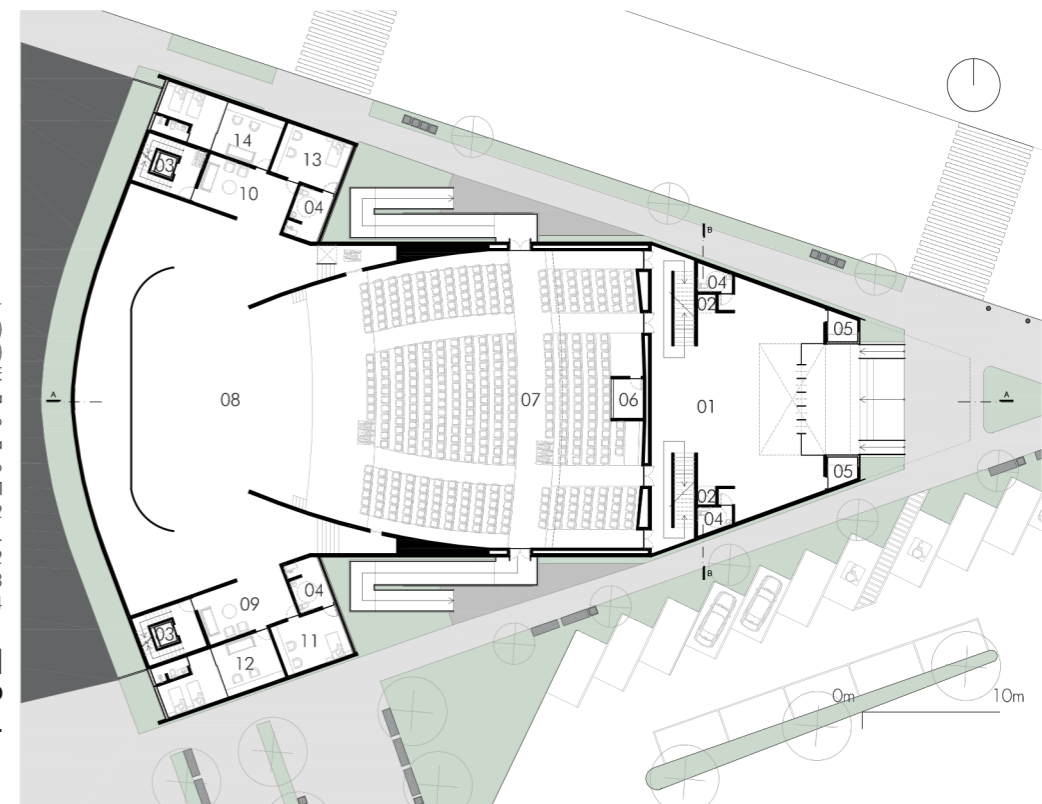
- 01\_ Estacionamento
- 02\_ Elevadores hidráulicos (novo)
- 03\_ Elevadores (existente)
- 04\_ PNE
- 05\_ Depósitos
- 06\_ Praça externa
- 07\_ Galeria de Artes Irene Medeiros
- 08\_ Recepção
- 09\_ Hall
- 10\_ Sanitário Fem.
- 11\_ Sanitário Mas.
- 12\_ DML
- 13\_ Mine Teatro Paulo Pontes
- 14\_ Administração + Direção artística
- 15\_ Sala Diretor
- 16\_ Sala reuniões
- 17\_ Loja de souvenirs
- 18\_ Praça coberta
- 19\_ Espaço de leitura
- 20\_ Depósito
- 21\_ Adm. Biblioteca
- 22\_ Recepção
- 23\_ Espaço de consultas
- 24\_ DML + depósito

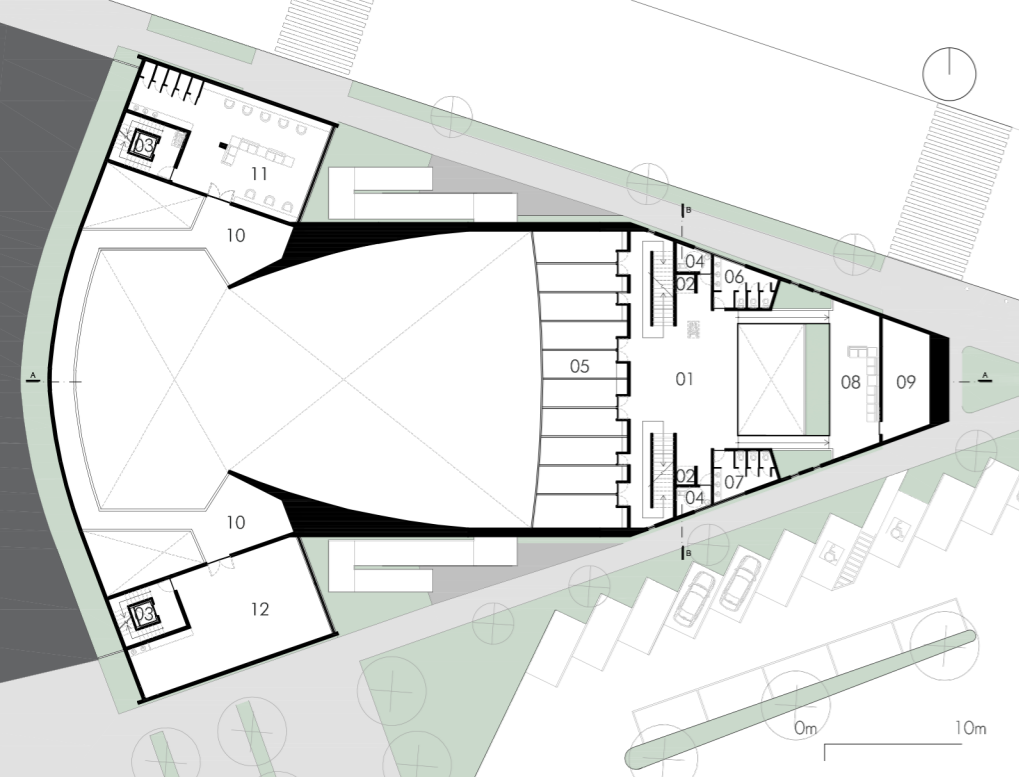


- 01\_ Foyer
- 02\_ Elevadores hidráulicos (novo)
- 03\_ Elevadores (existente)
- 04\_ PNE
- 05\_ Bilheteria
- 06\_ Sala de som e iluminação
- 07\_ Plateia
- 08\_ Palco
- 09\_ Sala de espera 01
- 10\_ Sala de espera 02
- 11\_ Camarim acessível 01.
- 12\_ Camarim 02
- 13\_ Camarim acessível 03
- 14\_ Camarim 04

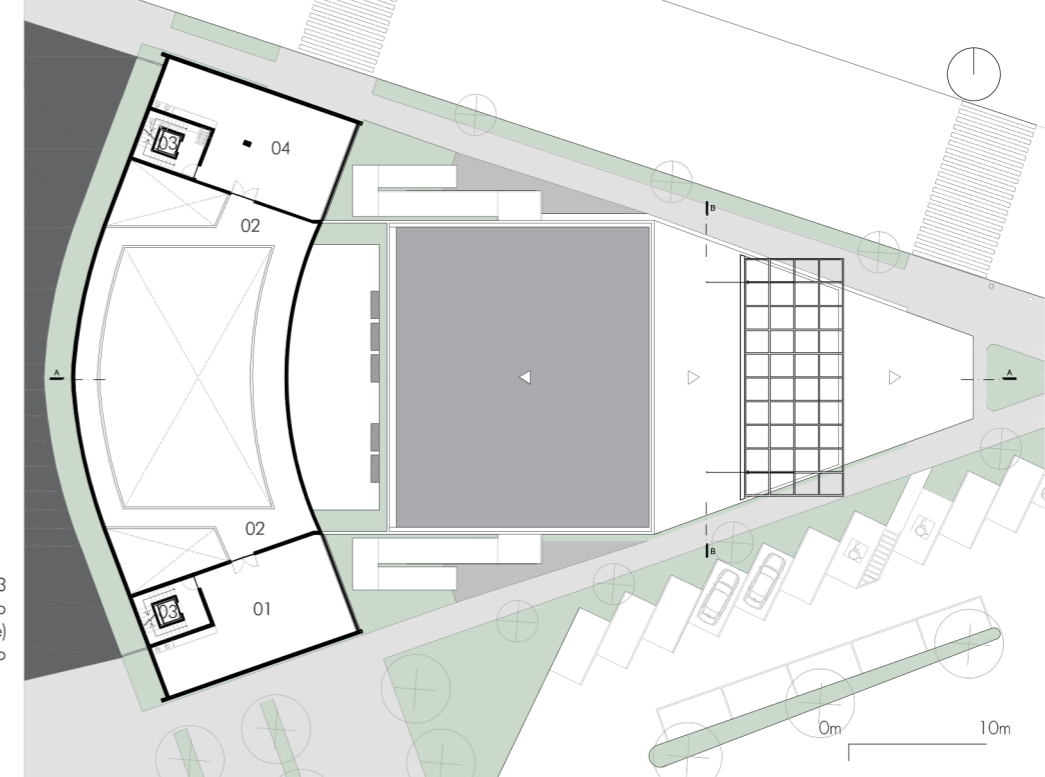
**Figura 41 |  
Subsolo e Térreo**

Fonte: Autor, 2020.

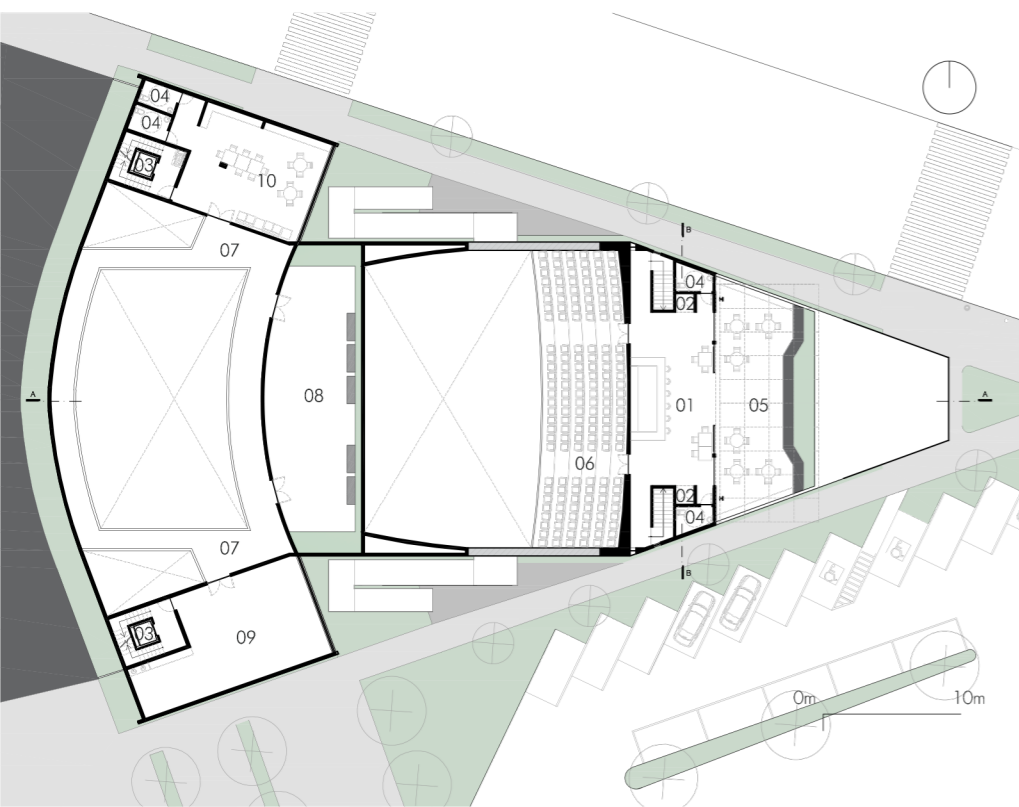




- 01\_ Hall de circulação e exposição
- 02\_ Elevadores hidráulicos (novo)
- 03\_ Elevadores (existente)
- 04\_ PNE
- 05\_ Camarotes
- 06\_ Sanitário masc.
- 07\_ Sanitário fem.
- 08\_ Espera
- 09\_ Depósito
- 10\_ Circulação
- 11\_ Camarim coletivo
- 12\_ Sala multiuso 1

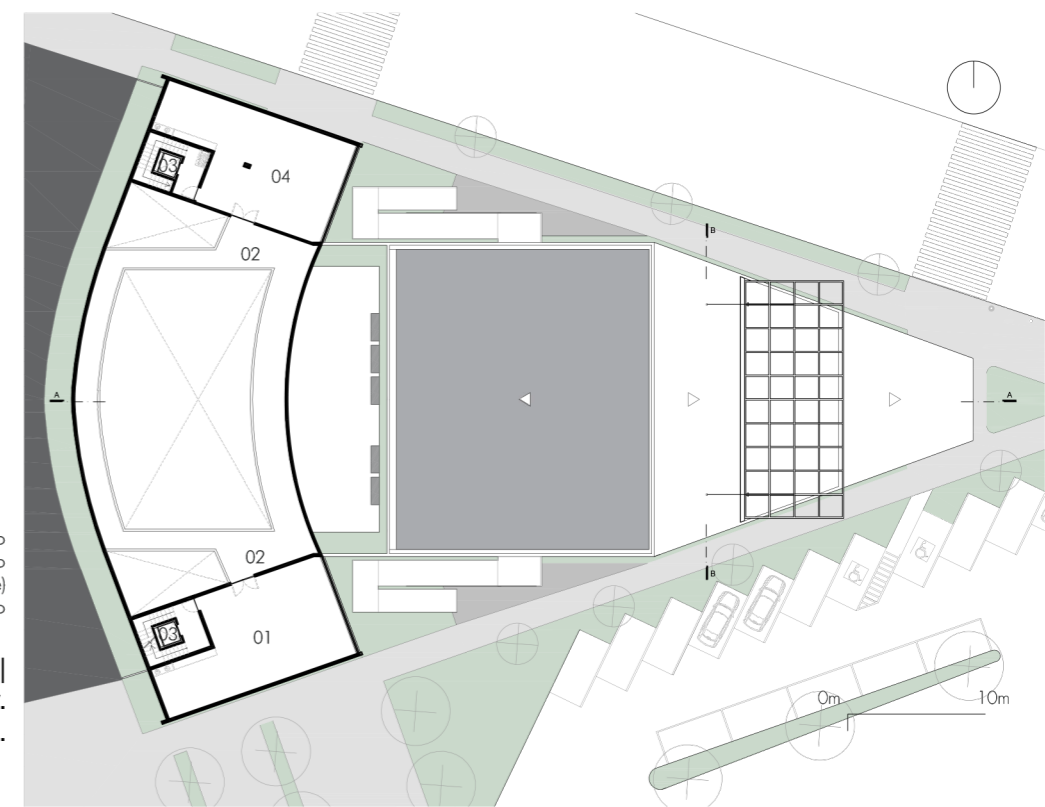


- 01\_ Sala Multiuso 3
- 02\_ Circulação
- 03\_ Elevadores (existente)
- 04\_ Sala Multiuso



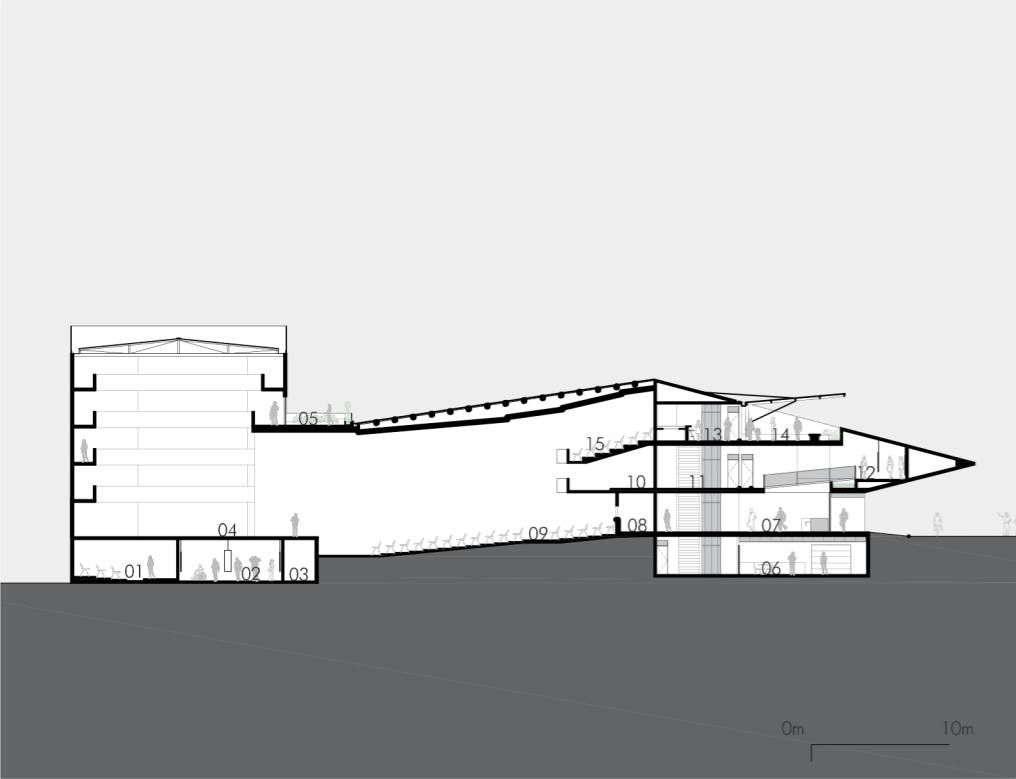
- 01\_ Café
- 02\_ Elevadores hidráulicos (novo)
- 03\_ Elevadores (existente)
- 04\_ PNE
- 05\_ Terraço jardim
- 06\_ Galeria
- 07\_ Circulação
- 08\_ Terraço para artistas e funcionários
- 09\_ Sala multiuso 2
- 10\_ Refeitório + descanso

**Figura 42 |**  
1º e 2º pav.  
Fonte: Autor, 2020.



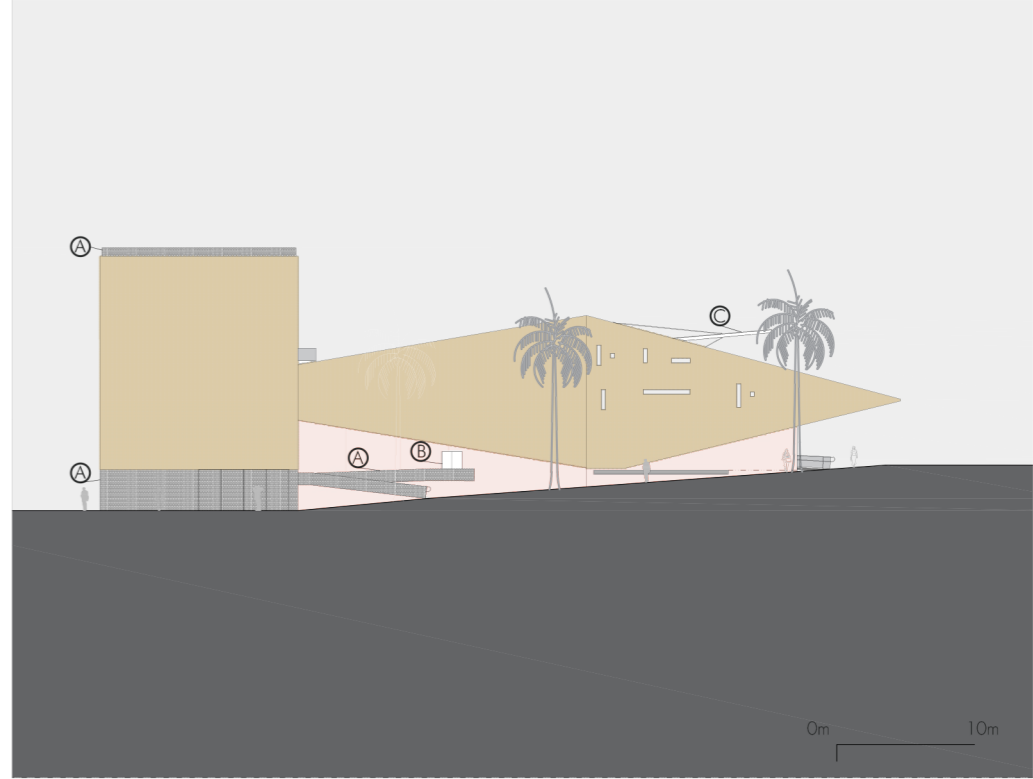
- 01\_ Sala Multiuso
- 02\_ Circulação
- 03\_ Elevadores (existente)
- 04\_ Sala Multiuso

**Figura 43 |**  
3º e 4º pav.  
Fonte: Autor, 2020.



- 01\_ Mini Teatro Paulo Pontes
- 02\_ Galeria de Artes Irene Medeiros
- 03\_ Depósito
- 04\_ Palco
- 05\_ Terraço para funcionários e artistas
- 06\_ Biblioteca
- 07\_ Foyer
- 08\_ Sala de som e projeção
- 09\_ Plateia
- 10\_ Camarins
- 11\_ Hall
- 12\_ Espera + exposição
- 13\_ Café
- 14\_ Terraço Jardim
- 15\_ Galeria

- A\_ Fechamento em Chapa metálica perfurada na cor branca
- B\_ Porta adequada para saída de emergência, na cor branca
- C\_ Coberta metálica atirantada



- 01\_ Biblioteca
- 02\_ Adm. Biblioteca
- 03\_ DML + Depósito
- 04\_ Foyer
- 05\_ PNE
- 06\_ Hall
- 07\_ Café

Figura 44 |  
Corte AA e BB  
Fonte: Autor, 2020.

Figura 45 |  
Fachada sul e leste  
Fonte: Autor, 2020.

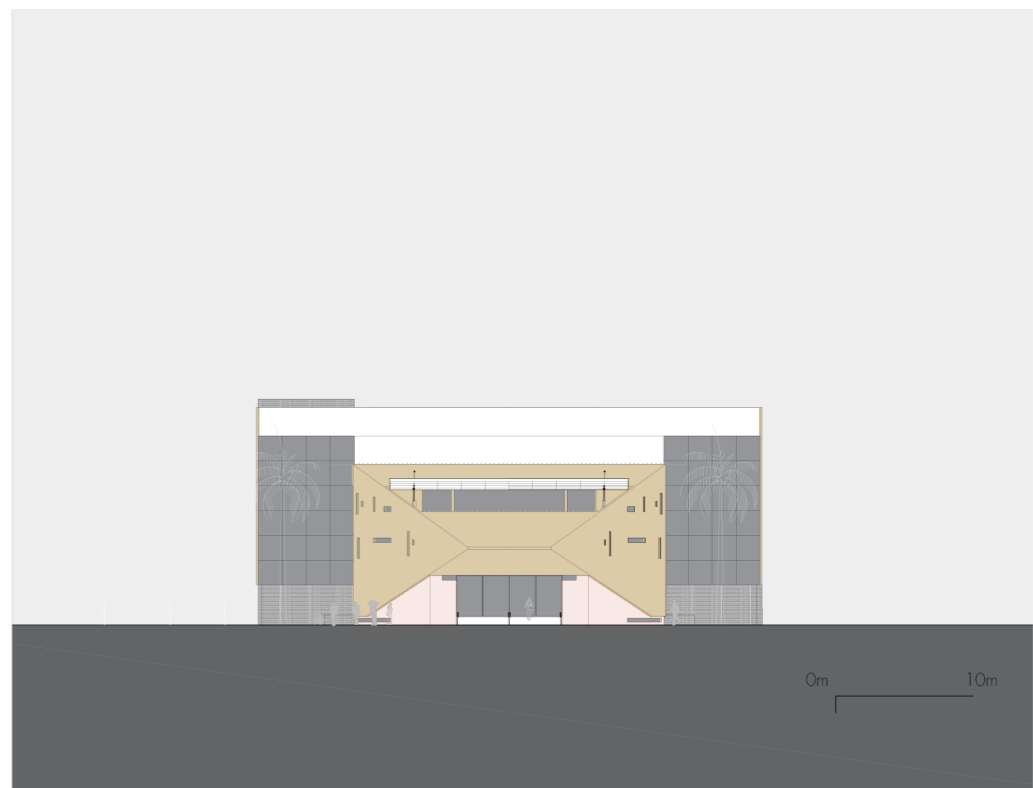


Figura 46 |  
Perspectiva geral

Fonte: Autor, 2020.



Figura 47 |  
Perspectiva geral  
do estacionamento

Fonte: Autor, 2020.





Figura 48 |  
Perspectivas da  
saída de emergên-  
cia

Fonte: Autor, 2020.



Figura 49 |  
Fluxo de saída da  
rampa de emer-  
gência

Fonte: Autor, 2020.





Figura 50 |  
Detalhe da estrutura  
atirantada

Fonte: Autor, 2020.



Figura 51 |  
Detalhes da estrutura  
da cobertura e  
dos acessos ao  
elevador e PNE

Fonte: Autor, 2020.



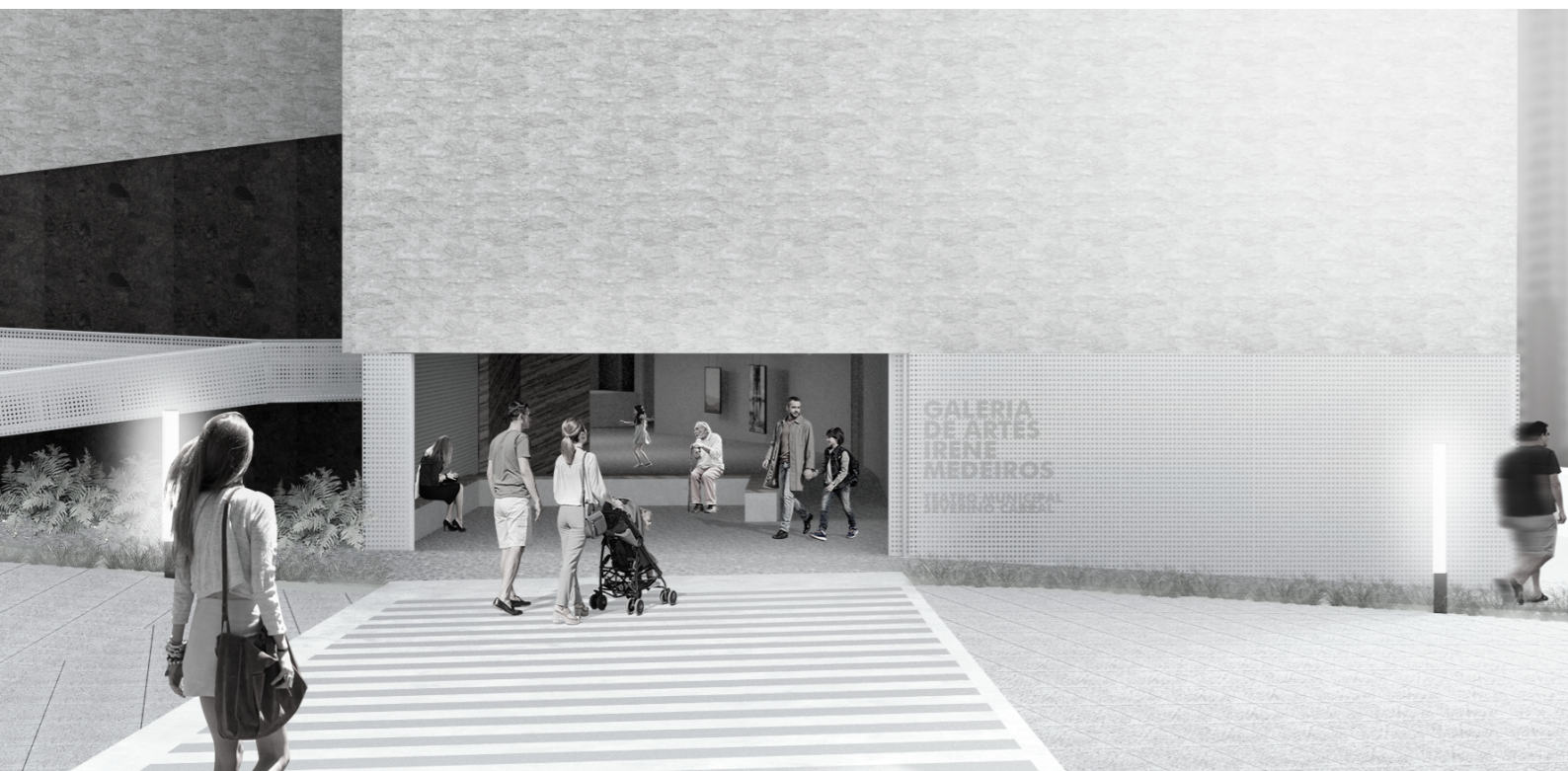


Figura 52 |  
Acesso pela Av.  
Dom Pedro II

Fonte: Autor, 2020.



Figura 53 |  
Acesso pela Av.  
Floriano Peixoto

Fonte: Autor, 2020.



## **CONCLUSÃO**

‘A casa caiu, e o teatro, vai cair?’. Essa indagação surge como uma alerta, acerca dos (des)tratos em relação ao patrimônio histórico arquitetônico. Dos casarios centenários, àqueles do século XX. Quando não cai, ou, enquanto não cai... é demolido, é descaracterizado.

Enquanto isso, reafirma-se a contribuição desse trabalho, dando continuidade às discussões relacionadas a conservação e manutenção desses exemplares. São muitos os obstáculos, inclusive atrelados aos questionamentos do que preservar, para que preservar e como preservar?

Nesse sentido, esse trabalho tem como fim, além de propor um caminho possível de conservação, por meio de uma proposta de restauro do TMSC, reunir informações que subsidie esses questionamentos.

Nesse sentido, este trabalho expõe o TMSC, em suas diversas dimensões de análise. Enfatiza-se entre elas, a dimensão tectônica, enquanto expressão construtiva, “a arte da construção” (FRAMPTON, 1995).

Entende-se a tectônica enquanto meio analítico da expressão arquitetônica, que revela os diálogos entre a forma, a estrutura, os materiais, as peles, os detalhes, os revestimentos e o cromatismo material. Trata-se também, do sentimento em relação à obra. A

percepção tátil, espacial e subjetiva.

A noção da tectônica, não está longe de outras percepções, com por exemplo, da conservação. Pois os danos afetam, não somente componentes isoladamente, eles afetam a expressão arquitetônica do edifício. Compreendendo que o ápice de sua repercussão, é o colapso.

Esse trabalho contribui, por fim, com os que vêm sendo desenvolvido no Grupo de Pesquisa Arquitetura e Lugar (GRUPAL). Tal grupo tem se esforçado em gerar discussões, resgates, exposições, propostas e reivindicações, além do âmbito acadêmico, chegando nas camadas sociais e políticas de Campina Grande.

Conclui-se então, enfatizando a importância do diálogo da academia, que gera conhecimento; com a sociedade (que deve usufruir desse conhecimento); e os diversos níveis políticos, que possuem as ferramentas para a concretização dessas questões.

## REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

AFONSO, A. *O processo de industrialização na década de 1960 e as transformações da paisagem urbana do bairro da prata, em Campina Grande*. In: Seminário Internacional de Investigación em urbanismo, 9., 2017, Barcelona. Anais eletrônicos... Barcelona, UPC, 2017, 16 p. Disponível em: [https://upcommons.upc.edu/bitstream/handle/2117/107530/16BCN\\_AfonsoAlcilia.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://upcommons.upc.edu/bitstream/handle/2117/107530/16BCN_AfonsoAlcilia.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: jul. 2020.

AFONSO, A. *Proposta metodológica para pesquisa arquitetônica patrimonial*. In: Simpósio Científico do ICOMOS, 3., 2019, Belo Horizonte. Anais eletrônicos... Belo Horizonte: ICOMOS, 2019. P. 1-18. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/iiiisimpósioicomosbrasil/>. Acesso em: ago. 2019.

AFONSO, A. *Tectônica da modernidade: desafios para a preservação da arquitetura moderna no nordeste brasileiro*. In: Simpósio Científico do ICOMOS Brasil, 2., 2018, Belo Horizonte. Anais eletrônicos... Belo Horizonte, ICOMOS, 2018. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/108yLgsUaACVnaP2zK5E-yiGLXjtWTKaoS>. Acesso em: jul. 2020.

AFONSO, A; GARCIA, M. *Reconhecimento da paisagem moderna da Prata. Campina Grande.PB*. In: Colóquio Ibero-Americano: Paisagem Cultural Patrimônio e Projeto, 5., 2018, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: UFMG, 2018. 20 p.

AFONSO, A; MENESES, C; *Patologia do patrimônio moderno. O caso do Teatro Municipal Severino Cabral. Campina Grande - PB*. In: Colóquio Ibero-Americano: Paisagem Cultural, Patrimô-

nio e Projeto, 4., 2018, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: UFMG, 2018. 17 p.

Amaral, I. *Quase tudo que você queria saber sobre tectônica, mas tinha vergonha de perguntar*. Pós. Revista Do Programa De Pós-Graduação Em Arquitetura E Urbanismo Da FAUUSP, São Paulo, v. 26, n. 26, p. 148-167, 2009. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/43644>. Acesso em Jul. 2020.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 6492: Representação de projetos de arquitetura*. Rio de Janeiro. 1994.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos*. Rio de Janeiro. 2015.

FRAMPTON, K. *Studies in tectonics culture*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1995.

ICOMOS. *Carta de Burra (1980)*. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Burra%201980.pdf>. Acesso em: maio 2020.

ICOMOS. *Carta de Veneza (1964)*. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>. Acesso em: maio. 2020.

KUHL, B. *Cesare brandi e a teoria da restauração*. Pós. Revista Do Programa De Pós-Graduação Em Arquitetura E Urbanismo Da FAUUSP, v. 21, n. 21, p. 197-211, 2007. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/43516>. Acesso em Jul.

2020.

KUHL, B. *Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização: Problemas Teóricos de Restauro*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2018.

LICHTENSTEIN, N. *Patologia das construções*. São Paulo: Boletim Técnico Nº06/86 da Escola Politécnica da USP, 1986. Disponível em: [http://www.pcc.poli.usp.br/files/text/publications/BT\\_00006.pdf](http://www.pcc.poli.usp.br/files/text/publications/BT_00006.pdf). Acesso em: jul. 2020.

MAHFUZ, E. *Reflexões sobre a construção da forma pertinente*. *Arquitextos*, São Paulo, n. 045.02, fev. 2004. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.045/606>. Acesso em: jul. 2020.

MASCARÓ, J. *Loteamentos Urbanos*. Porto Alegre: Editora L. Mascaró, 2003.

MONTANER, J. *As formas do século XX*. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

PINON, H. *Teoria do Projeto*. Porto Alegre: Livraria do Arquiteto, 2006.

QUEIROZ, M; ROCHA, F. *Caminhos da Arquitetura Moderna em Campina Grande: emergência, difusão e produção dos anos 1950*. In: Diniz, Fernando (org.). *Arquitetura Moderna no Norte e Nordeste do Brasil: universalidade e diversidade*. Recife: FASA, 2007, p. 259 -278.

RIBEIRO, R.; NÓBREGA, C. (org.). *Projeto e Patrimônio: Refle-*

*xões e Aplicações*. Rio de Janeiro: Rio Books, 2016.

ROVIRA, T.; GASTON, C. *El proyecto Moderno: Pautas de Investigación*. Barcelona: Ediciones UPC, 2007. Disponível em: [https://issuu.com/maearq\\_med/docs/gaston-rovira\\_-\\_el\\_proyecto\\_moderno.\\_pautas\\_de\\_inv](https://issuu.com/maearq_med/docs/gaston-rovira_-_el_proyecto_moderno._pautas_de_inv). Acesso em: jul. 2020.

SENADORES Argemiro Figuêredo e Guido Modim presentes: *caloros aplausos do povo ao prefeito Cabral*. Diário da Borborema, Campina Grande, 1963. Disponível em: [http://4.bp.blogspot.com/\\_LRqKt1aZer0/S18y21s30HI/AAAAAAAAABHY/nF7d6EEM-QBI/s1600-h/imagem.JPG](http://4.bp.blogspot.com/_LRqKt1aZer0/S18y21s30HI/AAAAAAAAABHY/nF7d6EEM-QBI/s1600-h/imagem.JPG). Acesso em: Jun. 2020.

SERRA, G. *Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo: guia prático para o trabalho de pesquisadores em pós-graduação*. São Paulo: Edusp, 2006.

TEATRO SEVERINO CABRAL. [Site institucional]. Disponível em: [https://web.archive.org/web/20050406150756/http://www.teatroseverinocabral.com.br/base\\_artigo.php?id=38](https://web.archive.org/web/20050406150756/http://www.teatroseverinocabral.com.br/base_artigo.php?id=38). Acesso em: Maio de 2020.

TINOCO, J. *Mapa de danos. Recomendações básicas*. Recife: CECI/MDU, 2009.

ZANCHETI, S. *A teoria contemporânea da conservação e a arquitetura moderna*. Olinda: Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada, 2014. Disponível em: [file:///C:/Users/diego/Downloads/texto\\_discussao\\_58.pdf](file:///C:/Users/diego/Downloads/texto_discussao_58.pdf). Acesso em: jul. 2020.

